

MANUEL MEDEIROS MADURO

**O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
NO CONCELHO DE MÉRTOLA**

**Estudo exploratório no âmbito da
Ecologia Humana**



ÉVORA - 1996

MANUEL MEDEIROS MADURO

**O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
NO CONCELHO DE MÉRTOLA**

**Estudo Exploratório no âmbito
da Ecologia Humana**



83076

**Dissertação apresentada para obtenção
do grau de Mestre em Ecologia Humana
pela Universidade de Évora**

**Évora
1996**

ÍNDICE	Página
NOTA PRÉVIA	5
INTRODUÇÃO	7
I OS CONCEITOS INTEGRADORES DO TEMA	11
1.1. ECOLOGIA E ECOLOGIA HUMANA	12
1.2. ECOLOGIA HUMANA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO	23
CONCLUSÃO	46
II CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA DO CONCELHO DE MÉRTOLA	48
2.1. LOCALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADE	49
2.2. O SISTEMA BIOFÍSICO	52
2.3. RAÍZES CULTURAIS	66
2.4. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS	85
2.5. AS ACTIVIDADES ECONÓMICAS	102
CONCLUSÃO	109
III O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO CONCELHO DE MÉRTOLA	113
3.1. A “PAISAGEM PROTEGIDA” DO VALE DO GUADIANA	114
3.2. OS PROGRAMAS COMUNITÁRIOS : VECTORES DE PROMOÇÃO DAS POTENCIALIDADES DA REGIÃO	120
3.3. OS ESTUDOS CIENTÍFICOS : UMA FORMA DE POTENCIAR OS RECURSOS	138

3.4. A VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS HUMANOS : QUAIS AS ESTRATÉGIAS ADOPTADAS?	141
3.5. S. DOMINGOS E POMARÃO: ESPAÇOS A REVALIZAR. QUE RUMOS ?	153
3.6. A PROBLEMATIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO DO CONCELHO DE MÉRTOLA	160
CONCLUSÕES FINAIS	191
BIBLIOGRAFIA	204
ANEXOS	214

NOTA PRÉVIA

O visitante percorre um imenso campo de xistos e estevas. Sente-se num mar de solidão, contudo, surge o primeiro povoado. Aqui, encontra conforto, na simpatia e acolhimento de rostos que o transportam a outra dimensão, e descobre a calma, a serenidade e o lúcido olhar.

A ideia para este trabalho surgiu ao longo das aulas do Mestrado em Ecologia Humana na Universidade de Évora. Germinou, envolvida numa atmosfera de ligação afectiva a esse “pedaço de terra”, onde mergulham as minhas raízes. Aqui, conheci os contornos da tragédia humana que envolviam a luta pela sobrevivência. Vidas feitas de desafios : nos “saltos” a Espanha através do Chança, nas galerias das minas, nas ceifas em terras íngremes e abrasadoras... Senti as necessidades e partilhei os anseios, de vidas cheias de misérias mas também com muitas grandezas. Escutei a poesia e aprendi com o seu “saber”, feito de noções decantadas pela experiência e pela meditação ...

Hoje, pretendo conhecer as múltiplas iniciativas que se estão a erguer à luz de um desenvolvimento durável de rosto humano. Os contextos mudaram, contudo afirmam-se outros desafios...

Para todos os que me proporcionaram um conhecimento mais autêntico da realidade humana, que não pode ser traduzida pela frieza dos números ou estética dos gráficos, corre uma imensa gratidão.

Estas páginas são inacessíveis a muitos que, com palavras ou imagens, contribuíram para o desenvolvimento desta temática. Uma dívida contraída, pois “é insultuoso que nós possamos ler sobre a sua vida e eles não o possam fazer” (Jenkins, 1979).

A ideia para este trabalho ganhou forma com a colaboração manifestada pelo Professor Doutor Joaquim Manuel Nazareth, ao qual expresso o meu agradecimento.

Um trabalho desta natureza não se faz sem ajudas. Assumindo inteira responsabilidade pelas insuficiências do resultado final, não posso deixar de agradecer, a todos quantos pelo seu apoio e incentivo, contribuíram para levar a efeito esta dissertação.

Agradeço à Câmara Municipal de Mértola, ao Campo Arqueológico de Mértola, à Associação de Defesa do Património de Mértola, à Quercus e a todos os que, com simpatia, me receberam nos lugares mais recônditos do concelho.

À Lurdes e ao João por não lhes ter dado a atenção que me merecem, espero que saibam reconhecer e desculpar-me.

Dedico este trabalho a meus pais

INTRODUÇÃO

“Dés qu’il est conçu come global, le developpement ne peut plus être l’extension directe du monde entier des connaissances, modes de pensée, modes de vie aux experiences propres à une seule region du globe; il faut mettre chaque developpement local en relation avec ses valeurs et sa culture propres”

M. Amadou - Mahatar M Bow (frase proferida por ocasião da 14ª sessão da Comissão Económica para África, Março de 1979)

A temática em foco gravita em torno do conceito de “desenvolvimento”. O seu carácter multivariado e a inexistência de casos paradigmáticos que ilustrem um ideal, favorecem as opiniões de certos autores que consideram algo de utópico.

O conceito de “desenvolvimento” que tem predominado nas sociedades emergentes da Revolução Industrial assenta no crescimento económico e no sucesso material, menosprezando as dimensões social, cultural e ecológica. Os equívocos e mitos do passado estão a ceder o lugar a novas lógicas. Cada vez

está mais aberto à interdisciplinaridade, à análise integrada e sistémica, às dimensões ambiental, cultural, à valorização do seu sentido humano. A capacidade de escolha entre opções diferentes é de primordial importância para melhorar o bem estar humano, isto é, “o que é decisivo não é o processo de maximização da riqueza, mas as escolhas dos indivíduos e das sociedades” (1). Muitos países, “possuem PNB per capita elevado e índices de desenvolvimento humano baixos e vice-versa” (2). O próprio IDH (3) do país pode ocultar muitos problemas. A solução passa pela utilização de diferentes IDH desagregados, por exemplo, por sexo, grupos de rendimento, região geográfica, grupo étnico. A liberdade, os direitos do Homem, a “contabilidade ecológica”, as raízes culturais, apresentam uma certa dificuldade em se integrarem no IDH. O conceito de desenvolvimento humano é muito mais vasto e rico que a imagem quantitativa dada por qualquer índice ou conjunto de indicadores.

O conceito de “desenvolvimento sustentável” surgiu da Comissão Mundial para o Desenvolvimento, que elaborou os seus princípios fundamentais em 1987, ficando estes conhecidos como “Declaração de Tóquio”. Esta Comissão definiu-o como um processo de mudança orientada, em que a exploração dos recursos, o sentido dos investimentos, o norteamento do desenvolvimento tecnológico e as mutações institucionais estão todos em harmonia e incrementam a capacidade presente e futura de dar satisfação às necessidades e aspirações humanas.

Na Cimeira da Terra (Eco 92) foi feito um diagnóstico do planeta Terra e apontada a solução do desenvolvimento sustentado, no entanto, entre as intenções e a realidade erguem-se grandes barreiras...

Enquanto à escala mundial ainda se mantêm as velhas premissas económicas, começam a surgir algumas experiências embrionárias, especialmente em áreas com sérios problemas humanos e ecológicos. Contudo o percurso apresenta-se cheio de encruzilhadas, desvios, recuos, resistência, a par de episódios de avanços e inovações.

Estas iniciativas de desenvolvimento local podem “desempenhar um papel fundamental na busca de um novo conceito de Desenvolvimento, ou seja de libertação dos constrangimentos e envoltórios que impedem a plena realização da Humanidade, nas suas vertentes individual, social e ambiental” (Rogério Roque) (4).

Esta dissertação visa a exploração da temática da sustentabilidade, dando continuidade ao estudo já efectuado, no âmbito da Ecologia Humana: “Desertificação e dinâmica populacional no concelho de Mértola” (1990), onde estão salientes os mecanismos que conduziram aos desequilíbrios ecológicos.

A Ecologia Humana apresenta um perfil adequado para abordar a temática do desenvolvimento sustentado, quer pela posição que ocupa no conjunto das ciências naturais e humanas, quer pela metodologia prospectiva.

“Na realidade, não existem problemas económicos, sociais, ecológicos, psicológicos, etc. mas simplesmente problemas que são mistos e complexos” (Myrdal, 1975) (5). Assim, justifica-se a prática da multidisciplinaridade onde as análises quantitativas e qualitativas se complementam para uma percepção mais aproximada da realidade, poliedro de múltiplas faces.

Assim, em função do exposto, no capítulo introdutório, faz-se uma breve alusão às mudanças no conceito de desenvolvimento e, conseqüentemente ao emergir, na década de 80, do conceito de desenvolvimento sustentável que integra factores ambientais, sociais, culturais . Neste contexto insere-se o trabalho a realizar no concelho de Mértola, na perspectiva da Ecologia Humana.

No primeiro capítulo apresentam-se os grandes conceitos integradores do tema, uma forma de familiarizar o leitor com os alicerces teóricos da temática, fornecendo-lhe elementos para dilatar a sua capacidade crítica. Faz-se uma viagem através do processo evolutivo da Ecologia e seguidamente apresentam-se as linhas orientadoras do desenvolvimento sustentável que se inserem no domínio da Ecologia Humana, pelos princípios apresentados e pela metodologia prospectiva que as análises suscitam.

No segundo capítulo faz-se uma caracterização ecológica do concelho nas suas vertentes natural e humana. Esta abordagem deve ser vista numa forma interactiva e globalizante, favorecendo as múltiplas correlações entre as variáveis componentes.

No terceiro capítulo apresentam-se alguns projectos e iniciativas locais, inseridos no âmbito do desenvolvimento sustentado do concelho de Mértola, analisados na perspectiva da Ecologia Humana.

(1) Relatório do PNUD, 1994 pp. 17

(2) Relatório do PNUD, 1994, pp. 15

(3) Na elaboração deste Índice de Desenvolvimento Humano o PNUD utilizou três variáveis : o nível de saúde, representado pela esperança de vida a partir nascimento; o nível de instrução, representado pelo nível de alfabetização dos adultos e pelo número médio de anos de escolaridade; o padrão de vida medido pelo poder de compra baseado no PIB real percapita ajustado aos custos de vida locais (paridade do poder de compra ou PPC).

(4) Revista "A Rede", 1994, nº 11, pp. 22

(5) Revue Internationale des Sciences Sociales, Mars, 1995, pp. 15

I - OS CONCEITOS INTEGRADORES DO TEMA

A Ecologia Humana ao proporcionar uma investigação de carácter multidisciplinar, através de uma atitude científica integradora e de uma pesquisa metodológica que tem em conta as múltiplas interacções entre os domínios físico, biológico, social, económico e cultural, ocupa uma posição privilegiada para abordar o desenvolvimento sustentado.

1.1. ECOLOGIA E ECOLOGIA HUMANA

“ A ecologia é a matriz viva duma nova consciência e duma nova cultura, a da nossa pertença à natureza e a da existência dela no mais profundo de nós mesmos, seres humanos, ao mesmo tempo componentes e actores do seu sistema global”

J. Paul Deléage, 1993

A Ecologia é “o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o meio” (Enciclopédia Britânica), criando assim um sistema de interdependências dinâmicas. Qualquer organismo, incluindo o homem está num contínuo processo de adaptação a um meio exterior a si próprio.

Desde os tempos mais recuados da história que o homem se tem interessado pela ecologia. As obras de Hipócrates, Aristóteles e de outros filósofos da cultura Grega têm conteúdos de natureza ecológica, no entanto só com Ernest Haeckel, biólogo alemão, se utilizou a palavra ecologia, nos fins do Séc. XIX. Desde 1866 existe uma definição precisa no seu livro, *Generelle Morphologie der Organismen*: “por ecologia, entendemos a ciência das relações dos organismos com o mundo exterior onde podemos reconhecer duma maneira mais ampla, os factores da (luta pela existência). Estes são, em parte, de natureza inorgânica; são... da maior importância para a forma dos organismos que constroem em adaptar-se. Entre as condições de existência de natureza inorgânica, a que qualquer organismo deve submeter-se, pertencem em primeiro lugar as características físicas e químicas do habitat, o clima (luz, temperatura, humidade e electrização da atmosfera) as características químicas (alimentos não orgânicos) a qualidade da água, a natureza do solo, etc. Sob a designação de condições de existência, entendemos o conjunto das relações dos organismos uns com os outros, quer favoráveis, quer desfavoráveis. Cada organismo tem

entre os outros organismos, amigos e inimigos... Os organismos que servem de alimento aos outros, ou que deles dependem como parasitas, devem também ser colocados na categoria de condições de existência " (6).

Nos princípios do Séc. XX, a ecologia transforma-se numa verdadeira ciência, ligada às ciências biológicas, surgindo assim os primeiros manuais de carácter científico (E. Warning, *Oecology of Plants*; F. E. Clements, *Research Methods in Ecology*). Esta ecologia científica deve a Darwin alguns conceitos fundamentais : as relações entre os seres vivos, o processo de adaptação ao meio.

A ecologia humana surgiu no início dos anos 20 deste século.

Apesar dos três ramos da ecologia científica se terem desenvolvido em momentos diferentes, têm uma certa identidade de pontos de vista o que conduziu ao aparecimento da ecologia geral. É nesta ecologia que se identificam alguns conceitos fundamentais :

- A natureza reúne certos tipos de seres num lugar - biótipo (meio físico);
- O biótipo é o suporte do habitat;
- O biótipo é constituído por elementos naturais (ar, água, solo, clima);
- No habitat estão organismos vivos que vivem em comunidade (biocenose)
- O biótipo e a biocenose constituem o ecossistema (um pântano, uma duna - são pequenos ecossistemas);
- O conjunto de ecossistemas semelhantes, à escala mundial, são os biomas
- A ecologia começa a ser referida como uma ciência que estuda os ecossistemas (organismos e substâncias não vivas que se inter-relacionam, para produzirem um intercâmbio de matérias);
- Surgem conceitos como intercâmbio, equilíbrio, cadeias tróficas,

(6) Deléage, "História da Ecologia", 1993, pp.58

circulação da energia;

- Surge a ideia de o ecossistema se apresentar como um organismo vivo (respira, cresce, alimenta-se, atinge a maturidade e morre). Pode-se especializar (muitos seres e poucas espécies) ou generalizar-se (muitas espécies e poucos seres).

A evolução conceptual referida nega a confusão que se estabelece entre biologia e ecologia. Assim se passou para o conceito de "ambiente". A expansão da ecologia criou a necessidade de especialização. O critério topográfico foi o primeiro (ecologia da floresta húmida, do deserto, dos lagos...); depois surgiu o das espécies; surge a auto-ecologia (influência dos factores externos sobre os seres vivos) e sinecologia (os grupos de organismos associados entre si).

A Percepção da importância das relações entre o homem e o ambiente são afloradas em antigos documentos Chineses, Hindus, Cristãos, no entanto o equacionamento em termos científicos das relações homem - meio pertence em exclusivo ao século XX.

Na Ecologia Humana intervêm todos os factores bióticos e abióticos que interferem na ecologia das plantas e dos animais, no entanto é necessário referir que o homem pertence a uma espécie biológica, pouco dotada, heterotrófica, que comunica com eficácia, com capacidade criativa e capaz de alterar o meio natural e de construir ambientes artificiais, onde convergem uma multiplicidade de elementos - transportes, habitação, comunicações, religião, valores... Além disso esta espécie apresenta ainda outra característica - a sua grande mobilidade e adaptação a diferentes latitudes e altitudes.

Em 1991, Thompson estabelece uma relação entre os conhecimentos biológicos e as ciências sociais. Questões como a competição, a luta pela sobrevivência, passam a ser focadas no âmbito da ciências sociais.

Em 1921 Barrows identifica a ecologia humana como uma componente da geografia - os comportamentos humanos no espaço, assim como a diversidade

de respostas sociais e culturais ao meio, fascinam os primeiros ecólogos humanos.

Em 1925 Bernard apresenta uma classificação de ecossistemas onde se distinguem factores biossociais e psicossociais, iniciando a visão moderna da Ecologia Humana. Em 1936 com o trabalho de Ezca Park, "Ecologia Humana", cresceu o entusiasmo por esta área. A Escola de Chicago subestima a importância do meio físico, dando mais relevo ao social e cultural. Os sociólogos norte-americanos acompanhando o desenvolvimento da Ecologia Vegetal e Animal introduziram o termo "Ecologia" na Sociologia, sendo Park, Burgess e Mackenzie (Escola de Chicago) os primeiros a aplicarem ao estudo das comunidades humanas os esquemas teóricos básicos da Ecologia Vegetal e Animal. Assim a Ecologia Humana foi reduzida a condição de uma componente da Sociologia.

Ainda em relação aos ecólogos clássicos, o processo básico das relações humanas é a competição que implica luta pelo espaço. Park parte do conceito darwinista da "luta pela existência", como princípio ordenador e regulador da vida, mediante o qual se regula o número de organismos vivos, se controla a sua distribuição e se mantém o equilíbrio na natureza. Park considera que sociedade humana apresenta dois níveis básicos : o biótico e o cultural. Os componentes do sistema ecológico são:

- A população
- Os artefactos
- Os costumes e as crenças
- Os recursos naturais do habitat

Assim a Ecologia Humana, como sistema teórico, propõe-se explicar simultaneamente o equilíbrio biótico e a troca social.

Mackenzie foi outro ecólogo clássico que orientou a Ecologia Humana mais para o domínio económico que para o biológico. Aceitou o conceito de competição como processo ecológico fundamental. Classifica os factores

ecológicos em : geográficos, económicos, políticos, culturais, técnicos... Quanto aos processos ecológicos, defende os seguintes :

- Concentração regional
- Especialização regional
- Dispersão
- Centralização
- Descentralização
- Segregação
- Invasão
- Sucessão

Burgess defendia a opinião de que era preciso aplicar ao estudo das comunidades humanas o mesmo esquema teórico da ecologia vegetal e animal. Ele vai explicar a existência de uma luta pelo espaço utilizando os factores ecológicos e biológicos, usando mesmo as designações de domínio, sucessão, invasão, competição, simbiose (conceitos que passou a aplicar à análise dos processos sociais).

Assim Burgess elaborou a chamada “teoria das zonas concêntricas ou teoria dos círculos” aplicada a Chicago, em 1925, sendo conhecida por “modelo de Burgess”, que tinha como base os seguintes objectivos :

- Oferecer uma descrição generalizada da estrutura residencial de uma cidade num dado tempo.
- Ver como os processos ecológicos determinam esta estrutura.
- Estudar o impacte da expansão da cidade e o modo segundo o qual a mobilidade residencial pode afectar as características sociais de uma área.

Segundo Burgess, há portanto um deslizamento das áreas residenciais para o exterior, dado que cada grupo social pretende instalar-se na zona seguinte, mais

cara, pois a mudança representa uma ascensão social. Este processo poderíamos denominá-lo sucessão (estudado na Ecologia Vegetal).

A Ecologia Humana, na perspectiva de Park e dos seus colegas da Escola de Chicago era um método e um conjunto de conhecimentos essenciais para o estudo científico-social e uma disciplina básica a todas as ciências sociais.

Bews concebe a Ecologia Humana como uma síntese das ciências humanas.

Wirth ao perceber a dificuldade da Ecologia Humana se impor como síntese das ciências humanas, situa-se no estudo das áreas marginais das diferentes disciplinas. Porém esta posição reduzila-ia a uma “manta de retalhos”.

A partir de 1950 dá-se a revitalização da Ecologia Humana, para a qual contribuíram as obras de Quinn e Hawley.

A Ecologia Humana é, segundo Quinn um campo especializado de análise sociológica que investiga :

- os aspectos subsociais (bióticos) tanto espaciais como funcionais, que surgem da interacção entre o homem e o meio ambiente.
- a natureza e forma dos processos, através dos quais surge e se altera a estrutura social.

Neste sentido, estrutura ecológica é a comunidade com uma determinada distribuição no espaço e com uma divisão funcional do trabalho.

A posição de Quinn está mais próxima da dos ecólogos clássicos que a de Halley. Este recusa a distensão de Quinn entre nível de interacção subsocial e nível e interacção social, distinção que considerou como prolongamento da primitiva distinção entre nível biótico e cultural.

Hawley parte do pressuposto darwiniano da “luta pela existência” da necessidade de adaptação ao meio. Esta luta tem que ser colectiva e não individual fazendo, assim, do conceito de comunidade, o conceito chave da teoria.

A estrutura da comunidade é concebida como a organização de actividades de subsistência, como a forma em que a população se organiza para subsistir num determinado habitat.

Na comunidade, segundo Hawley, estabelecem-se dois tipos de relações funcionais : as comensalistas e as simbióticas.

As comensalistas dão lugar a grupos aptos para a reacção, para a defesa.

As simbióticas dão lugar a grupos aptos para a acção, para a produção.

Como exemplos da Estrutura Comunitária Halley menciona : Comunidade Independente e a Comunidade Dependente.

A comunidade Independente é uma entidade autónoma que produz a maior parte dos bens e serviços que consome.

A Comunidade Dependente não é autónoma, obtém a subsistência através do intercâmbio com outras comunidades.

As características da teoria ecológica de Halley são as seguintes :

- importância do meio ambiente - da sua interacção com a população surge a organização;
- importância da população, dado que a adaptação se realiza mediante uma organização e nesta o que conta são as propriedades de grupo;
- importância da organização que pode ser considerada em duas perspectivas - estática (conjunto de funções e relações inter-reunidas) e dinâmica (processo de adaptação a um meio ambiente) - correspondem às perspectivas da organização social;
- importância do equilíbrio - (equilíbrio que é sempre instável), dado que a população está sempre aberta ao meio.

Na mesma linha de Hawley está Duncan. Para este o marco de referência da Ecologia Humana é o conceito de Ecosistema, que é constituído por quatro elementos :

- População
- Meio Ambiente
- Tecnologia
- Organização

Duncan faz detalhadamente as inter-relações entre eles. Para ele a População

tem sempre que viver num Meio Ambiente determinado, na sua interacção com o meio, a população adopta uma determinada Organização Social (familiar, económica, política, religiosa, etc.). Como produto dessa interacção surge a Tecnologia. O ajustamento de uma população ao seu meio, não é um modo de equilíbrio estático, mas sim um processo contínuo e dinâmico. Desta interacção surge a Cultura que pode ser material (tecnológica) e não material (organização).

Ducan define a Ecologia Humana do seguinte modo :

Estudo da interacção entre as populações humanas e os ambientes naturais, por meio da tecnologia regulada pela organização social.

A teoria do Ecosistema Social deve-se principalmente a Ducan e a Odum.

Para Odum a Ecologia Humana só se ocupa dos quatro níveis mais altos da Organização : População, Comunidade, Ecosistema e Biosfera.

- População é o grupo de indivíduos de qualquer classe de organismos.
- Ecosistema é o sistema interactivo de uma comunidade com o seu ambiente não vivo.
- Comunidade (ou comunidade biótica) é o conjunto de populações de uma dada área.
- Biosfera é a porção de terra em que podem operar os ecossistemas (solo, ar, água).

Para Odum, a maior complexidade e diversificação do ecossistema é um factor de estabilidade e capacidade de sobrevivência do mesmo - aplica-se também aos ecossistemas sociais.

Depois desta evolução da Ecologia através dos tempos, ora identificada com a Biologia, ora com a Geografia e, finalmente, com a Sociologia, é necessário situar o seu objecto de estudo.

Após uma fase de indiferença pela problemática da Ecologia Humana, os anos 70 são caracterizados pelo retomar da visão global inicial, com preocupações de carácter metodológico.

Na actualidade a Ecologia Humana é considerada um novo nível de pensamento ao alcance das diferentes disciplinas. Não é mais vista como um capítulo de uma ciência ou a síntese de todas as ciências ou o estudo das áreas marginais de todas as ciências.

A Ecologia Humana considera o homem como um todo, um sistema de órgãos e funções, dotado de instintos e de inteligência, com um património genético e cultural; e, inserido num meio e esse meio é constituído pelo universo biótico, abiótico e social.

Apresentam-se assim dois sistemas em dinamismo constante. Um deles é o sistema-homem que está dependente do sistema meio-ambiente.

O sistema-homem é equipado com sensores que recebem como informações alterações que ocorrem no meio ambiente. A descodificação das informações recebidas é feita em função do património genético, imunoquímico, intelectual, cultural e afectivo de cada homem, e a elaboração de cada resposta está igualmente dependente dos factores que variam em cada sistema homem.

No sistema-ambiente temos que considerar o ambiente natural e o ambiente artificial.

Do ambiente natural fazem parte os factores químicos, biológicos e espaciais.

Do ambiente artificial fazem parte, por exemplo, a Educação, a Sociedade, o Urbanismo.

A Ecologia Humana é o estudo interdisciplinar das interacções entre o homem e o ambiente, realizado através da metodologia sistémica e com objectivos prospectivos.

A Ecologia Humana estuda, numa perspectiva global e interactiva os diferentes "ambientes" que tratam e interagem sobre o homem, desde o ambiente físico, químico ou biológico, até aos ambientes sociológico, ecológico, cultural, técnico e espiritual.

Que ligação entre a Ecologia Humana e o desenvolvimento sustentável ?

O desenvolvimento sustentável é segundo a Comissão Mundial do Ambiente e Desenvolvimento, um processo de mudança orientada, em que a exploração dos

recursos, o sentido dos investimentos, o norteamento do desenvolvimento tecnológico e as mutações institucionais estão todos em harmonia e incrementam a capacidade presente e futura de dar satisfação às necessidades e aspirações humanas.

Esta temática é do âmbito da Ecologia Humana, pois põe em relevo as interações dinâmicas entre os domínios biológico, social, cultural e económico, nas fases de diagnóstico e planificação do desenvolvimento. Esta perspectiva interdisciplinar é muito enriquecedora, pois observa a realidade como um todo, contrariando as análises sectoriais, fragmentadas, que dificilmente podem conceber soluções viáveis que permitem gerir a complexidade de forma equilibrada, sem comprometer as aspirações das futuras gerações.

Os termos Ecologia e Ambiente passaram a ser discutidos pelo público, pela comunicação social e pelos políticos. Poucas expressões científicas ganharam tanta popularidade em tão pouco tempo, deixaram de ser conceitos estranhos e passaram a integrar as preocupações de todos os que têm consciência dos sérios problemas que afectam o planeta Terra.

No pós-guerra, a consciência da destruição irreparável do ambiente levou as Nações Unidas a promover a criação, em 1948, da UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais). Este é um organismo híbrido, misto de organização intergovernamental e não governamental.

Em 1961 um conjunto de conservacionistas ingleses resolveu dinamizar a componente não governamental associada à UICN, criando o WWF (World Wide Fund for Nature), hoje a maior organização mundial de protecção do ambiente, com representação em dezenas de países. O WWF gere projectos em mais de setenta países do mundo e tem o estatuto de consultor oficial junto da ONU, Banco Mundial e outras organizações internacionais. Precursor de novos modelos e instrumentos internacionais de defesa do ambiente, o WWF, é uma das instituições mais úteis a nível mundial.

Novos fenómenos marcaram o despertar da “consciência ecológica”: uma série de catástrofes nos anos 70 e 80 (acidentes nucleares, marés negras, inundações, desertificação e fome, destruição da camada de ozono); o movimento ecologista na década de 70; a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo, em 1972; o Relatório da Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento (Relatório Bruntland, 1987), que popularizou o conceito de Desenvolvimento Sustentável; e a Conferência do Rio de Janeiro sobre Ambiente e Desenvolvimento (Eco 92), em 1992.

A Conferência das Nações Unidas sobre o ambiente e Desenvolvimento (Eco 92) propôs-se fazer face aos gravíssimos problemas que ameaçam a espécie humana, no entanto, das solenes declarações e dos tratados às acções concretas vai uma grande distância. Maurice Strong, o secretário geral da conferência referia que os cidadãos de todo o mundo devem pedir contas aos seus políticos “pelo que fizeram e pelo que não fizeram”.

O biólogo Deevey, no paper “Sustaining life on the Earth”(7), equaciona os problemas demográficos e ecológicos e interroga-se sobre a sobrevivência humana no nosso planeta. Salienta que o diagnóstico aponta para um mundo mais quente, mais populoso e com múltiplos problemas ambientais. Por intrínseca necessidade de sobrevivência, acredita que uma nova consciência está a irradiar pelo mundo (as crianças deixaram as canções patriotas e já entoam cânticos ao ambiente). Para enfrentar este desafio faz apelo a um mundo mais unido e ao desenvolvimento do conhecimento científico para dar as respostas adequadas aos múltiplos problemas que surgem nas várias esferas que compõem a Terra.

No futuro reside a esperança de manter a pressão demográfica sem aumentar a carga ambiental. A ciência pode ajudar a atingir esse objectivo: A biotecnologia , o desenvolvimento de novas fontes energéticas, as pesquisas no domínio da nanotecnologia e dos micro-electrónicos, poderão ser preciosos para uma gestão mais racional dos recursos do planeta Terra.

(7)Revista “Scientific American”, Out. 1994

Estão a emergir novas instituições, novas tecnologias e novas atitudes que podem definir uma trajectória diferente no desenvolvimento.

1.2. ECOLOGIA HUMANA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

“ O desenvolvimento humano sustentável é um desenvolvimento que não gera apenas crescimento económico, mas distribui também os seus benefícios imparcialmente. Regenera o ambiente em vez de o destruir; fortalece o povo em vez de o marginalizar. É o desenvolvimento que dá a prioridade aos pobres alargando as suas escolhas e oportunidades, proporcionando-lhes uma participação nas decisões que afectam as suas vidas ...”

Relatório do Desenvolvimento Humano, 1994

Anteriormente verificámos que o conceito de Ecologia sofreu transformações ao longo do tempo. Também os pilares mais importantes em que assentava o conceito de desenvolvimento, estão a ser profundamente abalados e substituídos por novas lógicas, em que o homem assume papel de relevo. Face a estas mudanças conceptuais, a realidade passa a ser observada na sua

complexidade. A Ecologia Humana tem uma posição privilegiada, no conjunto das ciências naturais e humanas, para fazer essas abordagens.

O conceito de “desenvolvimento” que tem predominado nas sociedades que emergiram da Revolução Industrial, assentou, nas seguintes ideias - chave (8) :

- O crescimento económico é a condição necessária e suficiente para que se verifique o desenvolvimento, podendo-se avaliar através dos indicadores económicos de síntese (PNB/capita, taxa de investimento, etc.), relegando para segundo plano as dimensões social, cultural, política, etc.;
- O desenvolvimento afere-se fundamentalmente por indicadores de quantidade;
- Para haver desenvolvimento tem de se produzir cada vez maior quantidade de bens e serviços que tenham um valor económico. O “produtivismo” tende a valorizar sobretudo as actividades e o tempo produtivos, restringindo estes à mera produção de bens e serviços mercantis;
- A lógica do “consumismo”, com toda a carga de insatisfação, para garantir o escoamento do constante aumento da produção.
- O sector industrial foi o grande motor do desenvolvimento.
- A sobrevalorização do papel desempenhado pelo progresso tecnológico e na crença da sua capacidade “mágica” de gerar desenvolvimento, independentemente do lugar e do momento;
- Desse modelo de desenvolvimento gerou-se com frequência a ideia da sua universalidade, ou seja, da sua aplicabilidade a partir dos exemplos ditos “mais avançados”, a qualquer situação temporal e espacial. Assim nasceu o mito da “homogeneização” e da “massificação” e o equívoco do “etnocentrismo”.
- O desenvolvimento é valorizado ainda muitas vezes na sua vertente mais individualista, estimulando os sucessos, as realizações e o bem-estar individuais, ainda que tenha de ser à custa das suas dimensões colectiva e

(8) Roque, Revista “A Rede”, 1994, nº 11, pp.16-19

ambiental;

- Os processos de desenvolvimento são muitas vezes concebidos e construídos numa base funcional, hierárquica, mecânica, centralizada, encarando a maioria das populações como objectos;

Nesta perspectiva, ainda largamente dominante em muitas situações e países, o desenvolvimento tem sido essencialmente visto como tendo um percurso centrífugo (dos centros para as periferias).

É um processo segmentado na abordagem do ser humano (não articulando as suas dimensões individual, social e ambiental), portanto não interdisciplinar e integrado.

Os seus resultados têm sido, obviamente, negativos em muitos domínios, por exemplo:

- Relações Norte - Sul
- Relações inter-étnicas
- Abandono da "terceira idade"
- Discriminação sexual
- Ecológico
- Êxodo rural

Os factores de mudança no mundo actual são tantos, tão variados e tão profundos, que estamos, muito provavelmente perante grandes transformações no modelo de sociedade. O conceito de desenvolvimento, como nos refere Rogério Roque (9), está a ser guiado por novas lógicas :

- A base territorial (nacional) está a sofrer profundas alterações na sua autonomia, identidade e nas suas redes de solidariedade, confrontando-se, actualmente, com outros níveis territoriais de tipo supranacional, transnacional e infranacional.

(9) Revista "A Rede", nº11, 1994



- A base científica, até aqui caracterizada pela especialização disciplinar, por uma interpretação mecanicista e hierarquizada (à Newton) da realidade, concebida como uma sequência de relações causa-efeito, pelo princípio do equilíbrio e da ordem (inspirado na harmonia natural) está a dar lugar a novos paradigmas científicos, assentes na lógica da complexidade (e, por isso da interdisciplinaridade), numa perspectiva sistémica e integrada, numa visão mais biológica do que mecânica, numa concepção caótica da realidade, etc. que obviamente sustentarão novos conceitos e práticas de desenvolvimento.
- A base tecnológica também tem sofrido alterações radicais, com a melhoria verificada, por exemplo, na informática, na micro-eletrónica, na engenharia genética, nas energias alternativas, impondo novas relações entre o ser humano e as tecnologias, novas qualificações, novos modelos organizacionais, novas relações com o tempo e com o espaço, tudo isto com um forte impacto no desenvolvimento.
- A sociedade industrial, baseada na transformação da matéria, está a dar lugar a uma sociedade de informação, baseada na produção, transformação e divulgação desta.
- A base informativa e comunicativa das sociedades contemporâneas encontra-se também em profunda mudança, alterando-se completamente as noções de tempo e espaço, obrigando a mudar os modelos organizacionais, num sentido mais participado e democrático.
- A base política, assente num sistema democrático parlamentar de tipo representativo, terá de dar lugar a processos de decisão e participação politicamente mais adequados às novas bases territoriais, científicas, tecnológicas, informativas e comunicativas.

O desenvolvimento local começa a ter mais expressão. Quais os factores que motivam esse dinamismo?

- A base demográfica também se tem alterado consideravelmente, com o envelhecimento das populações da Europa (sobretudo do lado ocidental), em contraste com o que se passa nos outros continentes

(sobretudo em África) o que tem agravado as tensões migratórias e inter-étnicas, obrigando a encontrar novas soluções económicas, sociais, culturais e políticas para o Desenvolvimento de todas essas populações.

- Os eixos geo-estratégicos, que, com a Revolução Industrial se transferiram do Mediterrâneo para o Atlântico Norte, estão a afirmar-se cada vez mais no Pacífico. Neste contexto mais geral de profundas alterações nas bases de funcionamento das sociedades contemporâneas, têm-se vindo a multiplicar sobretudo nas últimas duas décadas e um pouco por todo o lado, as iniciativas de desenvolvimento local.

- A relação com a Natureza, baseada até agora na lógica do domínio por parte do ser humano, revelou-se catastrófica.

O desenvolvimento tende a integrar a nova consciência ambiental.

- Com os avanços realizados ao nível da investigação espacial também se estão a alterar as bases em que concebíamos o universo, o planeta Terra, a vida Humana...

- As mudanças operadas noutros pilares do Desenvolvimento, como nas suas bases ideológica, psicológica, cultural, etc.

Por estas e outras razões aqui não mencionadas, o conceito de Desenvolvimento vai sofrer profundas alterações nos seus conteúdos e práticas, tendendo a ser cada vez mais aberto à interdisciplinaridade, à análise integrada e sistémica, à ideia de diversidade, à dimensão ambiental, à participação, à valorização do seu sentido humano, etc.

Certamente que estas tendências não seguem um caminho regular e seguro, mas um percurso cheio de encruzilhadas, desvios, recuos, resistências, a par de episódios de avanços e inovações.

O conceito de “desenvolvimento sustentável” surgiu da reunião da Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento, criada em 1984. Esta Comissão apresentava como finalidades :

- repensar as questões críticas de ambiente e de desenvolvimento, formulando propostas de acção inovativas, concretas e realistas para solução daquelas questões;
- reforçar a cooperação internacional no respeitante ao ambiente e ao desenvolvimento, ponderando e propondo novas formas de cooperação que consigam quebrar as actuais rotinas e conduzam as políticas e os eventos em direcção à mudança necessária;
- fazer elevar o nível de compreensão e de empenhamento na acção por parte das pessoas, organizações voluntárias, do mundo dos negócios, das instituições e dos governos.

A concretização desta possibilidade depende de todos adoptarem o objectivo do desenvolvimento sustentável como meta suprema e pedra - de - toque da política nacional e da cooperação internacional. Para se ter sucesso na transição para o futuro sustentável no ano 2000 e mais além, será necessária uma profunda mudança dos objectivos da sociedade.

Esta Comissão elaborou os princípios fundamentais do desenvolvimento sustentável em 1987, ficando estes conhecidos como "Declaração de Tóquio", apelando a todos os países do mundo para integrarem este novo conceito de desenvolvimento nas suas metas e adoptarem os princípios que se seguem como guia de acções políticas (10)

- Reavivar o progresso

A pobreza é uma das grandes causas da degradação ambiental, que não só afecta grande número de pessoas nos países em vias de desenvolvimento mas também sapa o desenvolvimento sustentável das nações tanto desenvolvidas como em desenvolvimento. Os países industrializados podem e devem contribuir para reviver o programa económico mundial. É urgente que haja acção internacional para a resolução da crise do endividamento, um aumento substancial dos

(10) "O Nosso Futuro Comum", 1991

fluxos financeiros para o desenvolvimento e a normalização dos ganhos em divisas dos exportadores de mercadorias com baixos rendimentos.

- **Mudar a qualidade do progresso**

O progresso a reavivar deve ser de nova índole, em que a sustentabilidade, equanimidade, justiça social e segurança estão firmemente como grandes metas sociais. Uma componente indispensável de tudo isto será um caminho energético seguro e ambientalmente são. Educação, comunicação e cooperação internacional podem todas ajudar a atingir tais metas. Quem planeia o desenvolvimento deve ter em conta nos seus cálculos da riqueza nacional não só os índices económicos habituais mas também as quantidades ainda existentes dos recursos naturais. A melhor distribuição de rendimentos, a diminuição da vulnerabilidade a desastres naturais e a riscos tecnológicos, melhor saúde e preservação da herança cultural, tudo isto contribuirá para elevar a qualidade do progresso.

- **Conservar e melhorar a base de recursos**

A sustentabilidade exige a conservação de recursos ambientais, como o ar puro, água, florestas e solos; a manutenção da diversidade genética; o uso eficiente de energia, água e matérias primas. A melhoria da eficiência na produção deve ser acelerada, para que se reduza o consumo per capita de recursos naturais e se encoraje a transição para produtos e tecnologia não poluentes. Apela-se a todos os países para que impeçam por meio de imposição rigorosa de regulamentação ambiental, promoção de tecnologias que reduzam a quantidade de objectos e previsão do impacte de novos produtos, nova tecnologia e novos detritos.

- **Assegurar um nível populacional sustentável**

Devem ser formuladas políticas demográficas a integrar nos outros programas de desenvolvimento sócio-económico - educação,

cuidados de saúde e melhoria dos meios de vida dos pobres e facilitar o bom acesso a serviços de planeamento familiar.

- Reorientar a tecnologia e tentar riscos

A tecnologia acarreta riscos mas oferece os meios de tentá-los. A capacidade de inovação de tecnologia precisa de ser grandemente impulsionada nos países em desenvolvimento. A orientação do desenvolvimento tecnológico, em toda a parte, deve também ser mudada para que se dê maior atenção aos factores ambientais. Requerem-se mecanismos institucionais nacionais e internacionais, para avaliar os impactos potenciais de novas tecnologias antes de elas terem uso generalizado. Arranjos semelhantes são também necessários quanto às grandes intervenções em sistemas naturais, como desvio de leitos de rios ou abate de florestas. A responsabilização por danos involuntariamente causados precisa de ser reforçada e imposta. Deve ser promovida uma maior participação do público e o acesso livre à informação pertinente nos processos de tomada de decisões que possam bulir com questões de ambiente e desenvolvimento.

- Integrar o Ambiente e a Economia na tomada de decisões

Os objectivos do ambiente e da economia podem e devem ajustar-se para darem força uns aos outros. A sustentabilidade exige a imposição de responsabilidades maiores pelo impacto de decisões políticas. Quem toma essas decisões deve ser responsável pelo impacto que elas tenham sobre o capital de recursos ambientais de outros países. A acção deve ser orientada para as fontes de danos ambientais e não para os sintomas. A capacidade de prever e impedir danos ambientais requer que os aspectos ecológicos da política sejam considerados ao mesmo tempo que os relativos à economia, ao comércio, à energia, à agricultura ou outros.

- Reformar as relações económicas internacionais

O progresso sustentável a longo prazo exigirá mudanças de longo alcance, para produzir comércio e fluxos de capital e de tecnologia mais equitativos e em melhor sincronização com os imperativos ambientais. São fundamentais melhorias no acesso a mercados, transferência de tecnologia e financiamento internacional, para ajudar os países em desenvolvimento, dando-lhes maiores oportunidades, ao diversificar-lhes as bases económicas e comerciais e ao torná-los mais autónomos.

- Intensificar a cooperação internacional

A inserção de uma vertente ambiental traz consigo mais um elemento de urgência e de interesse mútuo, pois se malograrem os esforços para quebrar a interacção entre a degradação dos recursos e a pobreza impante, esta alastrar-se-á ao ponto de ser um problema ecológico mundial. Deve atribuir-se prioridade mais alta, na área do ambiente, à vigilância, avaliação, pesquisa e desenvolvimento e, em todos os campos do desenvolvimento internacional, à gestão dos recursos. Isto exigirá um elevado nível de compromisso, por parte de todos os países, no sentido de se accionar o bom funcionamento das instituições multilaterais, de se elaborarem e respeitarem normas internacionais em campos como o comércio e o investimento e no sentido do diálogo construtivo sobre as muitas questões em que os interesses dos países não coincidem de imediato e é preciso negociar para os conciliar. Requererá também o desenvolvimento da importância essencial da paz e segurança internacionais.

A Comissão está convicta de que, se houver progresso firme no cumprimento destes princípios, nos anos que medeiam até final do século, o próximo poderá trazer um futuro mais seguro, mais próspero, mais equitativo e mais esperanças para toda a família humana.

A Cimeira da Terra no Rio de Janeiro em 1992 debruçou-se sobre o conceito de eco-desenvolvimento (rebatizado de desenvolvimento durável) postulando a

harmonização dos objectivos sociais, ambientais e económicos. Na realidade, a finalidade do desenvolvimento é sempre ética e social.

No preambulo da Agenda 21 que decorreu da ECO - 92 é feito um breve diagnóstico do planeta Terra e apontada a solução do desenvolvimento sustentado para fazer face aos múltiplos e críticos problemas da actualidade, como está expresso na citação:

“A humanidade enfrenta um momento decisivo da sua história. Estamos confrontados com a perpetuação das disparidades entre e no interior das nações, com o agravar da pobreza, da fome, doença e analfabetismo, e ainda a continua degradação dos ecossistemas de que dependemos para o nosso bem-estar. No entanto, a integração das preocupações com o ambiente e o desenvolvimento, e a maior atenção que lhes é dada, conduzirão à satisfação das necessidades básicas, a melhores níveis para todos, ecossistemas melhor protegidos e geridos, e a um futuro mais seguro e mais próspero. Nenhuma acção pode, só por si, alcançar estes objectivos, mas juntos podemos, numa associação global para um desenvolvimento sustentado”

O Professor Delgado Domingos (Presidente da IDEA - Iniciativa para o Desenvolvimento, a Energia e o Ambiente), numa análise dos resultados desta conferência salientou :

“... a conferência escamoteou, desde início, as causas fundamentais ... como sejam :

- o crescimento populacional
- a injustiça crescente na repartição dos benefícios do desenvolvimento económico.
- a impossibilidade global de um desenvolvimento sustentado assente nos pressupostos culturais e de bem - estar dos países desenvolvidos”

Em suma, não se quantificaram e calendarizaram as obrigações de cada país. Ainda estamos no limiar da sensibilização !

O Desenvolvimento sustentável passa a ser focado como uma alternativa aos diversos problemas que afectam o mundo e põem em causa a sobrevivência do Homem.

O Desenvolvimento sustentável começou por ser um conceito emprestado pelas correntes ambientalistas e auto-denominado, nas décadas de 60 e 70, por eco-desenvolvimento. A progressiva institucionalização da coisa ambiental acarretou naturalmente, o aprofundamento dos conceitos e o esboçar de um corpo teórico para um conjunto disperso de propostas de individualidades e movimentos ambientalistas.

Actualmente o desenvolvimento sustentável pretende ser um conceito síntese que agregue uma série de vectores apontados por outras terminologias e, simultaneamente, integre as preocupações ambientalistas. Comporta raciocínios e lógicas oriundos das Ciências Sociais e das Ciências Naturais, e assume, como principal originalidade a integração da componente temporal, como forma de solidariedade inter-gerações. Esquematizando em 4 dimensões essenciais podemos dizer que o conceito integra:

- Dimensão económica

Economia no seu sentido mais amplo, ou seja a que provém da sua origem etimológica (em grego Oikos, nomos - regra de conduta na casa ou seja gestão da Oikos, estudada pela Ecologia - Oikos, logos). Os economistas que têm aprofundado esta matéria, focalizam os seus estudos em metodologias que integrem na contabilidade nacional os custos ambientais do crescimento económico (externalidades negativas) e, simultaneamente facilitem a análise multidimensional por forma a encontrar o ponto em que os benefícios do crescimento económico se maximizem, mantendo a funcionalidade e qualidade

dos recursos. Como alguém disse : o desenvolvimento que vive dos juros que o planeta dá, e não do capital acumulado.

O crescimento económico por proporcionar um maior leque de opções é vital para as sociedades mais pobres já que grande parte da sua degradação ambiental resulta da pobreza e das escolhas humanas limitadas.

Para assegurar a sustentabilidade, o conteúdo do crescimento deve mudar (tornar-se menos material, menos energético e mais equitativo na sua distribuição).

- **Dimensão Social**

A dimensão social insiste na necessidade de satisfação das necessidades das populações. Esta condição essencial do conceito é sustentada por um outro princípio associado, que é o da qualidade de vida como factor inerente a um desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento económico é apenas o motor e não um fim. O desenvolvimento tem um carácter social. Segundo a UNESCO, os principais meios de acção para o desenvolvimento social são os seguintes (11) :

- . Explorar as capacidades endógenas pela acção dos recursos humanos, através duma renovação profunda dos conteúdos de ensino e dos sistemas educativos e à partilha de conhecimentos intra e inter-países.

- . O desenvolvimento deve permitir a todos os indivíduos desenvolver ao máximo as capacidades humanas e fazer delas o melhor uso em todos os campos : económico, social, político, cultural.

- . Combater eficazmente a pobreza e a marginalização, assegurando a participação da população no desenvolvimento social, o respeito pelos direitos do Homem, a formação de atitudes de tolerância, de não

(11) Revue Internationale des Sciences sociales, Mars, 1995, pp. 11

violência e de atitudes democráticas, graças a uma educação desde a primeira infância e ao apoio das organizações de cidadãos, assim como o pluralismo e a independência dos media.

. Investir na saúde e educação das populações actuais, para que não se criem dívidas sociais para as gerações futuras.

“ Se uma rapariga for discriminada na sua infância, porque é pior alimentada ... ou mandada para a escola mais tarde, ou não for à escola, ou objecto de abusos físicos, daí resultarão cicatrizes que se podem manter para o resto da vida, podendo até passar para a sua descendência” (Relatório do Desenvolvimento Humano, 1994). Promover a sensibilização e a participação da população para uma utilização equilibrada e racional dos recursos com vista a um desenvolvimento humano durável e preservar os direitos ambientais das futuras gerações.

. Utilizar os recursos técnicos e científicos com vista ao desenvolvimento social.

. Considerando que a comunicação é um domínio em profunda mutação pela acção do progresso científico e técnico, colocar ao serviço do desenvolvimento social redes de comunicação e a informática.

. Promover as competências endógenas em matéria de elaboração, avaliação e gestão das políticas sociais, colocando operacionais os mecanismos de “alerta avançada” que permitam aos governantes seguirem as acções de desenvolvimento social e o progresso.

. Todas as dívidas adiadas hipotecam a sustentabilidade, quer sejam económicas, sociais ou ecológicas.

- Indivíduos e instituições devem aliar-se numa causa comum para melhorar as oportunidades de vida para as gerações presentes e futuras.

Este vector funde-se com as abordagens clássicas da teoria do desenvolvimento, que têm estudado os mecanismos de desigualdade social e de redistribuição do rendimento nacional. Em consonância com os princípios orientadores do desenvolvimento endógeno, também o desenvolvimento sustentável privilegia a manutenção da diversidade cultural, étnica e religiosa, como sustentáculo de um desenvolvimento durável.

- Dimensão cultural

“ Longe de ser um obstáculo à modernização, a cultura é a chave para o desenvolvimento” (Cuellar, 1994).

Estamos a assistir a conflitos interculturais que se agudizam, ao mesmo tempo que se multiplicam as liberdades políticas. Por todo o lado as pessoas exigem maior participação nos acontecimentos e nos processos que moldam as suas vidas.

O escritor Francês, André Malraux afirmou um dia que o mundo da cultura não é o da imortalidade mas o das metamorfoses. É necessário que o desenvolvimento não seja cego perante as riquezas culturais das sociedades tradicionais, que contêm intuições profundas, saberes milenarmente acumulados, sabedorias de vida e valores éticos, atrofiados na nossa sociedade urbano-industrial. É necessário construir a ponte entre a “tradição e a invenção” para que , dessa aliança, resulte um desenvolvimento de rosto humano, próprio de cada lugar.

- Dimensão espacial

O espaço, enquanto suporte físico dos recursos naturais (renováveis e não renováveis; vivos e não vivos), é uma variável fundamental do conceito de desenvolvimento sustentável. O factor físico e biológico tem aqui um papel

relevante relativamente às variáveis económicas e sociais. Neste contexto, o postulado básico de redução de assimetrias pode ser questionado tendo em conta especificidades próprias das regiões. Por exemplo o princípio da dispersão de actividades, pessoas e capitais pode ser aceite como princípio geral, na medida em que a dispersão favorece impactes de menor incidência mas, por outro lado, a dispersão podendo afectar sistemas sensíveis do ponto de vista biológico, poderá ser então de evitar. O espaço é então encarado não só como um recurso humano (perspectiva antropocentrica) mas também como estrutura orgânica de suporte à diversidade da vida (princípio da biodiversidade).

- Dimensão temporal

A solidariedade com as futuras gerações, é um princípio ético fundamental para a compreensão do conceito de desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade, como princípio, é inspirada na necessidade de não se ultrapassarem os limites de regeneração dos sistemas. É neste contexto que se pretende legar aos próximos o património utilizado hoje pelas actuais gerações. Alguns economistas têm, todavia, dificuldade em interpretar esta formulação, na medida em que se fala de satisfação das necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras poderem satisfazer as de então. Por solidariedade com as gerações futuras, deve-se gerir o capital - Natureza em vez de o incorporar numa forma predadora no fluxo do PNB, o que exige um contrato natural complementar do contrato social.

“ O conceito de desenvolvimento sustentável levanta a questão de saber : se os estilos de vida actuais são aceitáveis e existe alguma razão para os legar às gerações seguintes. A equidade intergeracional deve passar de mão em mão com a equidade intrageracional e uma reestruturação dos padrões de consumo e produção mundiais é pré-condição necessária a qualquer estratégia de desenvolvimento sustentável” (Relatório do Desenvolvimento Humano, 1994).

Esta formulação ambígua suscita um conjunto de reflexões pertinentes: qual a legitimidade que temos para planear o nível de necessidades das gerações futuras? Pensamos tendo em conta os parâmetros actuais de consumo? Ou projectamos matematicamente as necessidades futuras, tendo em conta as necessidades actuais, num contexto de estímulo ao consumismo.

Não obstante se poder encontrar um eixo enquadrador do conceito de desenvolvimento sustentável, quer em termos ideológicos, como o foi definido anteriormente, quer em termos programáticos e políticos, na medida em que existe actualmente um conjunto vasto de documentos internacionais que orientam a acção em direcção a um desenvolvimento sustentável, como é o caso paradigmático da Agenda XXI (UNITED NATIONS, 1992). Também é crível afirmar que ainda não existe um corpo conceptual que se afirme autónomo e alternativo aos paradigmas económicos neoclássicos. De facto, se é verdade que se estão a estudar metodologias de integração da componente ambiental nas contabilidades nacionais, também é verdade que a ideologia neoclássica tem incorporado o ambiente como estímulo à economia, através da promoção de novos consumismos. O consumo, como sustentáculo da economia neoclássica, não é posto em causa, na generalidade, pelos economistas, sendo todavia reconhecido pelas correntes ambientalistas como uma das causas da crise ambiental. Crítica largamente integrada no conceito de Desenvolvimento Sustentável.

Conclui-se, assim que, sendo a sustentabilidade um conceito simpático e apelativo, o mesmo é passível de múltiplas interpretações. Embora os princípios estejam totalmente delineados, e algumas acções estejam esboçadas ou mesmo programadas, continua por efectuar a integração da componente económica, de forma coerente, com as ideias humanistas que os suportam.

Para compreender o contexto em que é interpretado o princípio da sustentabilidade, é fundamental esclarecer o conceito de área deprimida, para

evitar equívocos, designadamente com conceitos próximos, como é o caso daquele que se refere a área subdesenvolvida.

Considera-se área deprimida aquela que já obteve níveis superiores de dinamismo económico mas que, por ter tido uma estrutura produtiva pouco diversificada, não conseguiu adaptar-se aos processos de transformação económica global, designadamente do ponto de vista industrial ou agrícola. Região subdesenvolvida é, para nós, aquela que ainda não obteve, no seu processo histórico, um sistema produtivo estruturado numa perspectiva de transformação económica e social.

O concelho de Mértola, nosso objecto de estudo, é enquadrável no conceito de área deprimida como a definimos anteriormente, apresentando todavia uma especificidade própria : encontrar-se em processo de retroacção positiva em termos físicos, o que potencia sinergias de sentido negativo na evolução do sistema socio-económico e bio-físico. Esta particularidade, que frequentemente é adjectivada por desertificação física e humana, reflecte um processo de deseconomia global, decorrente da hiper-especialização produtiva e desadequação de processos e técnicas face a uma realidade física determinada. Saliem-se as práticas agrícolas monoculturais desenvolvidas com intensidade na Campanha do Trigo, que ainda hoje faz sentir o seu paradigma em virtude de processos de inércia cultural e económica, que dificultam a sua abolição completa ou substituição por práticas de uso do solo mais adequadas.

É pois num contexto em que a produção primária bruta do sistema biofísico é mínima, e eventualmente apenas suficiente para num longo processo de regeneração homeostática reintroduzir inputs que levem à estabilização do sistema, que deve ser equacionada a perspectiva da sustentabilidade como processo de desenvolvimento económico consubstanciado na utilização criteriosa dos recursos naturais. Em áreas deprimidas do ponto de vista bio-físico e sócio-económico, o desenvolvimento sustentável caracteriza-se como aquele que simultaneamente permite a existência de uma comunidade humana de baixa

densidade demográfica e potência a regeneração, a longo prazo do sistema físico.

Quais as potencialidades do desenvolvimento local no âmbito da sustentabilidade ?

O desenvolvimento local tem um papel importante a desempenhar (12) :

- . nas ligações entre as dimensões económica, social e cultural dos projectos de desenvolvimento;
- . na melhor identificação das necessidades e dos problemas locais;
- . na resposta mais adequada às situações e aos grupos mais marginalizados;
- . na mais efectiva mobilização e aproveitamento dos recursos locais;
- . na estimulação de capacidades de iniciativa até aí adormecidas ou reprimidas, reforçando a autonomia do local;
- . na resposta a situações concretas de reestruturação e reconversão produtivas;
- . na mobilização das populações para os problemas ambientais e para a sua resolução;
- . na experimentação de formas integradas de inovação, que não sejam meramente tecnológicas, mas que integrem as dimensões organizacional, ambiental, humana, etc. ;
- . na articulação entre as dimensões quantitativa e qualitativa do desenvolvimento;
- . na aproximação a novas formas de democracia mais participativa;
- . na consideração do respeito pela diferença.

A Ecologia Humana utiliza a metodologia prospectiva como forma de abordagem dos fenómenos que exigem uma visão multidisciplinar.

(12) Rogério Roque, Revista "A Rede", pp. 21 - 22

A prospectiva não se apresenta como uma previsão ou futurologia mas corresponde a uma reflexão que conduz à acção, lutando contra o fatalismo. “ A atitude prospectiva obriga-nos ao (olhar ao longe de longe), e é este futuro que é necessário construir na sua complexidade, mobilidade, riscos e surpresas. Nesta nova atitude científica, encontrar nos factos passados e presentes o que eles anunciam é mais importante do que encontrar o que eles explicam” (Nazareth, 1988).

Num mundo caracterizado pela incerteza e pelas rupturas, o esforço da prospectiva em construir cenários é, cada vez mais um precioso auxiliar da previsão.

As causas fundamentais dos erros das previsões são as seguintes : a falta de exactidão dos dados de base, a ausência duma visão global e a tentativa de explicar o futuro pelo passado.

Em relação ao primeiro aspecto - inexactidão dos dados - deve referir-se a diferenciação entre os fenómenos físicos e os sociais. Estes apresentam maior grau de complexidade. Pelos dados de carácter quantitativo que dispomos, são, na maioria das situações, insuficientes. Noutros casos não estão correctos e não dispomos de métodos capazes de os corrigir convenientemente. Além disso existem determinados aspectos que são difíceis de quantificar.

Quanto à segunda fonte de erro - a ausência de uma visão global - basta referir que as previsões apresentam, geralmente um carácter parcelar ou sectorial. À previsão - quantificação é necessário adicionar uma visão global que tenha em conta parâmetros qualitativos (quantificáveis ou não) que influam no fenómeno estudado.

Quanto ao último aspecto - explicação do futuro pelo passado. A maior parte dos métodos de previsão apoiam-se num processo de extrapolação. Trata-se de uma abordagem pouco eficaz num mundo de constante mutação, com fenómenos de grande complexidade e em interacção. A previsão trata o futuro como se ele evoluísse em torno de uma tendência, sendo as surpresas explicadas pela acção de variáveis “imprevisíveis” ou ocultas.

A lógica prospectiva admite que o futuro é múltiplo e que é pelo confronto entre os actores e os seus objectos que nasce o futuro. A construção do futuro explica-se tanto pela acção humana como pelo jogo dos determinismos. O futuro não pode ser encarado como uma linha única e predeterminada pelo passado mas logo de múltiplo e indeterminado.

Numa óptica de conciliação da previsão com a prospectiva podemos dizer que não é apenas o passado que explica o futuro mas também a imagem do futuro que se imprime no presente.

Qual a metodologia da prospectiva?

A prospectiva longe de ser uma mera especulação intelectual, é antes de mais uma acção prática. A sociedade é uma rede de acções e de relações. Ora para conhecermos o seu presente a sociedade actual deve virar-se cada vez menos para o passado, porque a parte do “transmitido” (passado colectivo e as experiências individuais) não pára de diminuir em relação ao “adquirido” (novas informações). Cada vez nos devemos virar mais para o futuro, ou seja, para as decisões que devem ser tomadas assim como para os debates e os conflitos que as acompanham.

A determinação de uma estratégia prospectiva passa por três etapas fundamentais :

- A compreensão crítica da complexidade do presente : análise estrutural e identificação das variáveis mais importantes.
- A antecipação da mudança ou a análise da estratégia dos actores.
- A construção dos diferentes cenários.

A primeira etapa do método prospectivo consiste em proceder a uma compreensão crítica do presente através da análise sistémica. Enquanto o método analítico considera o sistema como um conjunto de elementos quantificáveis ligados entre si por relações matemáticas. Neste processo

procura-se identificar : o elementos constitutivos e as relações que existem entre esses elementos. Seguidamente procedem-se a modificações em cada um desses elementos e deduzem-se leis gerais que permitem predizer o comportamento do sistema em condições específicas. Este método pode ser eficaz quando o sistema é homogéneo, ou seja, quando os elementos são semelhantes e quando as suas relações são lineares.

Quando nos encontramos perante sistemas complexos como é o caso da sociedade humana - aqui existem múltiplas relações.

É para estudar estes sistemas complexos que existe a análise sistémica que considera o sistema como um conjunto de elementos de natureza qualitativa ligados dialécticamente.

A abordagem sistémica é integradora e interdisciplinar. Necessita do apoio dos vários domínios científicos.

Em síntese a prospectiva é integradora, globalizante, sintética e alimenta-se da análise sistémica.

Segundo Gallopin, Gutman e Malleta ⁽¹³⁾, existem cinco conceitos particularmente importantes para orientar o estudo dos processos de empobrecimento que se manifestam nos sistemas sócio-ecológicos, nomeadamente:

- A vulnerabilidade
- A elasticidade
- A capacidade de resposta
- A autonomia
- A Adaptação

O empobrecimento do subsistema humano pode ser definido como um processo de diminuição progressiva ou brutal da sua capacidade, ou da de alguns dos seus componentes, de satisfazer as necessidades e aspirações dos seus membros.

(13) Revue Internationale des Sciences Sociales, Out., 1989, pp. 431 - 437

Aplicada a um sistema, a noção de vulnerabilidade corresponde à estabilidade da estrutura e determina a probabilidade de ocorrência duma mudança na estrutura por uma flutuação externa ou interna de determinado tipo e amplitude.

A vulnerabilidade é uma propriedade intrínseca do sistema, que pode variar segundo o tipo de perturbação; se esta se acentua, existem muitas probabilidades de provocar mudanças qualitativas.

A noção de vulnerabilidade aplica-se tanto ao sistema sócio-ecológico, tomado na sua totalidade, como a cada um dos dois sub-sistemas, humano e ecológico.

A elasticidade visa a possibilidade de mudanças qualitativas, fazendo passar os sistemas multiestáveis de um para outro comportamento sob o efeito de flutuações externas que não provocam a reorganização estrutural.

A capacidade de resposta corresponde à capacidade do sistema de fazer face à mudança através de um comportamento activo. Pressupõe uma finalidade e não uma reacção meramente passiva de ajustamento à mudança.

Aplicável tanto ao sub-sistema social como ao conjunto do sistema socio-ecológico, ligando-se :

- à produtividade e elasticidade do sub-sistema ecológico;
- ao conhecimento do ecossistema, à capacidade de manipular informação pertinente e de previsão;
- à capacidade de organização social e de espaço político disponível que marca os limites aos actores sociais, sobretudo se não se situam no topo do aparelho do poder.

A capacidade de resposta combina então aspectos ecológicos e sócio-políticos.

A autonomia, seja qual for a escala considerada, implica sempre uma capacidade de regulação das relações com o meio (ecológico e social).

A adaptação dos sistemas humanos, pode-se examinar numa óptica da qualidade de vida (ou da satisfação das necessidades do ser humano), foi definida como a capacidade de todo o sistema humano (não importa o nível, do indivíduo à humanidade) de aumentar a qualidade de vida (ou de a sustentar a

um nível adequado) num ambiente determinado (a simples sobrevivência é um estado patológico de adaptação). Portanto representa a capacidade do subsistema humano de assegurar um desenvolvimento durável.

A Ecologia Humana tem toda a vantagem em utilizar estas componentes metodológicas que possibilitam uma melhor gestão da complexidade.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento sustentável apresenta um carácter integrador, pois a ele convergem conceitos de múltiplos domínios científicos que, ligados de forma dinâmica, são o sustentáculo de uma gestão equilibrada da ecosfera e de uma melhoria da saúde, bem estar e qualidade de vida das populações no presente e no futuro.

A Ecologia Humana ao proporcionar uma investigação de carácter multidisciplinar, através de uma atitude científica integradora e de uma pesquisa metodológica que tem em conta as múltiplas interacções entre os domínios físico, biológico, social, económico e cultural ocupa uma posição privilegiada para abordar o desenvolvimento sustentável.

Nos conceitos de Ecologia e Desenvolvimento têm-se operado profundas transformações ao longo do tempo, pois os contextos históricos da sociedade humana também têm sofrido mutações. Na actualidade, a amplitude dos problemas económicos, sociais, ecológicos, demográficos e culturais foram o motor do emergir do conceito de “desenvolvimento sustentável”. A sua aplicação requer outras instituições, outro quadro de relações internacionais, em síntese, outra mentalidade, o que constitui um grande desafio para a humanidade.

Sem serem equacionados os problemas próprios da pobreza a sustentabilidade ambiental não pode ser garantida. A pobreza reduz a capacidade das pessoas usarem recursos de modo sustentável, intensificando as pressões sobre o ecossistema. Para assegurar a sustentabilidade, o conteúdo do crescimento deve mudar, tornando-se menos material, menos energético e mais equitativo na sua distribuição. A redistribuição de recursos para os pobres melhorando a sua saúde, educação e nutrição não é apenas intrinsecamente importante por aumentar as suas capacidades para levarem vidas mais satisfatórias. Fazer crescer o capital humano tem, também, uma influência duradoira para o futuro. O crescimento geral de níveis educacionais, por exemplo, aumentará a produtividade e a capacidade de gerar maiores rendimentos agora e para o futuro. O desenvolvimento humano aceita o papel

central que o capital humano tem no aumento da produtividade humana, mas está igualmente preocupado em criar um ambiente no qual as pessoas possam expandir e melhorar as suas capacidades.

Todas as dívidas adiadas hipotecam a sustentabilidade, quer sejam económicas, sociais ou ecológicas. Estas dívidas são empréstimos do futuro privando gerações vindouras das opções legítimas que poderiam fazer.

A sustentabilidade precisa de ser assegurada em todos os sectores da economia e a todos os níveis das acções de desenvolvimento. Serão necessárias mudanças políticas nacionais (com especial relevo para a redução da pobreza, criação de empregos e integração social) e a nível mundial deve construir-se uma nova ética (o universalismo do reconhecimento dos direitos da vida e da preocupação pela sobrevivência comum deve conduzir a políticas para uma ordem mundial mais equitativa).

Enquanto, à escala mundial, ainda se mantêm as velhas premissas económicas, começam a surgir algumas experiências isoladas, especialmente em áreas com sérios problemas humanos e ecológicos, onde está a crescer o interesse pela prática de um desenvolvimento sustentável. Num desenvolvimento humano sustentável, "indivíduos e instituições devem-se aliar pela causa comum do aumento das oportunidades de vida, para as gerações presentes e futuras"⁽¹⁴⁾

(14) Relatório do Desenvolvimento Humano, 1994, pp. 21

II CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA DO CONCELHO DE MÉRTOLA

Forças externas e políticas desajustadas moldaram a natureza e o homem... As gerações do presente suportam o peso dessa herança, contudo **iluminam o futuro ...**

2.1. Localização e Acessibilidade

O isolamento preservou traços culturais ...
que importa potenciar no quadro de um
desenvolvimento sustentável.

O concelho de Mértola localiza-se no extremo sueste da região administrativa do Alentejo, entre o nordeste algarvio e a fronteira espanhola (figura 1). Fica compreendido entre os 37° 25' e os 37° 50' de latitude norte e 7° 25' e 7° 55' de longitude oeste. É um dos maiores do país com 1279 km². A sua grande dimensão e os múltiplos povoados que apresenta tornam onerosa a construção duma rede viária que aumente o grau de acessibilidade no seu interior. Apesar dos inconvenientes sobressaem algumas vantagens como seja a sobrevivência de traços culturais que ainda não se diluíram completamente no meio das inovações. Este espaço constitui um exemplo do isolamento, da interioridade, do afastamento dos centros de decisão e principais eixos de comunicação.

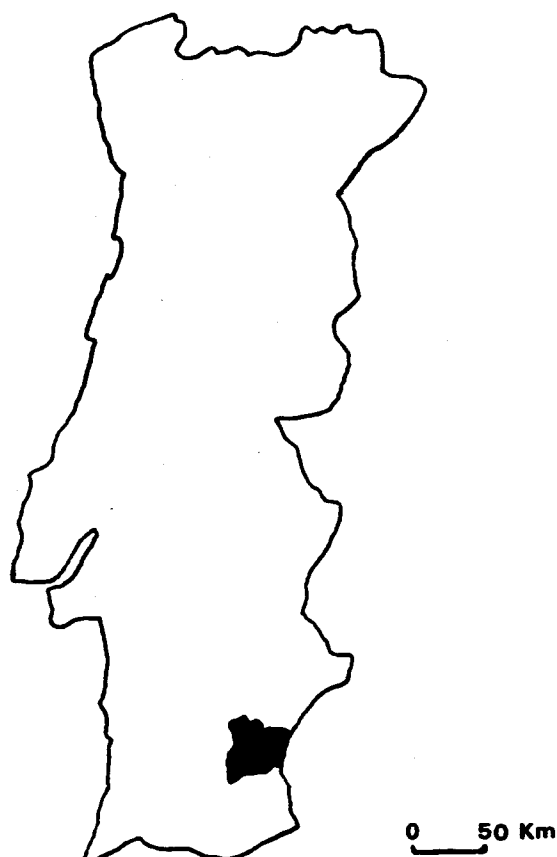


Fig. 1 Localização do concelho de Mértola

A portaria nº 715 de 24 de Setembro de 1985 inclui o concelho de Mértola na área de extrema periferia do país (figura 2). Esta portaria visava a criação de incentivos para a fixação de população em áreas repulsivas, para onde a deslocação de pessoal administrativo seria objecto de condições tanto mais favoráveis quanto mais marginal fosse a área de destino. Contudo, nunca foi aplicada, e mesmo que fosse, é duvidoso que tivesse efeitos significativos, uma vez que os subsídios e outros prémios aí referidos não só são pouco atraentes como se extinguem rapidamente no tempo.

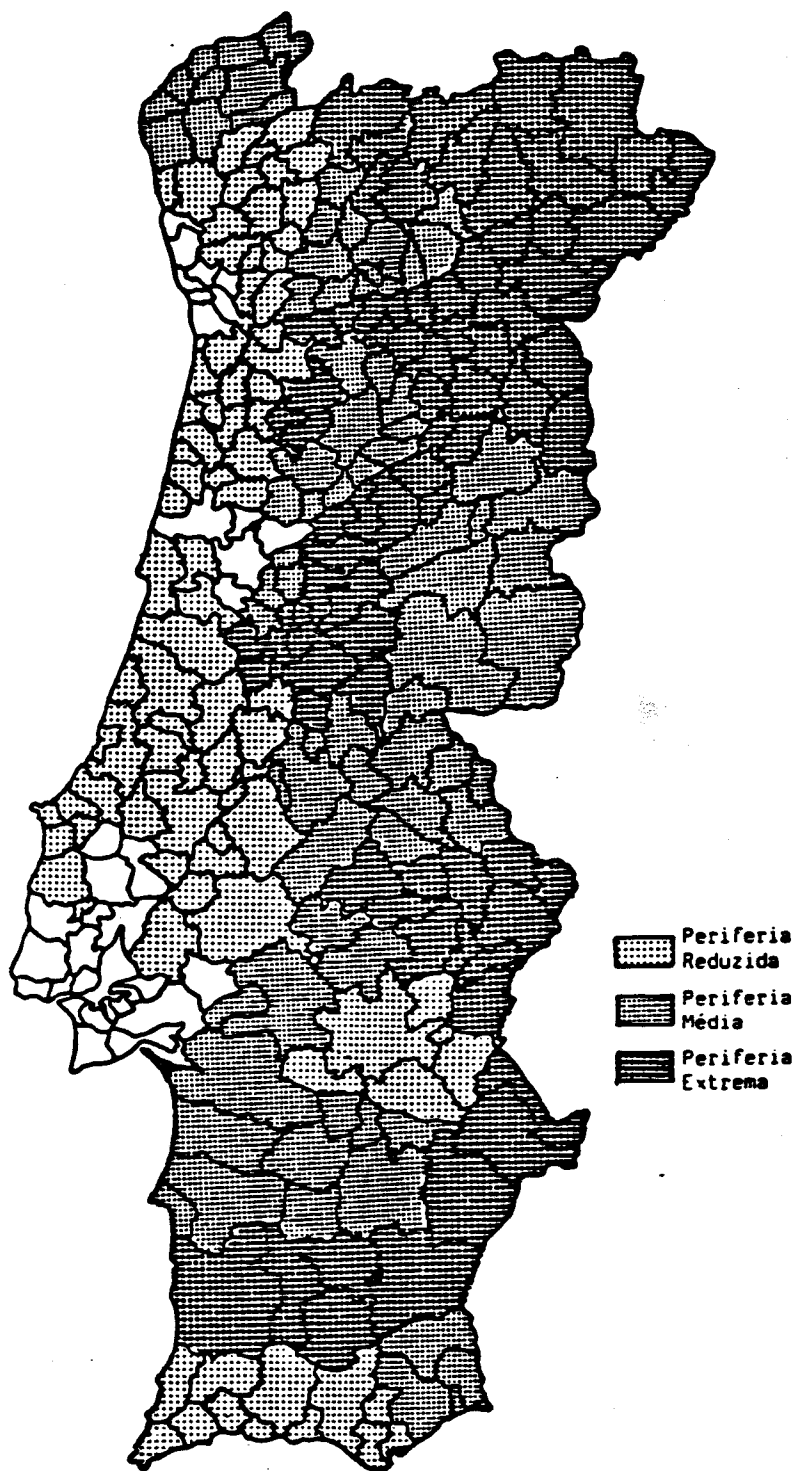


Figura 2 - Definição das "periferias" de acordo com a portaria 715 / 85
Fonte : "Emprego nos serviços e polarização interregional em Portugal",
Teixeira, 1987, pp. 86

2.2 O Sistema Biofísico

Gerir os recursos, potenciando-os, sem romper a capacidade de carga dos ecossistemas...

O concelho fica inserido numa extensa aplanção, desde a bacia do Sado até à fronteira espanhola, com os principais cursos de água encaixados. A oeste e a noroeste de Mértola elevam-se três alinhamentos de relevos residuais de quartzite, com cristas aguçadas e ásperos pendores orientados de WNW - ESE (as serras de Alcaria Ruiva, S. Barão e Alvares). A Serra de Alcaria eleva-se 170 m acima da penneplanície.

Segundo Mariano Feio a área define-se da seguinte forma :

Terrenos metamórficos e sedimentos marinhos (xistos, grauvaques, quartzitos) do Devónico - segundo estudos mais recentes do Carbónico Médio fortemente dobrados, transformados em dobras isoclinais apertadas. Afloramentos com a direcção Hercínica, resistência muito desigual, quartzitos, xistos siliciosos e grauvaques.

A paisagem apresenta uma sucessão de pequenas colinas que lembram tendas num imenso acampamento de nomadas. Como o xisto é uma rocha impermeável favorece a escorrência superficial da água, resistindo mais às alterações químicas que à erosão linear. Assim se formaram grandes conjuntos de vertentes arredondadas com uma densa rede hidrográfica, de regime variável ou temporário devido às condições climáticas. O leito do Guadiana é caracterizado por uma variabilidade espacial invulgar : a geometria das secções varia continuamente, alternando áreas de grande planura, com canais recortados na rocha, como o Pulo do Lobo (o fundo do vale tem uma queda vertical de 13,5 m), que Mariano Feio interpretou como uma relíquia de um ciclo de erosão anterior ao actual, uma das paisagens mais espectaculares do país.

“ A partir de 7 Km a montante de Mértola, cujo casario branco, que domina abruptamente o vale encaixado, se situa 21 Km a jusante do Pulo do Lobo e 71 Km a montante da Foz, o fluxo e refluxo alternados da maré circulam

poderosamente no vale sinuoso, transformando bruscamente um rio de caudal muito irregular e muitas vezes insignificante, num comprido e profundo estuário, apertado entre colinas escalvadas, que lhe compõem um cenário agreste, de fisionomia puramente continental. As águas salgadas penetram mais ou menos para o interior, segundo a afluência do rio, chegando até cerca de 20 km da foz durante as habituais águas baixas, mas até menos de 10 Km quando das cheias, mesmo moderadas (Ribeiro e Lautensach, 1988)

Com base nos gráficos (figuras 3 e 4) da estação meteorológica de Vale Formoso (valores médios de 1931 a 1960), podemos concluir que se trata de um clima mediterrânico com influências continentais. A temperatura média anual (16,4°C) e a amplitude térmica anual (16,2°C). Verifica-se uma certa diferença de temperatura média entre o Verão e o Inverno, como consequência da interioridade. Os Verões são quentes, longos e secos. A secura estival determina uma atmosfera luminosa, devido à influência dos anticiclones subtropicais que dificultam a formação de nuvens e de chuvas. Estas são relativamente escassas e irregulares e ocorrem principalmente no Outono e no Inverno (influência dos sistemas frontais arrastados pelos ventos de oeste). No Inverno o tempo chuvoso alterna com dias frios e secos, determinados pela formação de um anticiclone continental, centrado no interior da península. Registam-se quatro meses secos (Maio, Junho, Julho e Agosto).

A figura 5 revela-nos o impacto das condições meteorológicas (nevoeiro, orvalho e geada) ao longo do ano. Podemos concluir que na Primavera e Outono existem períodos de conforto biológico adequados ao lazer, actividades recreativas e ao trabalho intelectual e físico. No Verão, existem condições atmosféricas que propiciam conforto biológico no período da manhã e final da tarde. O Inverno é a estação que apresenta menor conforto, devido às baixas temperaturas, como consequência da interioridade.

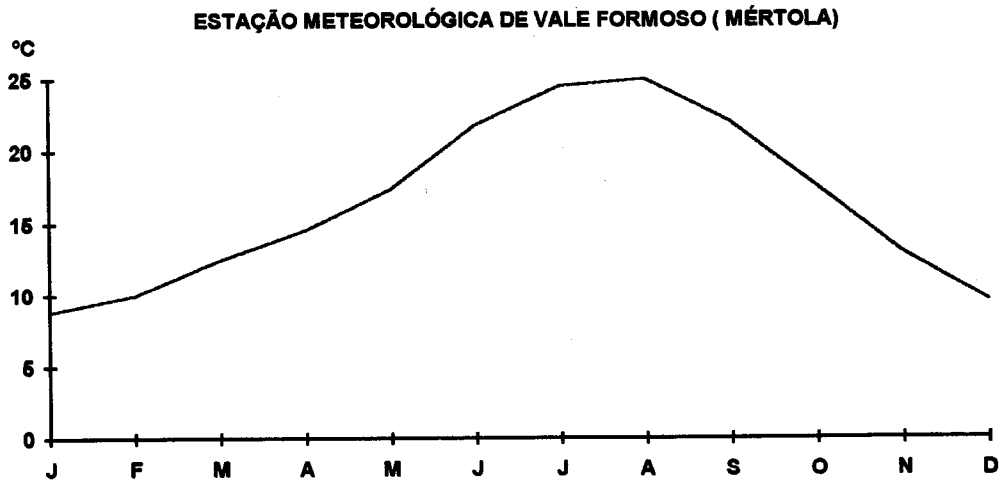


Figura 3 Temperatura média mensal (1931 - 60)

Fonte : Anuário Climatológico, Vol. XIII

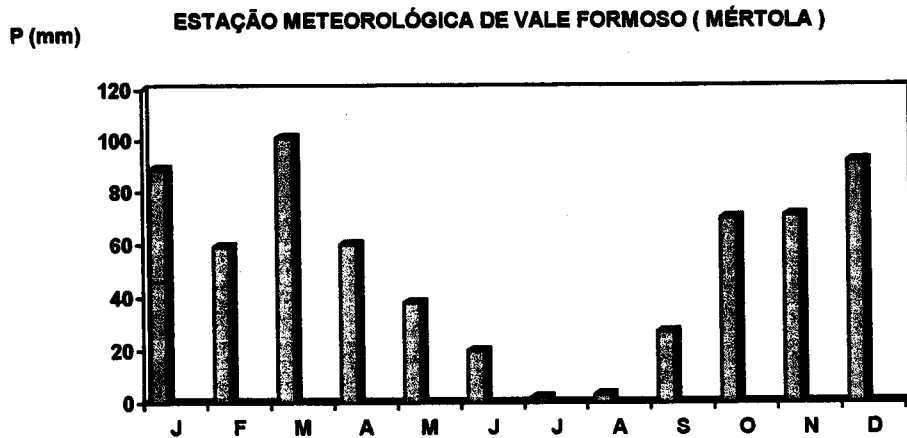


Figura 4 Precipitação média mensal (1931 - 60)

Fonte : Anuário Climatológico, Vol. XIII

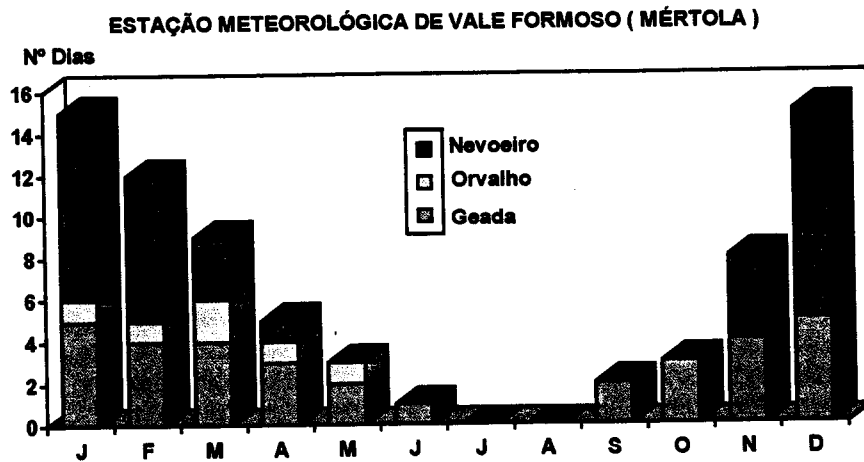


Figura 5 Nevoeiro, orvalho e geada 1931 - 60

Fonte : Anuário Climatológico, Vol. XIII

A precipitação é uma das mais baixas do país em contraste com os valores da insolação (figura 6), sendo o número total de horas bastante elevado e, inclusivamente, com valores apreciáveis no inverno.

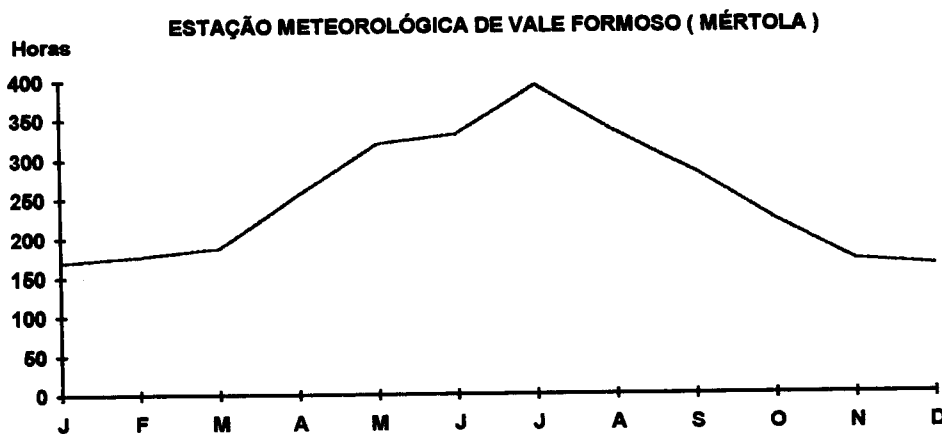


Figura 6 - Valores médios da insolação (1931 - 60)

Fonte : Anuário Climatológico, Vol. XIII

Através dos mapas do climáticos (figura 7) podemos observar a distribuição espacial da precipitação, temperatura, insolação e radiação solar. A margem esquerda do concelho apresenta valores mais elevados de temperatura

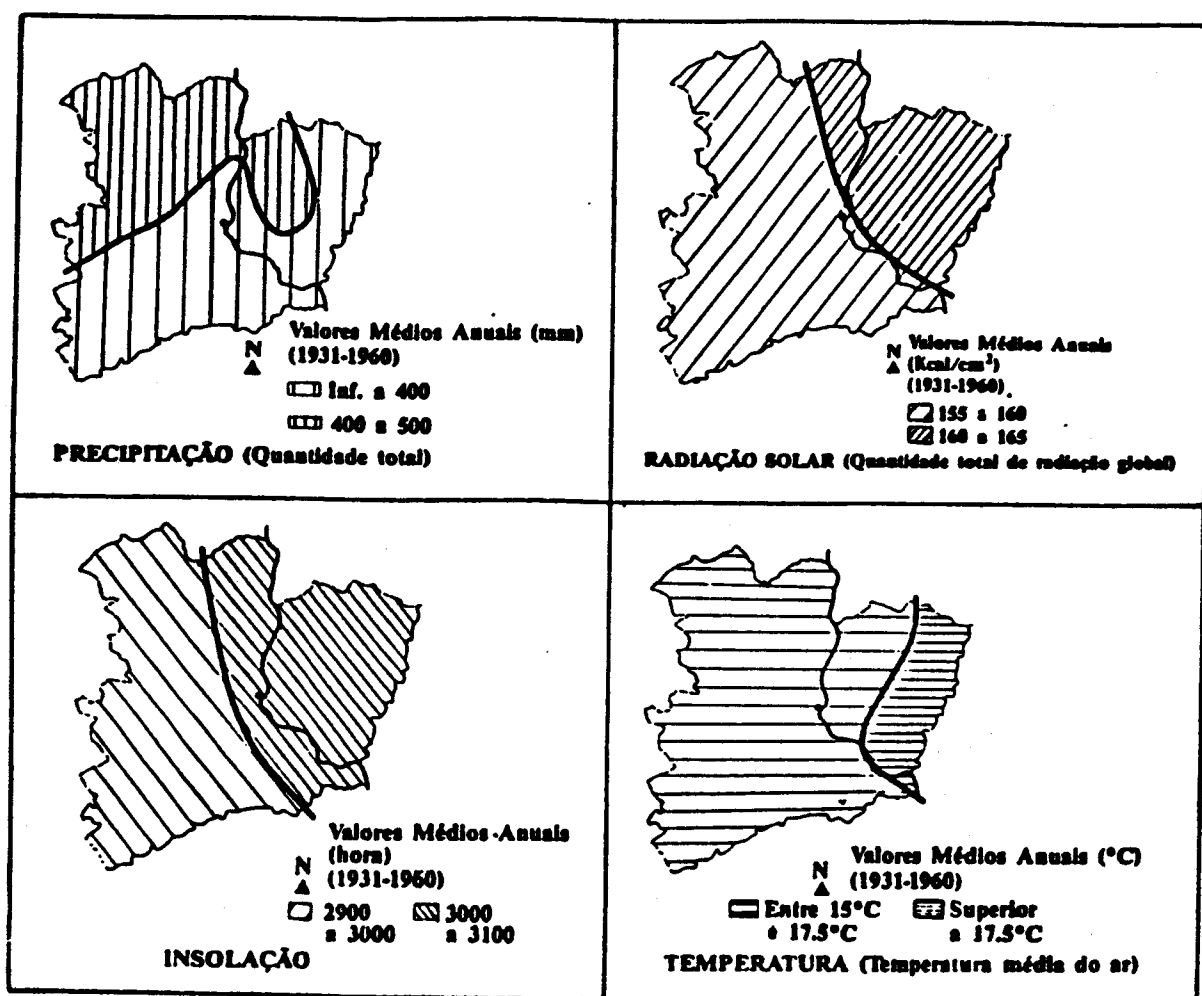


Fig. 7 - Distribuição espacial da precipitação, temperatura, insolação e radiação solar

Fonte : "Fauna e Flora de Mértola", Pena; Gomes; Cabral, 1995

do ar, em contraste com os mais baixos valores de precipitação anual. Na globalidade, existem períodos climáticos favoráveis ao turismo, de Março a Novembro, durante várias horas do dia.

Segundo o método de Thornthwaite, calculou-se o balanço hídrico, para o período (1931 - 60), na estação meteorológica de Vale Formoso., (quadro 1)

BALANÇO HÍDRICO - Vale Formoso (Mértola)

Meses	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Total
Temp. °c	8,8	10,0	12,5	14,6	17,4	21,8	24,5	25,0	22,0	17,6	13,0	9,6	
Prec. (mm)	89	59	101	60	38	20	2	3	27	70	71	92	632
Evap. Pot. mm	18	22	38	54	81	120	147	143	102	64	34	20	843
Evap. Real mm	18	22	38	54	73	61	20	8	27	64	34	20	439
Deficit Água mm	0	0	0	0	8	59	127	135	75	0	0	0	404
Excesso Água mm	71	37	63	6	0	0	0	0	0	0	0	16	193

Quadro 1 - A temperatura, precipitação, evapotranspiração potencial, real, déficit e excesso de água - (1931 - 60)

Fonte : Plano de Urbanização - Mina de S. Domingos - Pomarão, in Trabalho climatológico realizado pelo Instituto Universitário de Évora, Out. 1979.

Podemos concluir que existem cinco meses em que se verifica déficit (Maio a Setembro), que correspondem a 404 mm. Nos restantes meses do ano verifica-se um excesso de água no solo, num total de 193 mm. O déficit anual é de 211 mm.

Os cursos de água apresentam uma grande variação anual do caudal, alguns ficam secos durante os meses de Verão, como resultado da distribuição anual da

precipitação. A água do Guadiana tem sido objecto de estudos , por exemplo, através do Projecto MEDSPA / COVEPLAM (1993), revelando um grave problema de eutrofização, que consiste numa sobreprodução de plancton, devida ao excesso de nutrientes (vulgo adubos) na água. O rio adquire uma cor verde, chegando nos casos extremos a parecer “sopa de ervilhas”. Segundo os especialistas do Projecto, este desequilíbrio ecológico acarreta vários problemas:

- . provoca flutuações significativas da qualidade da água durante o dia, podendo mesmo chegar a haver carência de oxigénio durante a noite, o que pode levar à morte dos peixes;
- . há a tendência para o desenvolvimento de novas espécies de fito, alterando o equilíbrio ecológico; como algumas espécies libertam toxinas durante parte do seu ciclo de vida pode haver problemas significativos para a saúde pública e para os animais;
- . ao morrer esta matéria orgânica deposita-se no fundo, onde se decompõe, consumindo oxigénio ao ponto de poder provocar situações de total falta de oxigénio.

Neste trabalho são referidas, na bacia do Guadiana, em Portugal, cerca de 400 fontes poluidoras pontuais, quase todas de muito pequena dimensão. Predominam os usos domésticos e serviços, seguidos das suiniculturas, indústrias de azeite, cortumes, destilarias e uma fábrica de papel.

Ainda no âmbito deste Projecto, foi construído um modelo para simulação de caudais e da qualidade da água, sendo dada mais ênfase à componente eutrofização. O modelo permite extrair algumas conclusões :

- . A eutrofização é motivada pelo excesso de nutrientes vindos de Espanha
- . Em Portugal não há fontes significativas de nutrientes, pelo que a resolução do problema depende exclusivamente de Espanha.
- . Os níveis de eutrofização actuais podem provocar situações graves de carência de oxigénio, caso haja a morte rápida do plâncton.
- . O plâncton capaz de retirar azoto da atmosfera (aquele que pode libertar

toxinas perigosas) tem tendência a aumentar, podendo originar graves problemas de toxicidade ambiental.

A redução dos caudais, em virtude da seca, e as descargas de efluentes ricos em azoto, devem estar na origem do tapete verde de "azolla" que, por vezes, cobre o Guadiana. Segundo o biólogo Francisco Carrapiço (15) da Universidade de Ciências de Lisboa, o fenómeno não deve ser considerado uma calamidade, pois esta praga de fetos aquáticos desenvolve-se apenas em ambientes ricos em azoto, pelo que, além de purificarem as águas, estas plantas podem ser utilizadas como adubos (vários países têm utilizado a "azolla" em culturas de arroz e tomate). Podem ainda ser utilizados para alimentar espécies de criação. Na área onde se podem verificar fenómenos de eutrofização tem de se efectuar a recolha dos fetos, com redes e nunca através de herbicidas.

Os solos do concelho de Mértola têm uma capacidade de uso mínima. Predomina a classe "E" (80,7%), como se pode ver no quadro 2.

Solos	A	B	C	D	E
Área (%)	0,1	0,6	2,3	16,3	80,7

Quadro 2 - Classes de capacidade de uso do solo no concelho de Mértola

Fonte : SROA / CNROA, in Malveiro, 1990, pp. 18

O concelho de Mértola apresenta em 80,7 % da sua área solos com limitações muito severas para a prática da agricultura e com elevados riscos de erosão. Os solos "A" e "B" são praticamente inexistentes (apenas surgem no fundo de alguns vales). A noroeste de Alcaria Ruiva, associados a material vulcânico aparecem alguns solos (C), " o sector noroeste do concelho é o que apresenta

(15) Jornal "O Público", 14 - 4 - 93

alguns solos (C), “ o sector noroeste do concelho é o que apresenta melhores solos coincidindo, logicamente, com a área de maiores explorações. Ao invés disso, nos sectores sul e este do concelho, os solos estão extremamente pobres, litossolos pouco profundos, ou esqueléticos” (Casimiro, 1993). O quadro 3 indica as características dos solos predominantes (classes “D” e “E”)

	Clas- ses	Definição - Características
De uso limitado e em geral não susceptível de utilização agrícola	D	Limitações severas. Riscos de erosão muito elevados. Não susceptível de utilização agrícola, salvo casos muito especiais. Poucas limitações para pastagens, exploração de mato e exploração florestal.
De uso limitado e em geral não susceptível de utilização agrícola	E	Limitações muito severas. Riscos de erosão muito elevados Não susceptível de utilização agrícola. Severas a muito severas limitações para pastagem, matos e exploração florestal, servindo apenas para vegetação natural ou florestal de protecção. Ou não susceptíveis de qualquer utilização.

Quadro 3 Características dos solos (classes D e E)

Fonte : MAP, SROA, in Casimiro, pp. 54

A região mediterrânica é, na Europa, a de maior amplitude erosiva. Albert Howard, um dos fundadores do movimento de agricultura biológica, referia que a erosão é o indicador de uma agricultura em quebra.

Na estação experimental de Vale Formoso (Mértola), têm-se efectuado estudos sobre “erosão de solos”. As conclusões desses trabalhos revelam que a rotação alqueive - trigo é muito ruínosa no que se refere à conservação dos solos, verificando-se a erosão máxima no alqueive. A introdução, na rotação, da sideração (leguminosas) diminui claramente a erosão dos solos e a utilização da pastagem é aquela que menor degradação induz. As vertentes expostas a sudoeste sofrem a influência das precipitações dominantes, portanto com maior nível de erosão. Quando se compara a erosão do solo com o tipo de chuvas, é óbvio que são as chuvas Outono - Invernais as mais influentes, não só devido à sua abundância, mas sobretudo porque é nesse período que se fazem as sementeiras, procedendo-se a uma remobilização do solo.

“ O sul do país é uma área particularmente sensível à erosão dos solos e ao conseqüente assoreamento das barragens. Por um lado os vários planos tendentes a racionalizar os recursos hídricos do Alentejo tiveram como conseqüência o alargamento dos campos agrícolas a solos pouco produtivos (classes D e E da carta de capacidade de uso do solo) e a áreas de declive superior a 5%, em detrimento da área florestada. Por outro lado as chuvas Outonais, por vezes intensas e concentradas, frequentes no sul do país, coincidem com uma das épocas de lavra, em que o solo remexido é presa fácil da erosão” (Ferreira, 1993). No concelho de Mértola a barragem de Vale Formoso apresenta elevado grau de colmatagem.

Passados mais de 50 anos sobre a “Campanha do trigo” e mais de um século sobre outras ilusões cerealíferas, podemos meditar sobre conclusões tiradas em função dos estudos sedimentológicos empreendidos na albufeira de Vale Formoso pelo Eng. Agrónomo E. B. d’ Araujo , “ ... há que tomar consciência das conseqüências encobertas e realmente muito graves que envolvem os coeficientes de erosão apurados quando encarados ao nível regional. Eles traduzem-se, então, em milhares de toneladas de carrejos que na bacia do

Guadiana se movimentam anualmente, num processo continuado de degradação dos já tão depauperados solos, na teimosa insistência de uma cultura mal adaptada e de proventos duvidosos. Em números redondos, para que se fixem na memória, à razão de 3 700 Kg /ha / ano, vinte e sete mil hectares de exploração cerealífera contribuirão com cerca de cem mil toneladas anuais de carrejos a complicar o regime fluvial do Guadiana, pelo prémio inglório de uma produção de trigo que, em média, não ultrapassa os 900 Kg por hectare, segundo informa o Instituto Nacional de Estatística (1965 - 74) nos seus apuramentos relativos ao concelho de Mértola” (16)

A erosão dos solos apresenta um amplo leque de consequências negativas, entre as quais se destacam (17) :

- Consequências para o ambiente :

- . Diminuição da camada superficial de solo arável e aumento das superfícies de rocha a descoberto (arrifes)

- . Maior secura : a água das chuvas é evaporada muito mais rapidamente.

- . Menor fertilidade : os solos tornam-se mais delgados e menos férteis.

- . Menor variedade de espécies, pois só resistem aquelas que se adaptam melhor às condições mais severas

- . Diminuição da caça existente, principalmente aquela que vive e depende das áreas de vegetação mais densa, como as lebres e os javalis.

- . Os rios e ribeiras entulhados com muito cascalho e areia que são arrastados pelos barrancos em regime torrencial.

- . Diminuição da capacidade de armazenamento de água das albufeiras, pois estas ficam cheias de materiais transportados e acumulados no fundo.

- Consequências económicas

- . Maiores custos na produção de cereais, pela necessidade de adicionar mais adubos, pois os solos estão esgotados e destruídos.

- . Menores produções em virtude da pobreza dos solos

- . Prejuízos monetários, pois o dinheiro e o trabalho não são compensados com a venda da produção, especialmente o cereal.

(16) “A agricultura no limiar da Reforma Agrária”, Eugénio Castro Caldas, pp. 63

(17) “ Contributos para o Vale do Guadiana) , Rosário, 1996, pp. 34-35

Diminuição da produtividade das pastagens naturais de modo que o número de animais que podem ser alimentados nessas áreas (encabeçamento - nº de cabeças de gado por hectare) tem de ser mais pequeno.

Na última glaciação, a Europa esteve coberta de gelos, grande parte da fauna europeia de anfíbios, peixes..., conservou-se na área não coberta pelos gelos, o sudoeste peninsular.

Além do factor riqueza, em termos de diversidade genética, diversidade de espécies selvagens e diversidade de habitats reconhecida pela Comunidade Europeia que valoriza esta área numa óptica de racionalidade económica, este recurso potencia um conjunto de actividades económicas de pequena escala que, se exploradas de forma integrada e sinérgica contribuem de forma determinante para o desenvolvimento regional.

O progressivo abandono dos campos teve como consequência a regeneração da cobertura vegetal. A esteva (*Cistus ladaniferus* é a espécie dominante ou ainda, a rosela (*Cistus salvifolius*), pois estão adaptadas às condições edafo - climáticas, por exemplo, a esteva consegue viver no xisto, penetrando nas suas fissuras. Outras espécies desapareceram devido, em grande parte, à acção dos predadores. Esta situação conduziu a uma redução na biodiversidade.

A descrição da vegetação e formações vegetais é feita com base no livro "Fauna e Flora de Mértola" de Pena, Gomes e Cabral. Segundo os autores, evidenciam-se três formações vegetais com características muito próprias, fruto do grau de intervenção humana :

- . Floresta esclerófila em exploração
- . Formações subxerófitas
- . Estepe mediterrânea

A floresta esclerófila em exploração é constituída por montados e pequenas matas de resinosas em torno de Mértola e eucaliptais nas áreas de S. Domingos e Corte do Pinto . Os montados resultaram do aproveitamento -

selecção por protecção de árvores indígenas para obtenção de lenha e alimento para o gado. A azinheira predomina nos montados, por vezes acompanhada do zambujeiro.

A vegetação sub - xerofítica, cobertura vegetal designada por "mato" apresenta adaptações ao elevado grau de secura. Estas formações variam tanto na sua composição como na sua estrutura. Este grupo apresenta três subgrupos:

O esteval, que corresponde a formações arbustivas resultantes do abandono de terras de pastos ou de culturas extensivas, onde predominam quase exclusivamente as estevas, constituindo manchas contínuas e homogéneas. Nestas áreas a diversidade é mínima (monocultura da esteva), tendo, por vezes, como acompanhantes a rosela, o rosmaninho. O esteval surge como uma formação do tipo garrigue adaptada às condições mesológicas da região.

Montado abandonado :

Sob a cobertura da azinheira forma-se um micro - clima favorável ao desenvolvimento de uma densa vegetação de porte arbustivo (estevas, tojo-molar, tomilhos, etc.) que vai surgindo por invasão e regeneração das espécies indígenas. Assim se vão enriquecendo, lentamente, de matéria orgânica os litossolos. Esta dinâmica vai gerar maior biodiversidade, surgem novas azinheiras, zambujeiros, rosmaninhos, aroeira ... Forma-se um novo ecossistema, mais rico, equilibrado e dinâmico que, a longo prazo poderá evoluir até ao primitivo bosque mediterrâneo. O matagal das áreas declivosas é composto por vegetação muito diversificada e densa, onde sobressaem as árvores esparsas e os arbustos de porte arbóreo. Os acentuados declives das margens de alguns cursos de água ou os topos de maciços rochosos (Serra de Alcaria Ruiva) são as únicas áreas onde não chegaram os arroteamentos para a cultura do trigo. São as únicas áreas que se aproximam de uma situação mais típica de matagal mediterrâneo, embora, nalguns casos sofram a influência humana através das cabras.

O montado é uma espécie de “divisão blindada” contra o deserto. Se deixarmos morrer esta linha de floresta dos países mediterrânicos frente ao Magreb, estamos a permitir que o deserto avance para a Europa. O sobreiro e a azinheira são, por excelência, as árvores de defesa contra o avanço do deserto. Os montados de azinho são fundamentais ao equilíbrio e à conservação dos solos nas regiões secas do interior, como o concelho de Mértola. A acção antrópica tem provocado alterações na vegetação e nos solos. As alterações no ecossistema são, possivelmente, uma das causas das doenças que se manifestam nas azinheiras, causadas por fungos, insectos desfolhadores que causam a destruição do sistema foliar das árvores e insectos perfuradores que constroem galerias em troncos e ramos até atingirem o sistema vascular da planta, onde se alimentam.

As áreas de estepe mediterrânea são a consequência da degradação imposta pelos arroteamentos e prática agrícola extensiva e continuada. Verifica-se uma total ausência de árvores ou arbustos que foram substituídos pelas herbáceas. Esta acção antrópica originou um ecossistema homogéneo e estruturalmente simples.

O concelho de Mértola apresenta áreas que constituem um “armazém” genético de grande interesse científico, com recursos de natureza biológica de valor incalculável. Encontram-se neste domínio os cursos de água principais e as suas margens, algumas faixas do montado abandonado, de esteval e ainda as áreas mais elevadas. O coberto vegetal de tipo mediterrânico abriga uma comunidade zoológica extremamente variada (coelho, javali, raposa, geneta, saca-rabo...), plantas endémicas como o tomilho de cabecinha ou raras como as orquideas e os cravos silvestres, a rica fauna mamalógica carnívora de que destacamos a lontra, a existência de aves de rapina tão ameaçadas como o abutre preto, o grifo, o mocho real e a águia de Bonelli, a presença de um grupo avifaunístico bem adaptado ao maquia (toutinegras) e ainda o facto deste concelho ser um dos últimos redutos em Portugal da cegonha negra, são preciosidades que importa defender.

2.3 Raízes Culturais

Mértola foi palco de diferentes culturas que, nalguns casos, coexistiram de forma harmoniosa. Neste caldear de culturas germinou uma mentalidade de **tolerância**, um respeito pelas diferenças ...

O rio, a mina e a “serra” foram cenários de quadros de vida que marcaram a história do concelho de Mértola.

O mediterrâneo foi o traço de união entre civilizações diferentes que se relacionavam através do comércio. Era um mundo em interação : de mercadorias, de ideias, de religiões. O Guadiana facilitou esses fluxos, sendo Mértola “ ao mesmo tempo início e término de uma grande caleira que se estende até ao mar, por onde circulavam homens e vontades (Garcia 1882).

Nos últimos mil anos, romanos, árabes e cristãos governaram a vila de Mértola, deixando atrás de si um importante legado arqueológico. Marcada e martirizada pela posição geográfica, conheceu no rodar dos milénios, misérias, mediocridades e grandezas.

A partir do século VIII os Árabes estabeleceram-se no local, utilizando as estruturas romano - visigóticas. Além de reconstruírem o castelo procederam à edificação das habitações ao longo da encosta numa implantação panorâmica sobre o rio Guadiana. Sensivelmente a meio erguia-se a mesquita, o espaço religioso. Mértola foi no séc. XI a capital de um reino maometano, o que justifica a importância desta vila alentejana em tempos recuados.

Com o avanço da Reconquista para sul, o castelo foi tomado aos Mouros por Sancho II em 1238. Dado no ano seguinte à Ordem de Santiago juntamente com a povoação e os extensos territórios circunvizinhos, passou sucessivamente de priorado e comenda a cabeça da Ordem em 1245 e 1482, ano em que esta foi transferida para Palmela. A população medieval, que manteve hábitos tradicionais e aproveitou anteriores estruturas e equipamentos

Árabes, ajustando-os a novas funções, era constituída por alguns mouros e cristãos.

Mértola aparece-nos praticamente intacta na sua expressão medieval. “ A organização do aglomerado é marcada por três eixos ordenadores que correspondem actualmente às ruas do Castelo, da Igreja e de D. Sancho II. Implantam-se organica e paralelamente ao rio, correndo transversalmente ao longo da encosta, e conduzem aos principais edifícios e espaços públicos.

Um conjunto de ruas secundárias, becos e escadinhas estabelece a ligação entre as ruas principais e os sectores principais e secundários das muralhas, numa estrutura que mantém quase intactas as preexistências muçulmanas. Nas ruas íngremes e estreitas viaja-se pelo passado nos quintaizinhos pasmam oliveiras, figueiras, limoeiros, leiras de hortelã, salsa e coentros. Mulheres assomam aos postigos, com uma serenidade morena e olhos pretos, arabizados”
(18)

A “vila velha” (figura 8) comunica através da sua “linguagem silenciosa” com o visitante, transportado-o a outra dimensão cultural.

Mértola, antes da definição da linha fronteira com Castela, que a isolou do resto da Andaluzia, foi um importante posto comercial. Pela grande estrada fluvial eram escoados, os cereais de grande parte do Baixo-Alentejo, o ouro, a prata e o cobre das grandes extracções mineiras de Aljustrel, S. Domingos e da Serra da Adiça.

Após a Reconquista, a intensa actividade mercantil, que fizera de Mértola, ao longo dos séculos, uma encruzilhada de gentes e produtos da bacia do Mediterrâneo e eixo de um intenso comércio interior, perde abruptamente o seu brilho.

Até final do século XIX a região era uma grande produtora de linho. Os últimos campos de linho foram arados nos anos 50 na mesma época em que as mulheres que trabalhavam isoladas em casa nos seus teares, começaram a olhar para a tecelagem como algo pouco digno e mesmo como um trabalho de

(18) “Por Terras de Portugal”, Selecções do Reader’s Digest, Lisboa, 1985.

escravatura. A maior parte das famílias possuíam um tear onde as mulheres teciam peças de lã e linho, trabalho fundamental numa economia de



Figura 8 - A “Vila Velha” (Mértola), debruçada sobre o Guadiana. Um valioso espaço histórico-cultural que leva o visitante a “viajar no passado”

autosubsistência, pois nos teares se confeccionava a roupa, os talegos, os alforjes...

O ciclo da exportação de trigo pelo Guadiana estende-se da Idade Média até finais do século XVIII, a que sucedeu o do minério com a redescoberta dos filões de cobre de S. Domingos em 1853.

Vestígios de trabalhos antigos e as massas de escória encontradas fazem crer que a serra de S. Domingos (como outras importantes áreas mineiras do país), tivesse já sido explorada. Segundo alguns a exploração remonta ao tempo dos fenícios e cartagineses, segundo outros aos romanos. No entanto ainda não existe um trabalho arqueológico suficientemente aprofundado que permita dar uma resposta clara a esta dúvida.

A “nova” descoberta dos jazigos coube ao espanhol Nicolau Biava que, em 1858, cedeu a concessão à empresa “La Sabina”, registada na Andaluzia. No entanto esta empresa arrendou o couto mineiro ao inglês James Mason o qual viria a constituir sociedade com o seu cunhado Francis Barry. Nascia assim a “Mason & Barry Lda. “ que logo em 1858 arrancaria do solo as primeiras 236 toneladas de pirites sulfurosas.

A actividade mineira que se desenvolveu em S. Domingos, sob a direcção dos ingleses da “Mason & Barry” teve um forte impacto na população, pois foi a grande fonte de emprego no concelho ao longo de um século. Naturalmente que as marcas históricas estão gravadas no espaço e na memória do homem. Uma arquitectura uniforme, onde impera a monotonia e a exiguidade das habitações, (figura 9) que foi sentida por diferentes gerações que sofreram um desenraizamento cultural, pois tiveram de quebrar o elo que as unia à terra, numa relação directa com o mundo rural, para se tornarem mineiros. Viviam num espaço diferente onde estavam bem gravadas as profundas distâncias sociais e culturais. As ruas, nalguns casos são muito estreitas e os telhados são baixos. Aqui existiam grandes densidades humanas, havendo naturalmente falta de “espaço vital” para as famílias. Como estratégia que possibilitasse essa coexistência ignoravam-se uns aos outros, “as mulheres são pouco comunicativas, vivem como não se conhecessem, não há ali o hábito de todos se saudarem...” (Marques, 1949). Como estratégia para amortizar este desenraizamento cultural, a empresa, a pedido dos operários, dividiu a área envolvente às albufeiras da povoação e concedeu talhões às famílias a troco de constrói, cria... é um espaço onde recupera a liberdade perdida, um suporte do equilíbrio bio-psico-social da família. Geralmente, aqueles que não possuíam



Figura 9 - A Arquitectura Mineira em S. Domingos

este refúgio, anesthesiavam a dor do desenraizamento cultural na taberna, à custa da harmonia da célula familiar. Os jogos tradicionais também tiveram um papel muito importante na construção desse equilíbrio, pois permitiam ganhar forças anímicas. A "malha" era um dos preferidos para quebrar o cansaço do dia de trabalho. A dificuldade do jogo surge como um estímulo para o aperfeiçoamento. O homem progride, assim ganhava nova coragem para enfrentar a vida, pois ela própria é também um jogo. Era fundamental evitar o stress, pois à medida que se torna mais severo, a sensibilidade humana acumulada sobe por igual, de tal modo que a exigência de espaço não pára de crescer na função inversa da sua disponibilidade.

Essas marcas ainda hoje estão bem vincadas no espaço. As estruturas arquitectónicas teimam em continuar a modelar as estruturas mentais. As envolventes do processo ambiental continuam a exercer, embora de forma silenciosa, uma influência considerável no comportamento das pessoas. A disposição espacial da povoação com os diferentes bairros favorece a continuidade das distâncias sociais, embora tenha mudado o contexto.

Ferreira de Castro quando visitou a povoação da Mina de S. Domingos, em 1929, salientava : " Longas edificações terreas, muito baixas e compartimentadas, não apresentavam uma só janela. Tinham unicamente portas. Portas a seguir a portas... cada porta correspondia a um quarto, cada quarto a uma só família... O quarto servia de cozinha, de sala e dormitório...todas as imposições da vida, as suas intimidades, os seus odores, as suas emergências, se desenrolavam entre estas quatro paredes. Aqui se procedia à sementeira de crianças, aqui elas nasciam, aqui a maioria delas falecia, por carência de higiene e alimentação adequada aos seus corpitos tenros e indefesos..." (19)

Em S. Domingos construiu-se todo um complexo de exploração mineira que dispunha da mais avançada tecnologia nesta actividade, com todas as instalações necessárias à extracção, selecção e transporte de minério centrais

eléctricas, fundição, serralharias mecânica e civil, carpintarias, locomotivas, vagonetas. Foi construída uma linha férrea privativa de mais de uma dezena de Km até ao Pomarão, no rio Guadiana. O seu término era um cais de embarque do minério para os barcos que o haviam de escoar, via Vila Real de Santo António, para a Inglaterra. Nos anos 30, a três Km da mina, a empresa constrói altos fornos onde começa a produzir enxofre que é vendido à CUF .

Segundo as descrições do “Guia de Portugal” de 1927, havia uma pequena hospedaria que tinha cómodo para turistas que podiam descer à boca da mina, visitar as oficinas, as duas represas com a capacidade de 6 e 2 milhões de metros cúbicos, com barcos de recreio que o visitante podia utilizar. Também havia biblioteca, teatro, campo de foot - ball” e de ténis, estação de correio e telégrafos...

O crescimento do complexo mineiro proporcionou o desenvolvimento de S. Domingos. Em 1958, um século depois da abertura da mina, a empresa tinha 1650 empregados ao seu serviço. A povoação de S. Domingos chegava, entretanto, a atingir vários milhares de habitantes, ultrapassando mesmo a população da vila de Mértola.

Os ingleses da “ Mason & Barry ” converteram-se em proprietários de tudo quanto foi surgindo (ruas, das exíguas casas dos mineiros, do edificio dos CTT, da própria igreja ...). Fazendo uso da legislação mineira, ainda hoje em vigor no fundamental, nada deixavam fazer sem sua ordem.

Em 1965 assiste-se a uma viragem abrupta. Alegando esgotamento do minério, os ingleses resolvem encerrar a mina. A resultante foi um despedimento maciço e a conseqüente partida para o estrangeiro ou para a periferia de Lisboa. Nesta altura dá-se o regresso das sombras da velha “La Sabina” que 110 anos antes arrendara aos ingleses a exploração do couto mineiro. Já não era a empresa de um grupo de Andaluzes mas de um cidadão alemão federal . O novo proprietário compra os bens deixados no terreno pela “Mason & Barry” e vende para a sucata máquinas e equipamentos de raro valor histórico-industrial. Arranca a própria via férrea, cedendo-a também para o ferro velho. Efectuou-se aquilo a que se chamou a mais fria e sistemática destruição de um património,

de invulgar interesse arqueológico de que hoje se tem notícia em solo alentejano.

S. Domingos e o Pomarão continuam a ser propriedades privadas, verdadeiros enclaves estrangeiros, que têm bloqueado as iniciativas autárquicas de revitalização deste espaço.

Os despachos de 24 e 25 de Outubro de 1984 referem que “ La Sabina” perdeu a concessão da exploração que detinha na mina há 126 anos. Este caducar foi devido ao ultrapassar do período máximo permitido para a paragem da exploração. Esta revogação dos direitos no subsolo não traduz, todavia, idênticos efeitos à superfície.

Além das principais povoações servidas por vias de comunicação, escondem-se os montes isolados, onde já fervilhou a vida de muitas famílias. A zona serrana é uma das mais arcaicas do país, terras isoladas de tudo onde ainda subsistem alguns velhos. Nesses locais a vida quotidiana ainda decorre segundo tradições seculares, com hábitos medievais e formas de artesanato, nomeadamente de tecelagem que estão em risco de rápido desaparecimento. Nalguns desses montes, as mensagens explícitas nos motivos ornamentais (caso das mantas de lã dos pastores), permitiram detectar as raízes ignotas dessas culturas, segundo Claudio Torres. As técnicas e os motivos ornamentais são idênticos aos que ainda hoje se praticam em certas zonas do norte de África e que são considerados relíquias de uma cultura berbere pré-islâmica. Este achado veio ao encontro das teses que apontam para um mesmo povoamento e cultura no Sul do país e no Norte de África de origem anterior aos árabes e Romanos. “O artesão é o depositário da memória gestual e tecnológica da sua comunidade. O artesão-artífice-artista é o transmissor dos ritos e imagens da cultura não escrita, da cultura cujas raízes mergulham no inconsciente colectivo, por vezes nas zonas mais cinzentas da formação da humanidade, em que a mão-instrumento-ferramenta define o humano” (20). A mulher aprendeu a entrelaçar os fios e manufacturava peças de vestuário e abrigos (as mantas de lã

(20) Cláudio Torres, “ Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo”, 1984

que o pastor usava nas longas transumâncias à procura de melhores pastagens para os rebanhos). As comunidades onde perdurava esta tradição estão a desaparecer e provavelmente nada poderá impedir a sua morte.

A desigual repartição da terra criou profundas assimetrias sociais no mundo rural, com uma amplitude que vai do proprietário absentista que delegava a administração da empresa agrícola ao feitor, até ao pequeno camponês da "serra" que a custo extraía das magras terras declivosas o sustento para uma numerosa família que vivia à margem das inovações, num mundo praticamente fechado, em estreita ligação com o meio natural. As serras bravas, "só para eles eram mansas e acolhedoras" (Ribeiro, 1974).

A principal causa da colonização da Serra e arroteio dos terrenos foi o grande aumento da população, sobretudo em função da entrada em funcionamento do pólo mineiro de S. Domingos, que levou à divisão dos terrenos baldios. Assistiu-se assim, durante décadas consecutivas, a uma "agricultura mineira" intensificada por várias medidas políticas (leis proteccionistas do trigo e Campanha do Trigo). É possível estabelecer uma analogia entre o processo global de colonização e aproveitamento da Serra e uma exploração mineira de cariz individual. Este território atraiu uma população ávida de ter algo seu, neste caso um pedaço de terra, e de alcançar algum bem estar económico. Mas como em qualquer área mineira, com o tempo e intensidade de exploração, o minério esgota-se, daí que se assista ao progressivo abandono da terra, que só continua a ser explorada em alguns locais, não porque seja economicamente rentável, mas porque se acredita que o solo é inesgotável e porque está no sangue das gentes da Serra ser seareiro.

O trigo constituiu mais que a base alimentar da população. O pão representava algo de sagrado, sendo o resultado material de muitos esforços, " "Se a cerealicultura é fortemente criticada por agrónomos, mas teimosamente prosseguida pelos cultivadores, ela prende-se com uma constelação de hábitos... O pão, a comer, a cozer, a amassar, só pode ser verdadeiramente compreendido se na leitura se incluir a terra, precisamente aquela terra que o

produziu. De cada pão cortado e comido se sabe a história : aquela amassadura e cozedura, aquela farinha... e sobretudo aquela seara e aquela terra” (Bastos, 1993). O forno de pão era a “alma de uma família... a certeza, o sossego, a confiança ... “ (Fonseca, 1984).

Em muitas áreas do concelho nota-se um decréscimo significativo na produção de trigo. Nas terras magras, esgotadas e abandonadas regenera-se a vegetação natural. Os fornos das aldeias começam a ser uma relíquia do passado (figura 10).

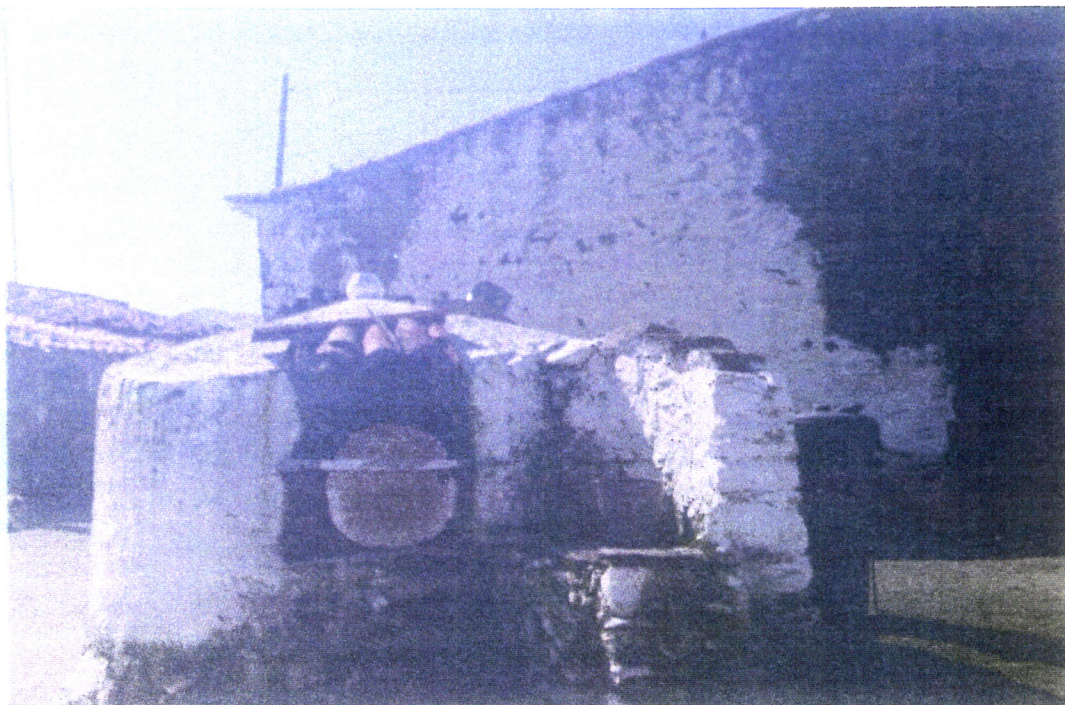


Figura 10 - Os fornos fechados : Sintoma da decadência do “ciclo do trigo”

Para além do pão, é do porco e da oliveira que vem o principal da alimentação dos camponeses. Todos esses produtos seguem um ciclo anual, os seus

períodos mais importantes coincidem com momentos ritualizados do ano. O fim da colheita coincide com o solstício de Verão e o S. João é festejado em plenitude com a ceifa terminada, a matança do porco dá-se no solstício de Inverno. É a festa da família, oferecida a um grupo de parentes e amigos (figura 11), como descreve Cristiana Bastos :

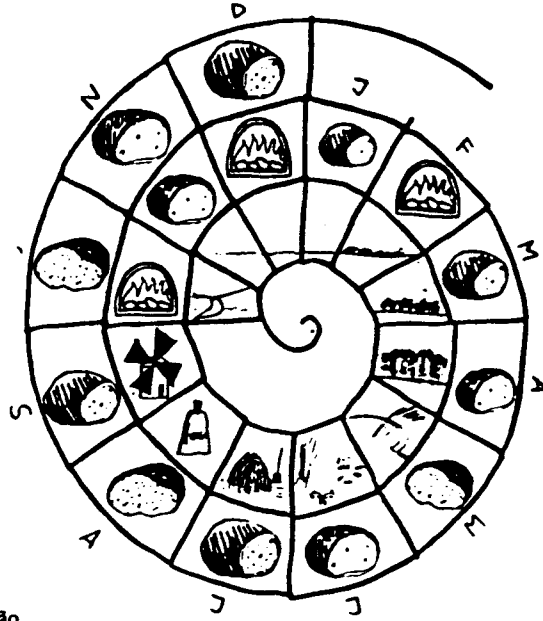
“ Os homens tratam de cercar o porco, de o apanhar, cravar-lhe a faca, chamuscá-lo com tojos, abri-lo, mais tarde salgar os presuntos. As mulheres colhem o sangue que cozinharão, lavam as tripas, cortam a carne em pedaços, fazem os enchidos. Uns e outros comem as molejas, bem como o sangue cozido com sopas de pão, um bocado de lombo fresco. Esse dia é o de uma grande passagem entre dois períodos : aquele em que, com os maiores cuidados, sacrifícios e esforços se sustentou o porco caseiro, e aquele em que a casa vai viver, olhando para os enchidos pendurados no fumeiro, tirando um de quando em vez, dele fazendo conduto... No porco se amealha aquilo que no dia - a - dia são miudezas e desperdícios, mas que no ano seguinte, mercê da domesticação daquele metabolismo e das técnicas de conservação, voltarão à boca da família sob a forma de enchidos e presuntos”. Os mais novos, com diversos pretextos, rejeitam pegar na faca para assimilarem a técnica. Têm outros interesses... e talvez não cheguem a interiorizar a carga simbólica desta operação, enraizada nas comunidades tradicionais. Os jovens ao colaborarem nos trabalhos de produção da célula familiar, reconhecem os esforços e as canseiras que envolvem todos os alimentos, o que os predispõe para respeitarem os outros e os distancia da sociedade de consumo e desperdício. Este contacto directo com a realidade tem uma grande força educativa.

Os ciclos do pão e do porco marcaram a vida das populações rurais (fig.12). A alimentação estava intimamente relacionada com as actividades humanas, num compasso bem definido no tempo.

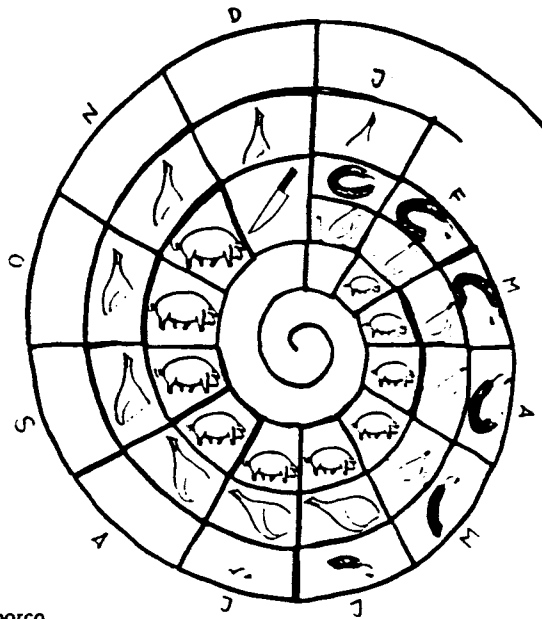
Na Serra, a pluriactividade constituiu, no passado, uma estratégia de sobrevivência, pois era necessário tirar o melhor partido dos recursos disponíveis. Como dizia um homem da Serra, “se pensarmos bem, todas as coisas podem ser boas para a nossa vida...”



Figura 11 Casas térreas, brancas, com poiais e barras azuis... uma harmonia onde continua a “labareda da tradição”



O ciclo do pão.



O ciclo do porco.

Figura 12- Os ciclos do "pão e do porco"

Fonte : " Os Montes do Nordeste Algarvio", Cristiana Bastos, 1993, pp. 116

No concelho de Mértola, a produção de queijo de ovelha e os subprodutos do fabrico constituíam uma actividade complementar, praticada por algumas famílias. Os roupeiros herdaram o domínio das técnicas ancestrais, assimiladas pela observação e pelos ensinamentos práticos provenientes da experiência, da qual, em paralelo com a dedicação ao trabalho, depende a qualidade do produto final. A Cooperativa do Guadiana (Queijaria) com instalações modernas e equipamentos sofisticados não conseguiu atingir os objectivos que se propôs, o que a levou ao encerramento, por múltiplas razões, segundo a opinião de alguns roupeiros:

- . o leite não ser recolhido diária e atempadamente
- . os indivíduos responsáveis não terem prática
- . falta de cuidado
- . falta de competência
- . falta de experiência dos operários
- . utilização de grandes quantidades de leite

Hoje muitos roupeiros deixaram a sua actividade com receio da concorrência e temem os preços do leite. O queijo nem sempre apresenta a qualidade desejada, obra das “ más pastagens ou de tratamentos veterinários”

O rio foi ao longo dos tempos uma fonte de sustento para numerosas famílias. O peixe do rio foi durante séculos a fonte mais regular de proteínas. Actualmente os restaurantes da vila apresentam pratos de peixe em que figuram o muge, as enguias e a lampreia, que o Guadiana fornece nas épocas próprias. A diminuição dos caudais e a qualidade da água têm contribuído para uma acentuada quebra da actividade piscatória, “ dos pouco mais de 100 pescadores há 40 anos, restam agora 4 ou cinco, todos eles na casa dos 50 anos de idade. Os novos que adquiriram barcos já desistiram” (21). O esturjão e o golfinho abandonaram há muito estas águas, afugentados por um faro apurado e sensível às variações mais subtis ou por serem incapazes de se adaptarem às mudanças

(21) Carlos Pedro, “Boletim da ADPM”, Set, 1992

que o rio tem sofrido. O homem capturava o peixe, através das técnicas artesanais, simples mas engenhosas, tão antigas que se perdem nos séculos. Algumas exigiam, nas situações mais insólitas, especial coragem e perícia. No moinho dos canais sobrevive a última das armadilhas artesanais para a captura do peixe, o caneiro (ao açude construído para o moinho é acrescentada uma rampa afunilada e com uma pequena inclinação contrária ao sentido do rio, à qual são presas estacas verticais de varas de zimbros. Estas estacas formam a armação de suporte para um entrançado que funciona como uma rede. Para fazer este entrançado utiliza-se o loendro).

Os velhos moinhos de submersão começam a ameaçar ruína e o seu desaparecimento constituirá uma irreparável perda para o património arquitectónico e etnológico.

As habitações construídas com os materiais extraídos da natureza são o exemplo de uma “arquitectura de terra” que, através de técnicas milenares, fazia frente às temperaturas mais extremas, aumentando o conforto biológico. Os Mouros tiveram um papel importante na difusão da taipa que, gradualmente, tem sido substituída pelo tijolo, pondo em risco essas técnicas ancestrais.

Os motivos de ordem natural justificam em grande medida que o sistema intensivo e policultural não tivesse sido relevante, no entanto as hortas sempre estiveram presentes nos locais estratégicos, acessíveis à água e ao trabalho humano. Os poços, com extensas canhas, os tanques, as noras...testemunham processos antigos de gestão da água, para fazer face às exigências das culturas de regadio.

As áreas envolventes às albufeiras de S. Domingos, têm gravados na paisagem os talhões (30 a 40 m de comprimento e 10 a 15 m de largura, mediante o pagamento de uma renda anual). Este espaço era a extensão natural das exíguas casas dos operários da mina. Aqui expressavam a arte minuciosa de construção de canteiros, abertura de regos... uma autêntica jardinagem, que exigia um labor variado e permanente do hortelão, junto às suas culturas. Após as longas horas de trabalho na mina este era o espaço complementar, onde se

apelava a uma dimensão mais humana, a criatividade. Aos domingos, era o convívio da família, colorido com os banhos na tapada e a pesca. As hortas, além de servirem de ajuda económica ao rendimento familiar, eram o suporte do equilíbrio bio-psico-social da família.

Algumas dessas hortas ainda são cultivadas, especialmente por reformados que ali vêem uma forma de ocupar com agrado o tempo livre e de extraírem um complemento à sua reforma.

As hortas, autênticos oásis de um saber longínquo, também se estão a perder. As técnicas de cultivo não seguem o fio da transmissão através das gerações.

O espaço periférico, junto à fronteira espanhola incentivou, ao longo do tempo, mecanismos de subsistência ligados a actividades à margem da sociedade : o contrabando. Homens e mulheres faziam o comércio de produtos alimentares entre as duas margens do Chança. Assim, muitas famílias ganhavam o sustento colocando em risco a própria vida.

Nas povoações mais coladas à fronteira, o visitante fica pasmado com as histórias que envolviam os contrabandistas. Nestas conversas fica-se com a ideia da sua grande aptidão para lidar com o “risco” através de planos arquitectados com extrema minúcia. Contudo não faltam também as situações em que as balas sacudiam os corpos indefesos de Espanha. A fronteira foi cenário de uma luta pela sobrevivência ainda bem vincada na mente das gerações do presente.

Deve salientar-se a relativa indiferença que a população revela face a duas poderosas divindades dos nossos dias, o dinheiro e a eficiência, em contraste com a cordialidade das relações humanas. A vida tem uma estrutura e uma forma de convivialidade que não tem nada a ver com a guerra do ter mais. Há uma ambição enorme de irmandade, de solidariedade, bem vincada no rosto de gente simples (figura 13).

Este comportamento parece desconcertar muitos observadores estrangeiros, criados em estilos de vida onde o lucro é o mobil essencial das suas acções humanas e o aproveitamento do “tempo” um dos principais factores da sua

intensificação. O parco recursos criam, no homem, menor grau de exigências e um maior equilíbrio psíquico relativamente a populações de regiões mais ricas da Europa, que são assaltadas pela sociedade de consumo que lhes rouba constantemente o bem-estar .

Mértola foi palco de diferentes culturas que por ali passaram, se fixaram e, nalguns casos, coexistiram de forma harmoniosa. Neste caldear de culturas germinou uma mentalidade de tolerância, um respeito pelas diferenças, que se perpetuou ao longo do tempo e é visível nas relações humanas. No primeiro contacto com desconhecidos (fig. 13), o riso é o mais importante sinal que permite estabelecer laços de amizade, desarmando qualquer pessoa (22)

As artes e os ofícios tradicionais, com alicerce nos recursos endógenos da região, transmitiram-se através das gerações, segundo um modelo de aprendizagem onde a prática foi a fonte do saber. Galgaram as margens estreitas do simples modo de produção para se transformarem em modos de estar na vida.

Estas populações conseguiram uma adaptação ao meio, aperfeiçoada ao longo das gerações, procurando sempre aplicar a fórmula - tudo pode ser um recurso útil para o homem - num meio onde urge aproveitar ao máximo os escassos recursos, de forma a aumentar o bem-estar. Esta atitude está bem visível na culinária e na medicina tradicional, onde as múltiplas plantas têm a sua função própria. Aqui reside um amplo campo para estudos de carácter científico.

A sociedade tradicional, com o seu saber milenar e as suas tecnologias está a reduzir-se a simples peças de museu. Os mecanismos da transmissão cultural têm sido quebrados e assistimos, nas últimas décadas a uma gradual extinção de um rico património.

A população reconhece-se através de alguns traços, de símbolos e de gestos habituais, que lhe alimentam a interacção e a comunhão.

O mundo da cultura não é um mundo de imortalidade; é um mundo de

(22) "Amor e ódio", Irenaus Eibl - Eibesfeldt, 1987, pp. 121



Figura 13 Uma deslocação à vila, ao médico...
A simplicidade, o sorriso, a inibição... Gestos seculares num
cenário agreste.

metamorfoses. É necessário estabelecer a ponte entre as raízes culturais e as novas realidade do mundo moderno, criando uma harmonia sólida que faça frente aos múltiplos desafios que enfrentam as comunidades humanas.

A formas culturais, os costumes, os valores são o molde em que são recebidas as medidas inovadoras dos planos de desenvolvimento. Desconhecer ou não ter em conta este molde é criar condições para a destruição e para a resistência.

Destrói-se uma cultura, uma identidade e gastam-se esforços e verbas para vencer as barreiras às inovações.

Segundo Edgar Morin, “a ideia de desenvolvimento foi e é cega perante as riquezas culturais das sociedades tradicionais, vistas unicamente através das lunetas economistas e quantitativas. Só viu nas suas culturas ideias falsas, ignorância, superstições, sem imaginar que elas continham intuições profundas, saberes milenarmente acumulados, sabedorias de vida e valores éticos atrofiados entre nós”.

O contacto, a intimidade, com as populações das aldeias, dos montes isolados permitiu o conhecimento de alguns traços culturais que constituem a sua “dimensão oculta”, com raízes longínquas no tempo e com repercussões no seu equilíbrio biológico, psicológico e social. A crença em forças ocultas. As estórias contadas à lareira nas noites escuras de inverno criavam um especial apetite para os voos da imaginação que deliciavam os mais jovens. Assim se construía, no campo espiritual, a ligação entre as gerações.

Paralelamente à medicina convencional ainda impera, especialmente nos lugares mais isolados, todo um mundo de superstição. São frequentes as deslocações, por vezes a longas distâncias, à procura das “consultas” e dos “tratamentos” ministrados por curandeiros que cobram, nalguns casos, quantias avultadas para as magras possibilidades do camponês. A necessidade que sentem em recorrer a essas práticas, para restabelecer o seu equilíbrio bio-psíquico, começou a cair nas malhas da sociedade de consumo.

Como refere Jorge Dias, será desconhecer a História e a importância do meio na formação dos indivíduos, querer mostrar intolerância e incompreensão perante as crenças das populações simples.

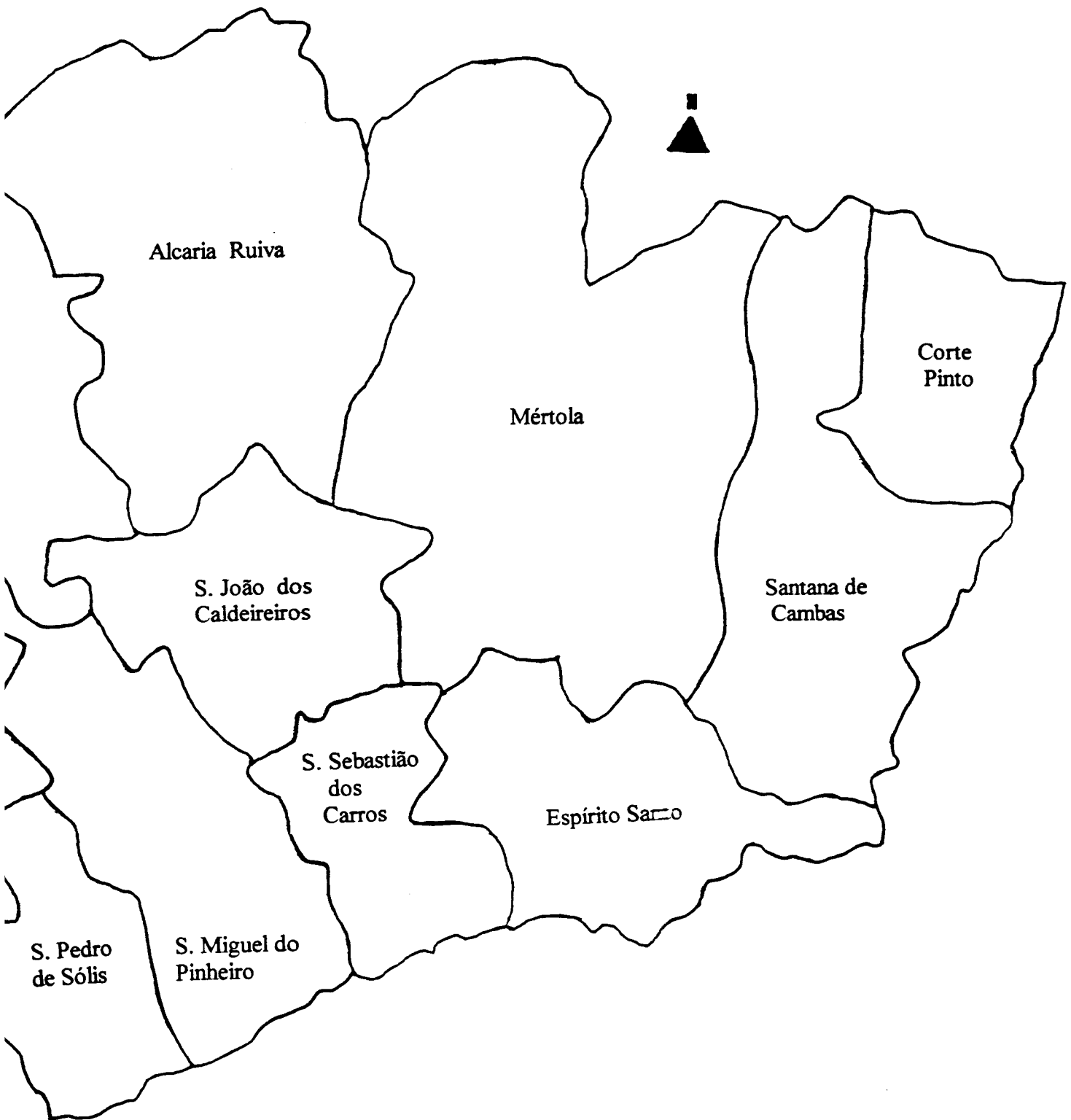
2.4 Aspectos demográficos

Os êxodos : da regeneração da natureza
à desvitalização humana...

O concelho de Mértola integra nove freguesias, com diferentes dimensões espaciais (figura 14).

Se considerarmos o período de 1911 a 1991 concluímos que o valor total da população residente no concelho de Mértola é , actualmente, o mais baixo desse intervalo de tempo. Ao observarmos a figura 15 referente à evolução da população podemos evidenciar duas etapas :

- . crescimento populacional, entre 1920 e 1950, incrementado por processos de dinamismo económico verificados na região, designadamente a Campanha do Trigo e a laboração da Mina de S. Domingos, iniciada em 1865.
- . Decréscimo populacional, com início em 1950, até aos nossos dias, devido ao decréscimo do interesse económico desta área, motivado pelo encerramento da Mina de S. Domingos e pelo falhanço da Campanha do Trigo. Esta curva de decréscimo populacional coincide com as grandes migrações da década de 60 para os países mais industrializados da Europa Ocidental.



1: 250 000

Figura 14 - O concelho de Mértola (freguesias)

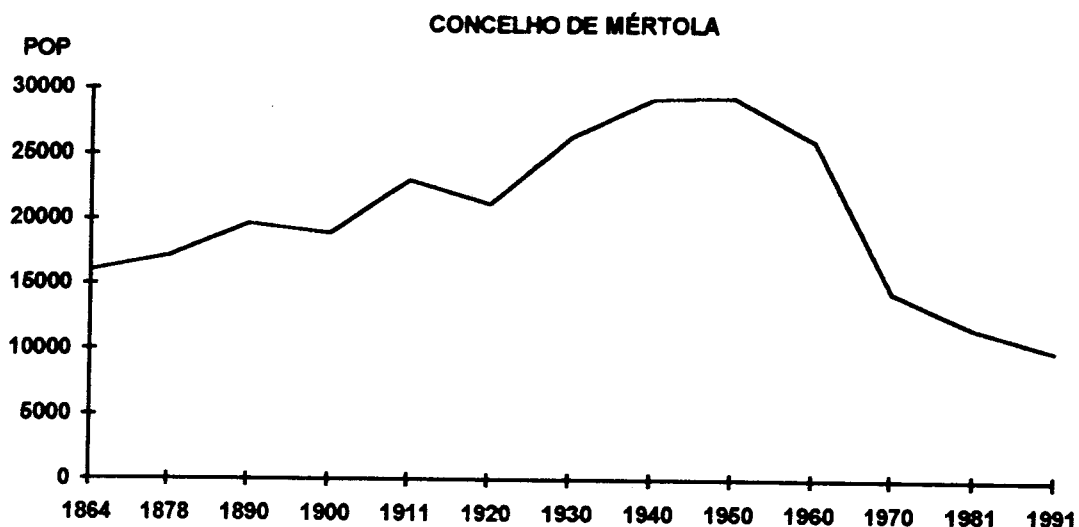


Figura 15 - Evolução da população residente entre 1864 a 1991

Fonte : INE

Na figura 16 pode observar-se a diminuição da população em todas as freguesias, com especial relevo para as de Corte do Pinto e Santana de Cambas, as que sofreram o maior impacto demográfico com o encerramento da Mina de S. Domingos em 1965.

No concelho de Mértola, as freguesias apresentam fraca densidade populacional. A freguesia de Corte do Pinto apresenta o valor mais elevado (18 hab. /Km²), como se pode observar no quadro 4 e na figura 15

FREGUESIAS	SUPERFÍCIE (HA)	DENS. POPULACIONAL
Alcaria Ruiva	21 523, 6975	5,7 hab/Km ²
Corte do Pinto	7 069, 4150	18,3 "
Espírito Santo	13 397,9023	4,1 "
Mértola	31 812, 6969	10,0 "
Santana de Cambas	16 417, 2262	6,2 "
S. João dos Caldeireiros	10 344, 1850	7,7 "
S. Miguel do Pinheiro	13 825,3491	7,5 "

S. Pedro de Sólis	6 374, 1715	6,8	"
S. Sebastião dos Carros	7 175, 5925	5,7	"
Total do Concelho	127 940, 2360	7,8	"

Quadro 4 Superfície e densidade populacional por freguesia (1991)

Fonte : INE

Através da leitura do mapa da distribuição espacial da população (figura 17), podemos concluir que o povoamento está bastante disperso no concelho com aglomerados de reduzida dimensão. A maior parte dos lugares tem registado uma diminuição da população. Contudo, Mértola revela um crescimento populacional, pois atrai a população rural das áreas circundantes (oferece à população um conjunto de infraestruturas e serviços, isto é, uma maior probabilidade de emprego).

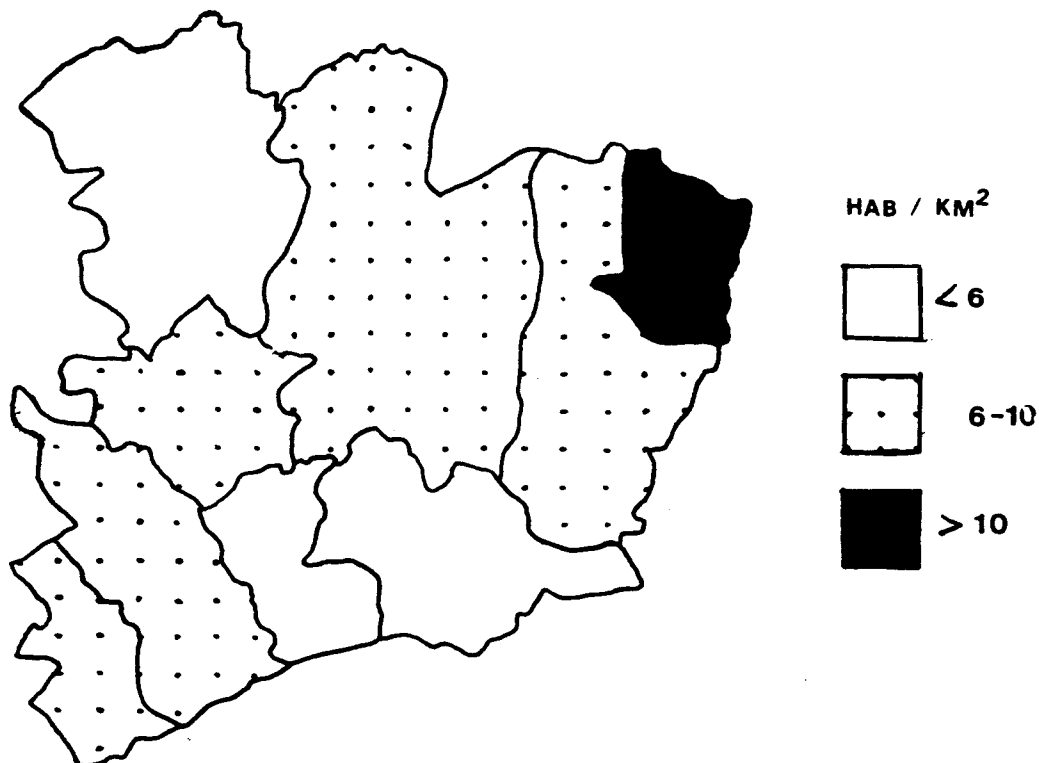


Figura 15 A densidade populacional do concelho de Mértola por freguesias.

Fonte INE

Figura - 16 A Evolução da População Residente do Concelho de Mértola por Freguesias (1960 - 1991)

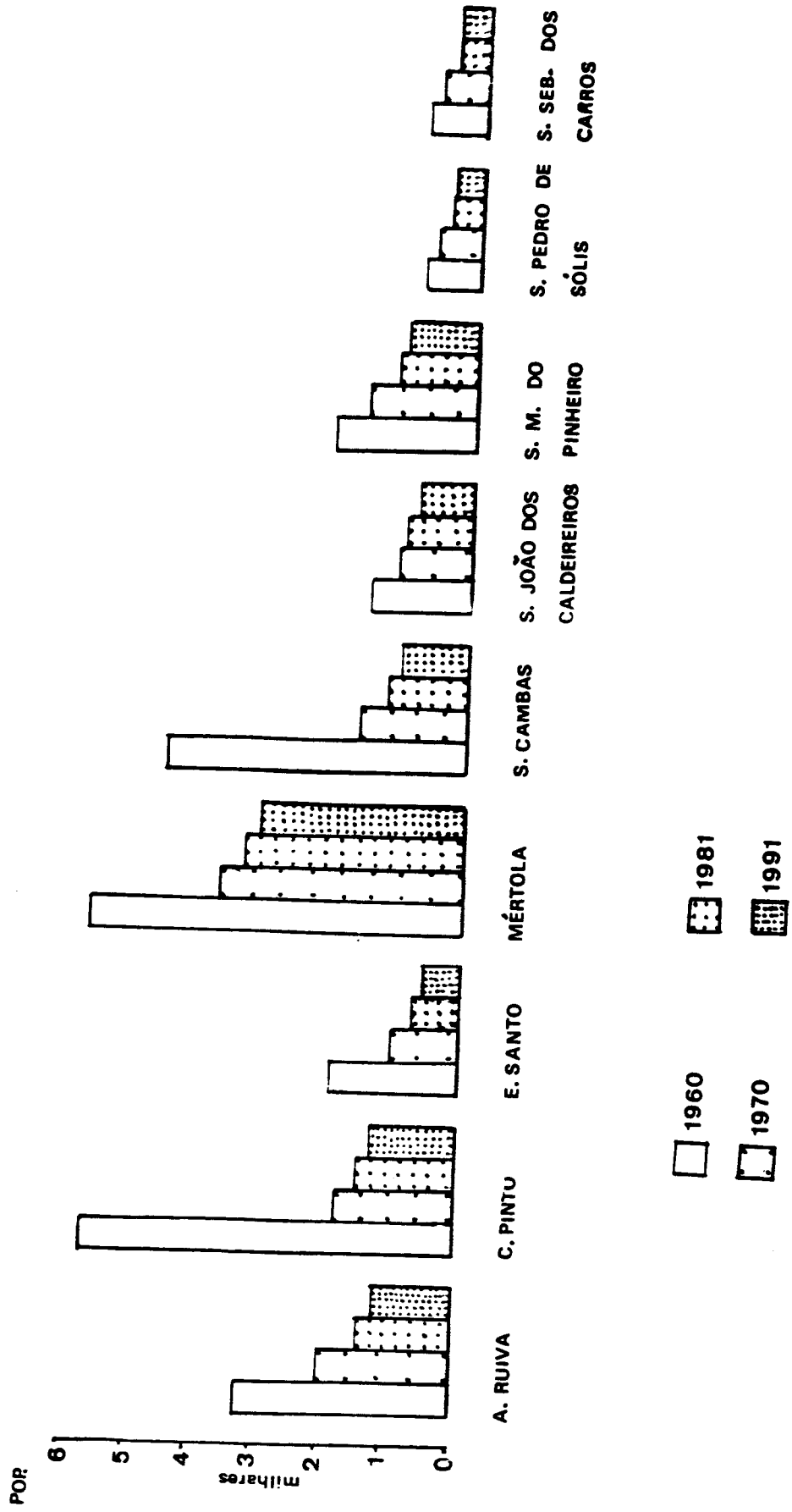
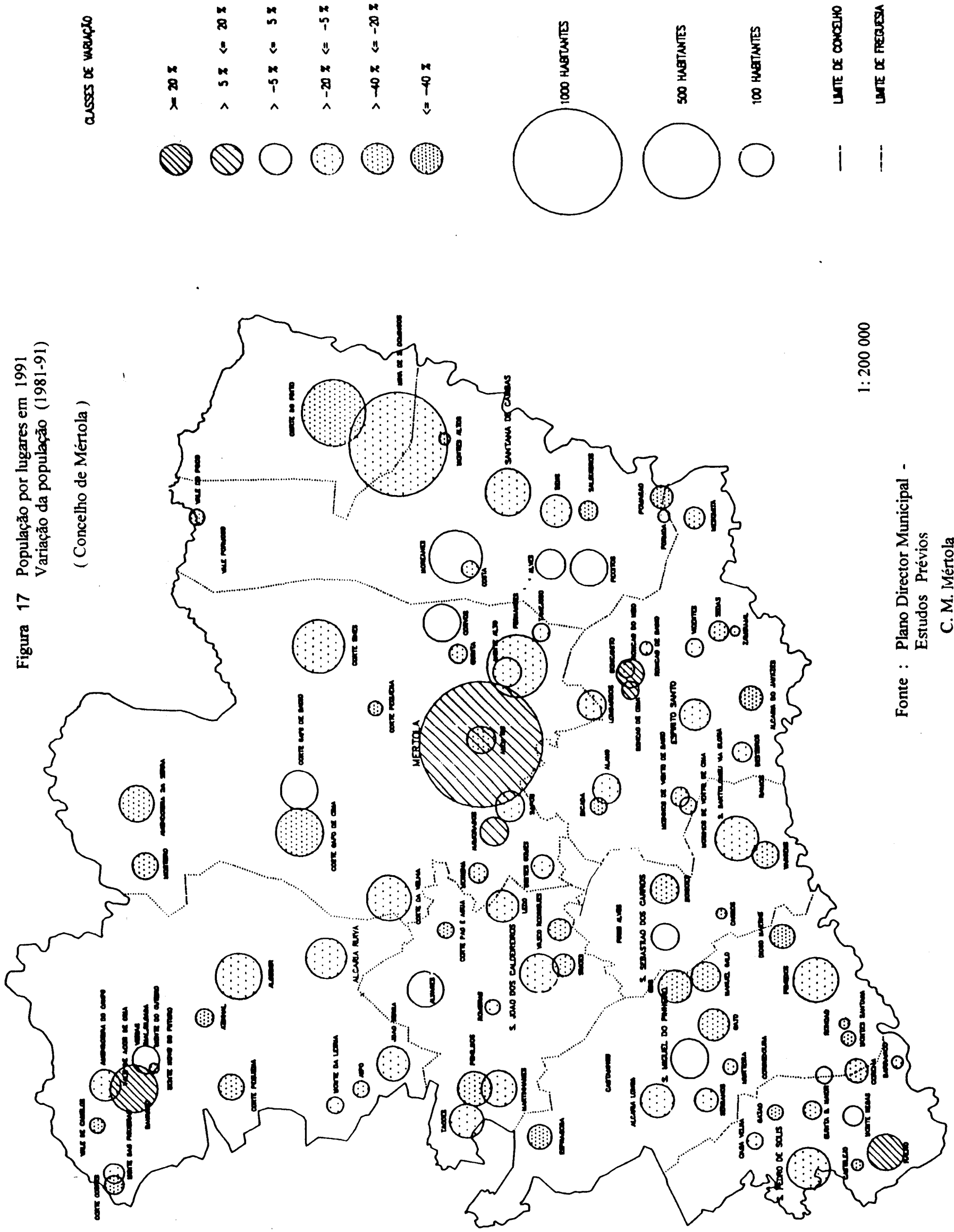


Figura 17 População por lugares em 1991
Variação da população (1981-91)

(Concelho de Mértola)



Fonte : Plano Director Municipal -
Estudos Prévios
C. M. Mértola

Com base na figura 18 podemos comparar a densidade populacional entre diferentes unidades espaciais, sobressaindo o fraco povoamento do concelho de Mértola.

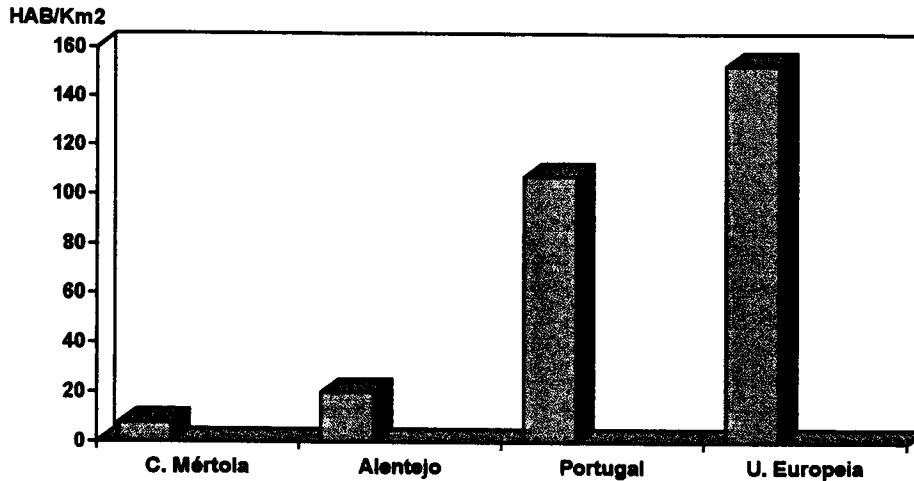


Figura 18 A densidade populacional em diferentes unidades espaciais, 1990

Fonte INE

A estrutura etária apresenta um duplo envelhecimento (na base e no topo) nos sexos masculino e feminino, como se pode observar nas figuras 19 e 20. No período de 1981 - 91 acentuou-se o envelhecimento da população, com uma diminuição do grupo etário (0 - 14) e uma manutenção do grupo etário com mais de 64 anos (figura 22). A taxa de natalidade tem tendência para diminuir e a taxa de mortalidade para aumentar , devido ao envelhecimento da população (figura 21).

Esta tendência de envelhecimento não apresenta sintomas de inversão a curto prazo, na medida em que não se conhece qualquer actividade económica agregadora de mão de obra não especializada, nesta região, motivadora de grandes fluxos migratórios, ou de retorno de alguns emigrantes ainda em idade activa.

Como na maior parte do território nacional, o número de mulheres é superior ao dos homens, não sendo, porém a diferença muito significativa.

A menor esperança média de vida dos homens está vincada em muitas células familiares, constituídas só pela mulher.

O número de idosos tem tendência a aumentar, relativamente aos outros grupos etários. Envelhecimento agravado ainda pelos que regressam na situação de reforma.

A família desagregou-se devido ao êxodo rural, de grande amplitude a partir da década de 60. Os idosos sentem-se abandonados e, na solidão, lutam contra a doença. Têm um grande apego à sua comunidade e, como dizia uma mulher: "não posso pensar em deixar a minha casa, as minhas coisas e ter de ir para um lar, para não mais voltar...". Nalguns casos o stress acumulado, em virtude da inadaptação, diminui a resistência física e psíquica. Muitos lembram com saúde a família coesa e de grande capacidade de entreaajuda, comparando-a com a actual, dividida, com os interesses a sobreporem-se aos elos humanos.

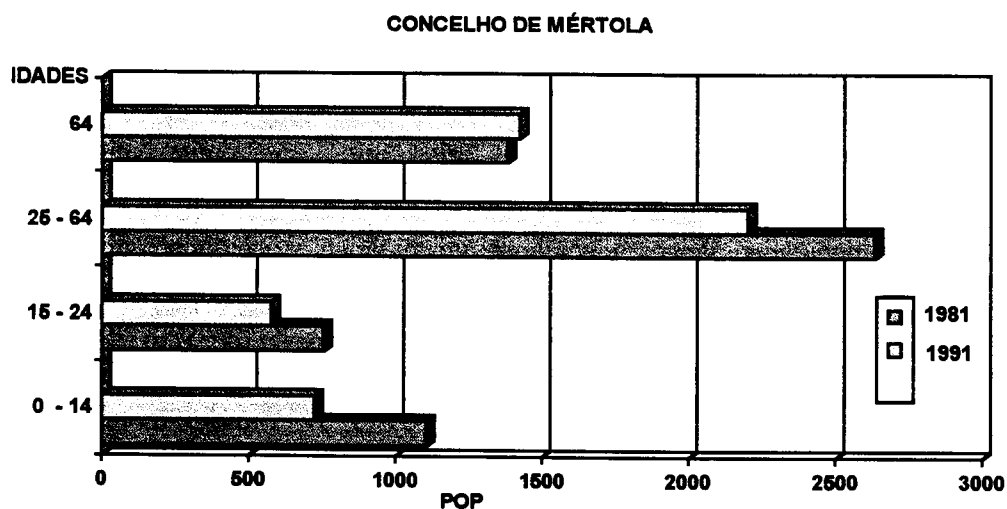


Figura 19 Estrutura etária da população feminina (1981 - 1991)

Fonte INE

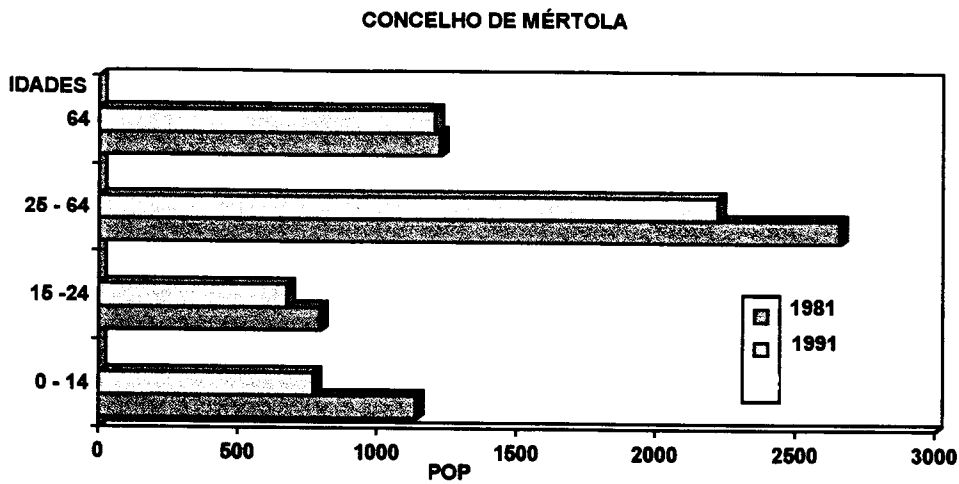


Figura 20 Estrutura etária da população masculina (1981 - 1991)

Fonte INE

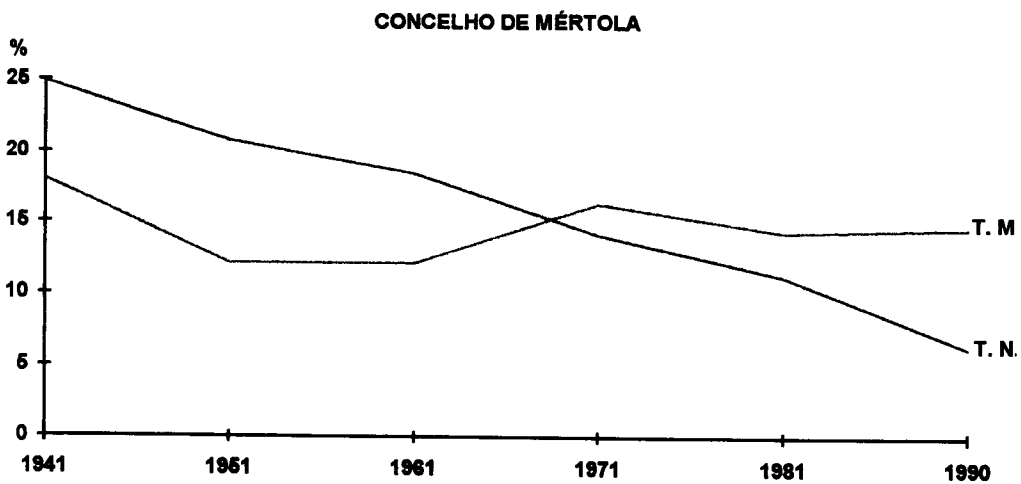
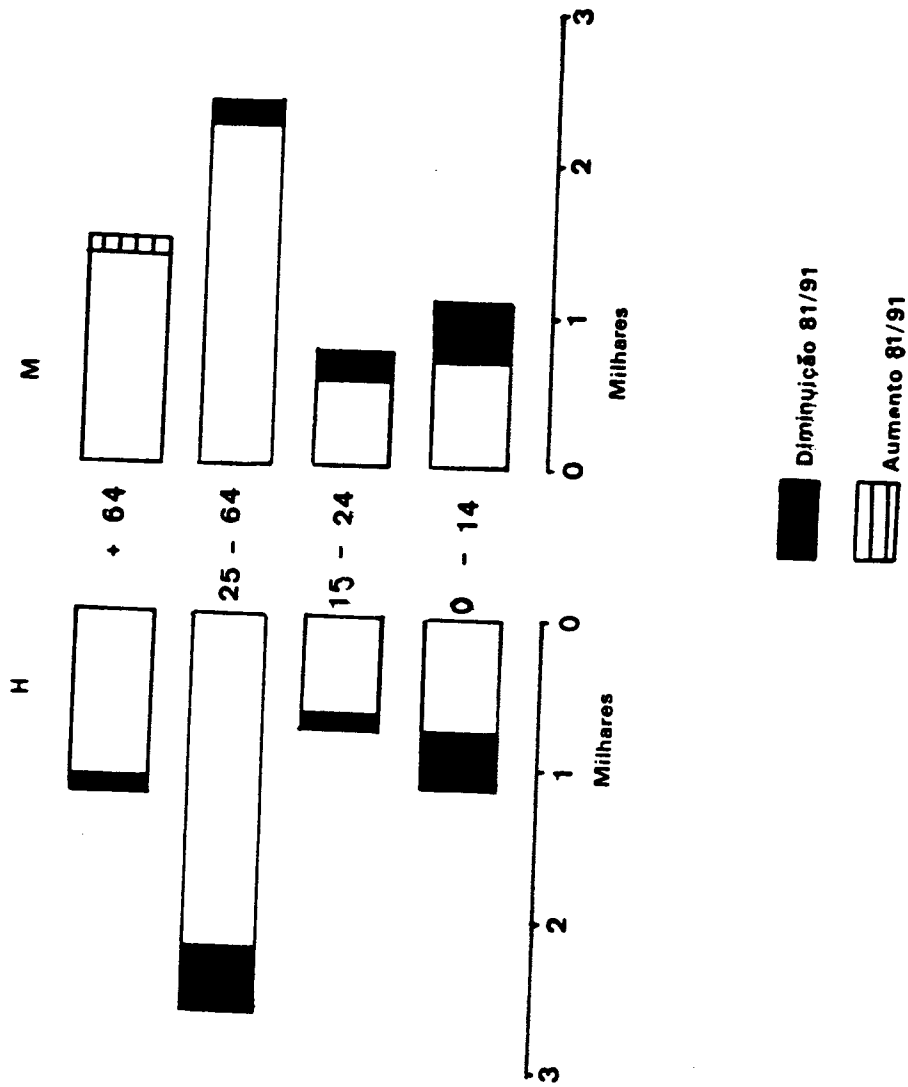


Figura 21 As taxas de natalidade e mortalidade (1941 - 1990)

Fonte : INE

A evolução do saldo fisiológico (figura 23) começa a apresentar valores negativos a partir de 1970, justificando o decréscimo da natalidade e o conseqüente aumento da mortalidade pelo envelhecimento da população.

Figura 22 A Variação da Estrutura Etária da População do Concelho de Mértola
(1981 - 1991)



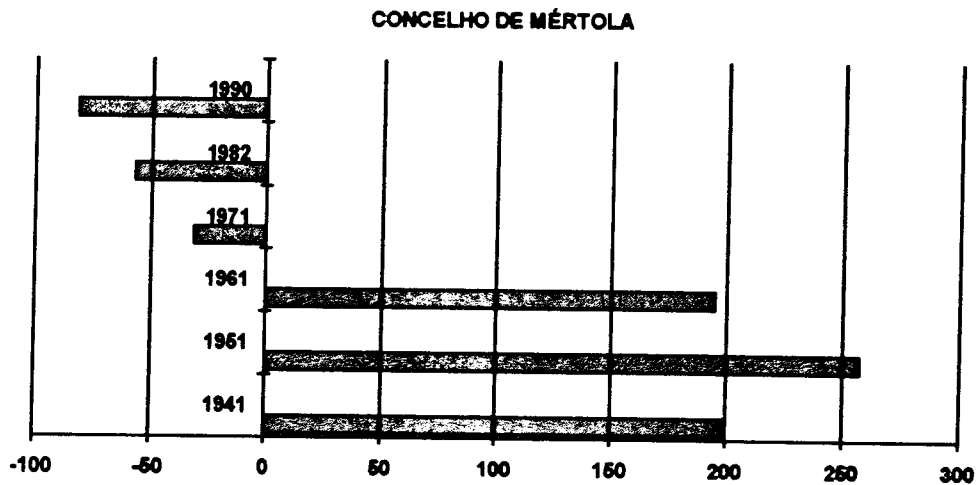


Figura 23 Saldo fisiológico da população (1941 - 1990)

Fonte INE

O programa informático "Stella" permite a construção de modelos, constituídos por múltiplas variáveis e revela-se muito útil para efectuar previsões relacionadas com a evolução da população, pois pode construir-se um sistema composto por variáveis que se inter-relacionam de montante a juzante da estrutura organizada.

Construiu-se um modelo adequado a medir a evolução da população e o seu envelhecimento, em áreas com saldos migratórios negativos. Este modelo foi aplicado ao concelho de Mértola, no qual se efectuaram simulações, tendo com premissas os valores aproximados dos registados na década precedente (1981 - 91).

Grupos Etários	Pop. Residente (1991)
0 - 14	1497
15 - 24	1254
25 - 64	4423
+ 64	2631

Quadro 5 População residente no concelho de Mértola

Fonte INE

O sistema elaborado (quadro 5) apresenta quatro blocos etários com a respectiva população residente .

Os blocos são constituídos por dois fluxos de output :

- . Saldo migratório negativo (apresenta valores médios aproximados aos obtidos no período de 1981 - 91 , uma taxa anual média de - 1,22 %).
- . A taxa de mortalidade apresenta valores aproximados aos obtidos no censo de 91 (cerca de 15%)

Naturalmente que os blocos etários vão apresentar diferentes taxas, quer para a mortalidade , quer para o saldo migratório. Os valores, no seu conjunto, são muito próximos da média registada para o concelho no censo de 91.

A taxa de natalidade surge a montante do sistema e é definida através de uma representação gráfica com valores decrescentes que variam entre (1991 -- 6,5% e 2010 -- 4 %), conforme se pode observar nas equações do sistema (em anexo).

Este modelo não teve em atenção os reformados que vão regressar ao longo do período de 20 anos, pois é difícil de prever a amplitude deste movimento.

A população circula pelos diferentes blocos etários ao longo do tempo. Admitiu-se que, anualmente, passam para o bloco etário posterior, o seguinte número de indivíduos :

- 14 - 15 - 1/14 da população dos (0 - 14)
- 24 - 25 - 1/9 da população dos (15 - 24)
- 64 - 65 - 1/39 da população dos (25 - 64)

O envelhecimento da população é dado através do rácio :

$$(\text{Pop. } + 64) / (\text{Pop. } 0 - 14)$$

A partir do modelo (figura 24) efectuou-se uma simulação e os resultados foram os seguintes :

Na figura 25 pode observar-se a simulação . Verifica-se um decréscimo da população total de 9805 para 5771, ao longo de um período de 20 anos. O envelhecimento da população atinge valores que oscilam entre (1991 - 1,76) e (2010 - 8,40), (em anexo), o que demonstra um aumento significativo do grupo etário (+64) em relação ao dos (0 - 14) .

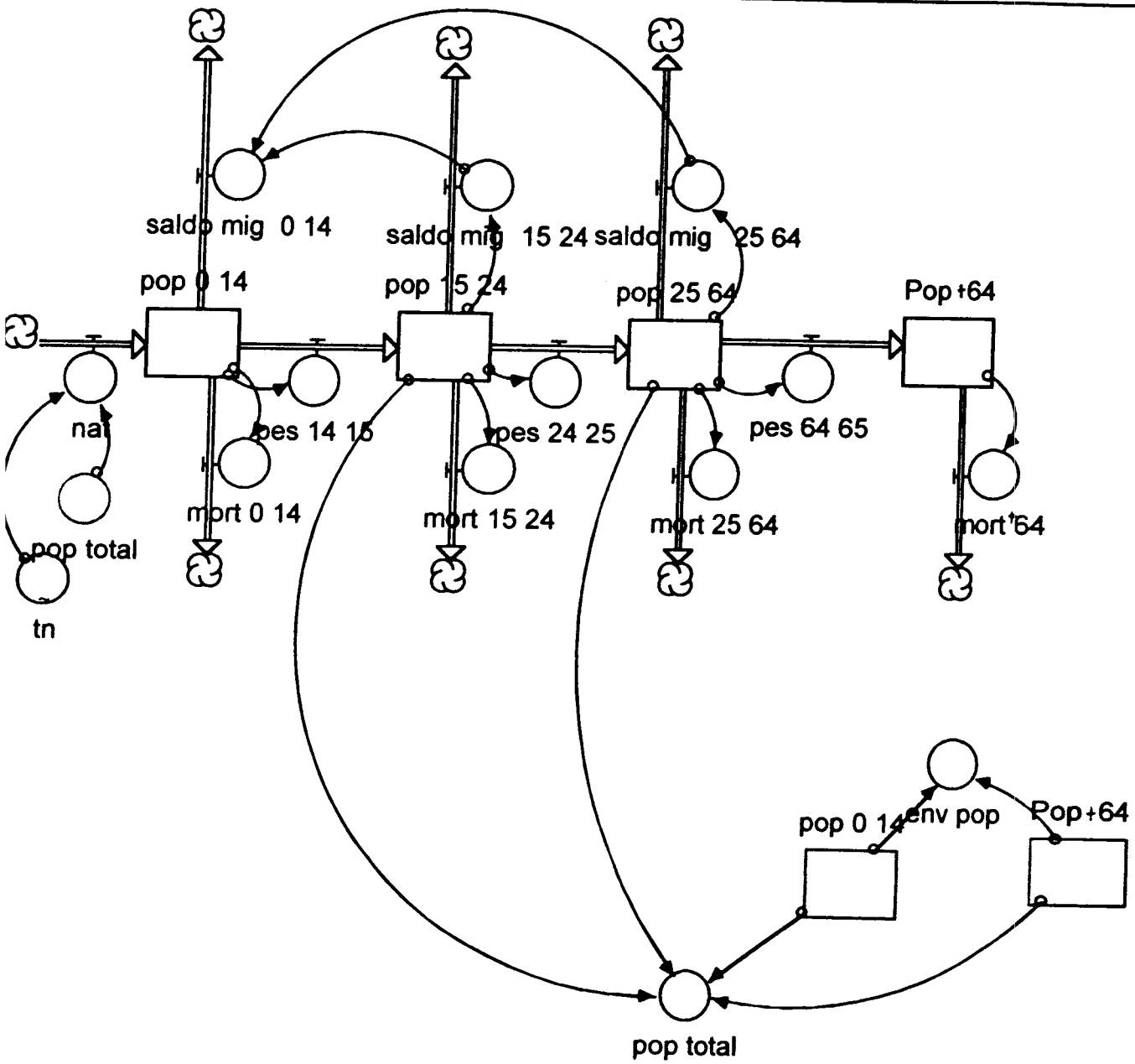


Figura 24 Modelo construído no programa "Stella"

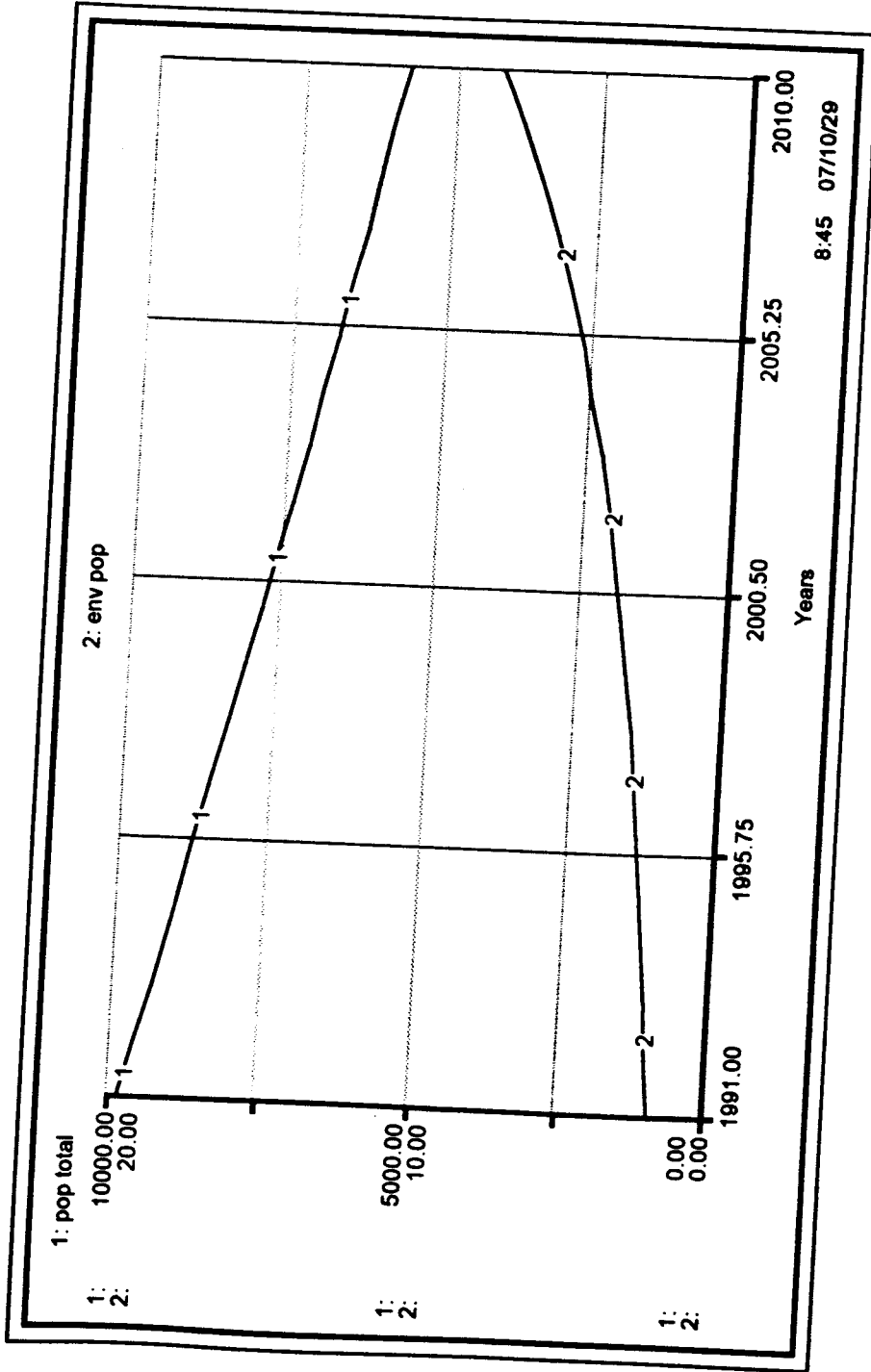


Figura 25 Evolução da população residente e o seu envelhecimento, no concelho de Mértola. Simulação obtida através do modelo construído no programa "Stella".

Os seguintes indicadores podem dar-nos uma imagem dos problemas de natureza humana que ainda persistem . A taxa de mortalidade infantil em 1991 apresentou-se muito elevada em relação a outras unidade espaciais, como se pode observar na figura 26 .

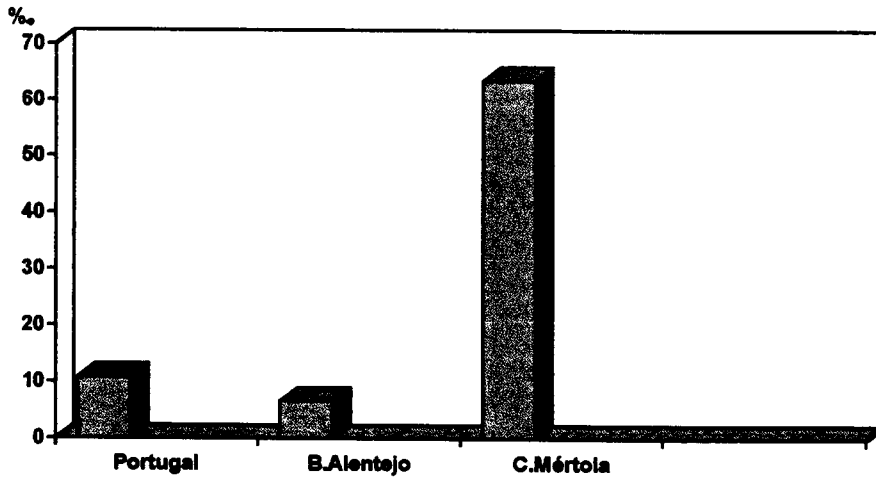


Figura 26 Taxa de mortalidade infantil (1991)

Fonte INE

O indicador (médicos por mil habitantes), na figura 27, está em perfeita correlação com a elevada taxa de mortalidade infantil.

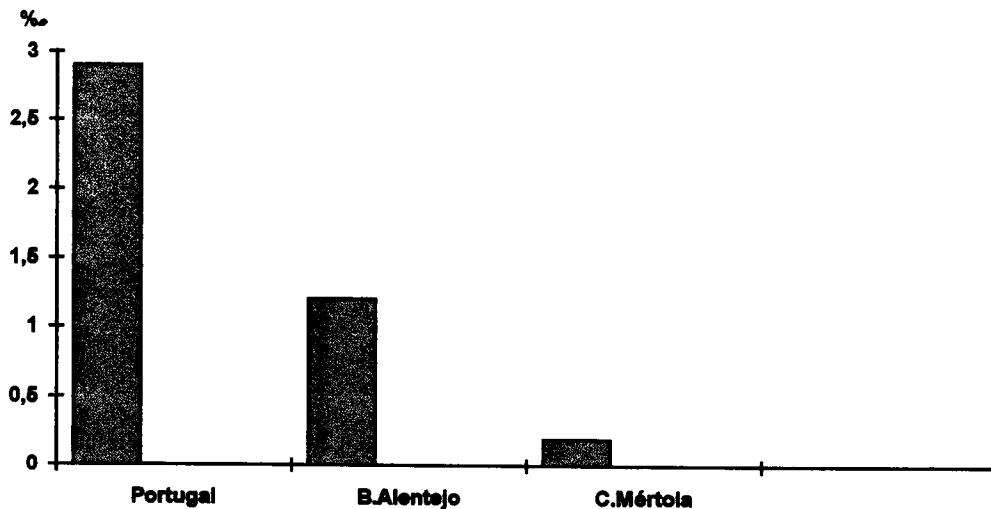


Figura 27 Médicos por mil habitantes (1991)

Fonte INE

No contexto regional (Alentejo) em que domina um padrão estrutural com predomínio para um baixo nível médio de escolaridade, o concelho de Mértola reproduz o padrão acentuando os indicadores de baixo nível de qualificação dos recursos humanos (figura 28). A Câmara proporciona diariamente o transporte dos alunos, assegurando o acesso à Educação mesmo àqueles que vivem nos lugares mais recônditos do Concelho.

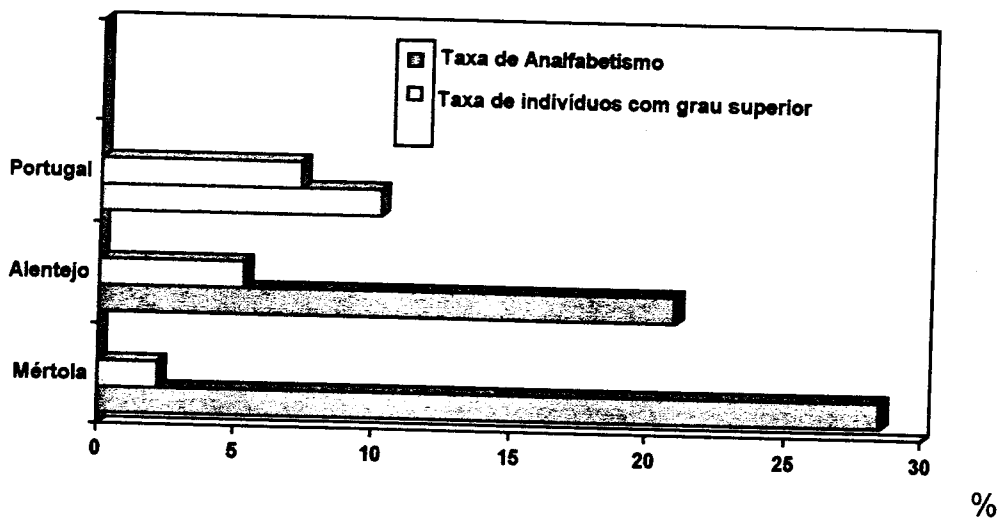


Figura 28 Níveis de Escolaridade (1991)

No concelho de Mértola verificam-se carências ao nível de infraestruturas básicas (figura 29), nomeadamente : água canalizada, alojamentos, instalações de banho ou duche. No entanto, apenas 12% da população não é servida por electricidade, valor pouco superior ao do conjunto do Baixo Alentejo.

Nas últimas décadas o concelho de Mértola, assim como todo o interior do país, tem sofrido uma grande hemorragia humana. Se, por um lado estas menores densidades populacionais têm possibilitado a regeneração vegetal de algumas áreas abandonadas, por outro, houve uma hemorragia de "saber" e de "energia humana". No quadro de um desenvolvimento sustentável é necessário ganhar-se essas premissas, investindo nos recursos humanos.



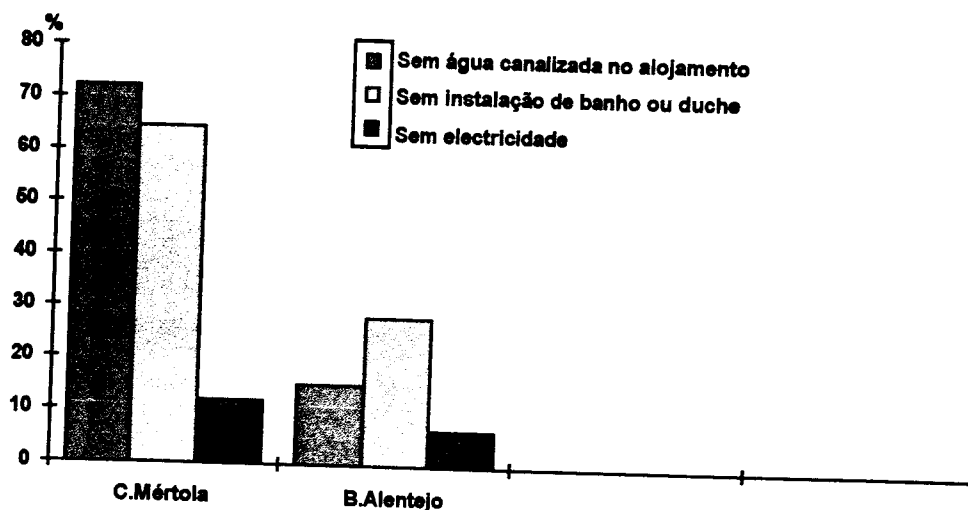


Figura 29 População residente, segundo instalações existentes (água canalizada, banho ou duche e electricidade), 1991

2.5 As Actividades Económicas

Ao observarmos os sectogramas das figuras 30 e 31 podemos verificar, entre 1981 e 1991, uma acentuada diminuição no sector primário, um ligeiro aumento do secundário e um aumento no terciário de 29,7% para 43,2%

O quadro 6 evidencia que o sector terciário apresenta uma maior percentagem de homens em relação às mulheres. Esta diferença é mais significativa nos serviços relacionados com as actividades económicas.

“ Nos distritos do interior, a persistência das formas tradicionais de organização das actividades terciárias e as mentalidades menos favoráveis à emancipação da mulher justificam que esta tenha mais dificuldade em aceder a um emprego, mesmo nos serviços de natureza social” (Teixeira, 1985)

Total		Serviços de natureza social		Serviços relacionados com as actividades económicas.	
Nº	Homens	% do total	% Homens	% do total	% Homens
1075	673	51,2	60,5	48,8	64,8

Quadro 6 Estrutura do emprego no terciário segundo a sua natureza
Concelho de Mértola (1991)

Fonte INE

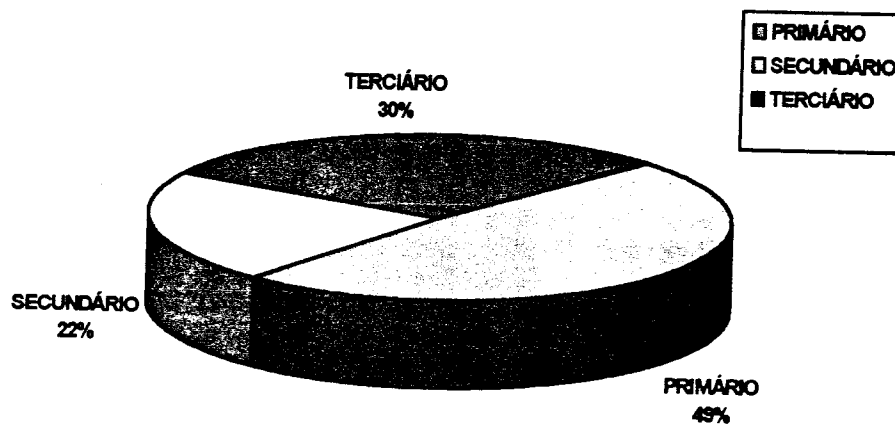


Figura 30 A população residente no Concelho de Mértola, com doze ou mais anos, segundo o sector de actividade económica (1981).

Fonte INE

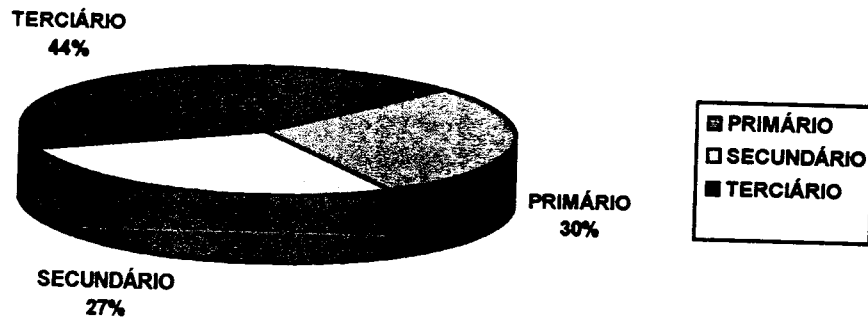


Figura 31 A população residente no concelho de Mértola, com doze ou mais anos, segundo o sector de actividade económica (1991).

Fonte INE

O sector primário ocupa um papel importante na economia do concelho de Mértola, embora se encontre em regressão se considerarmos o cômputo global dos trabalhadores assalariados permanentes utilizados na agricultura entre 1979 e 1989 (quadro 7).

No concelho de Mértola, 38,5 % do trabalho eventual é realizado por mulheres. Esta situação revela a utilização de mão de obra feminina, especialmente em culturas sazonais, como o olival, constituindo este tipo de trabalhos, na maior parte dos casos, um complemento ao rendimento do agregado familiar.

Trabalhadores Permanentes		Trabalhadores Eventuais / 1989			
Número		Nº horas			
Ano	1979	Ano	1989	homens	mulheres
	353		293	4389	2749

Quadro 7 Estrutura do emprego no sector agrícola

Fonte INE

O modelo de uso da terra, com o estabelecimento de longos pousios, favorece o desenvolvimento de actividades pastoris. Este concelho possui um elevado número de cabeças de gado ovino, com um acréscimo, entre 1979 e 1989, de 118,3%. O gado caprino sofreu uma quebra de 7,1%. Este tipo de pastoreio, adaptado às condições naturais adversas, pode proporcionar nos ecossistemas naturais uma degradação e o conseqüente aumento da erosão. Outrora muito frequente nesta região, o gado suíno estabelecia uma relação simbiótica com o ecossistema de montado. O advento da peste suína, em 1957, provocou uma drástica diminuição deste tipo de produção extensiva. O pastoreio livre dos porcos foi proibido e toda a economia do montado caiu por terra. O trabalho de manutenção do montado revelou-se pouco rentável.

Várias vezes no decurso do século XX, verificou-se um aumento do preço do carvão vegetal, conduzindo sempre a uma intensificação da exploração do arvoredado. Durante a Campanha do Trigo, nas duas Grandes Guerras, com a conjugação de altos preços do carvão e do trigo, muitos montados foram vendidos aos carvoeiros que arrancavam as árvores. O carvão vegetal de azinho, de muito boa qualidade, tem fornecido altos lucros com uma procura cidadina acelerada, assim as azinheiras são literalmente assaltadas apesar de existirem leis de protecção. O Decreto-Lei nº 3387 de 26 de Setembro de 1917 estipulava: "Aquele que, sendo proprietário ou possuidor de oliveiras, sobreiros ou azinhal, as cortar, arrancar, ou por qualquer outro modo as fizer perecer seja qual for o seu estado de vegetação, ou consentir o corte, arranque ou outros factos que determinam o seu perecimento, será condenado em multa e na prisão correcional que competir nos termos do artigo 476 e seu parágrafo do Código Penal" Todavia a fiscalização foi sempre muito fraca e as sanções ligeiras. As orientações actuais têm outra filosofia. Variados programas de fomento florestal nasceram e estão em vias de aplicação.

O êxodo maciço de mão de obra, na década de 60 acelerou a subida dos custos e a mecanização das culturas cerealíferas no montado. A presença de árvores nos campos constituiu um sério entrave à passagem da maquinaria. O trabalho profundo da terra prejudica o normal crescimento das árvores, ferindo

ou cortando as raízes, e impede a regeneração natural. Assim a tentação de destruir o montado de azinheira tornou-se cada vez mais justificada. Hoje, para muitos, o montado de azinheiras, considerado sem rentabilidade, é um sistema económica e tecnicamente ultrapassado.

Através do quadro 8 podemos ver a variação dos efectivos animais no concelho de Mértola, entre 1979 - 1989. Sobressai o significativo aumento do gado ovino devido ao estímulo que tem sido dado pelos subsídios Comunitários, concedidos por cabeça. Esta evolução está na origem da expansão da área agrícola destinada a culturas forrageiras (quadro 9).

No que se refere aos cereais, no período de 1979 - 89, verificou-se uma variação de (-10,4%). Este decréscimo deve-se à PAC, com a eliminação gradual dos apoios à produção. A abolição de medidas proteccionistas irá reduzir drasticamente a área utilizada com este tipo de culturas

Bovinos			Ovinos			Caprinos			Suínos		
1979	1989	var %	1979	1989	var. %	1979	1989	var. %	1979	1989	var %
2271	2334	2,8	46 666	101883	118,3	10981	10202	-7,1	4367	4144	-5,8

Quadro 8 Efectivos Animais no Concelho de Mértola. 1979 / 89

Fonte INE

cereais para grão			culturas forrageiras		
1979	1989	var. %	1979	1989	var. %
16 293	14598	-10,4	233	4354	1768,6

Quadro 9 Variação da área (ha) ocupada pelas culturas no concelho de Mértola

Fonte INE

A diminuição da área agrícola do concelho deve-se também à implementação de regimes cinegéticos especiais, traduzidos nos seguintes tipos de zonas de caça (decreto - lei nº 251 / 92):

“1. Zonas de caça Nacionais (ZCN): as constituídas em terrenos cujas características físicas ou biológicas permitam a identificação de núcleos de elevadas potencialidades cinegéticas, que justifiquem ser o Estado o único responsável pela sua Gestão;

2. Zonas de caça Sociais (ZCS): as que visam proporcionar a todos os caçadores nacionais o exercício organizado da caça, em condições especialmente acessíveis.;

3. Zonas de caça Associativas (ZCA): aquelas cujo aproveitamento cinegético é exercido por associações de caçadores, que efectuam as acções de fomento e conservação da fauna cinegética que, em cada caso, sejam convenientes à sua boa gestão;

4. Zonas de caça Turísticas (ZCT): as que se constituem com vista ao aproveitamento turístico dos recursos cinegéticos, garantindo, para além da caça, a prestação de serviços adequados” (art. 58º)

Até Julho de 1993 a área ocupada por reservas de caça no concelho de Mértola, ascendia já a 72 980. 4170 ha, ou seja 57% da área do concelho (quadro 10). As reservas turísticas (38), ocupam (79,2%) do total.

Regime	Área Total (ha)	Nº
Associativo	14452, 9900	12
Social	715, 9378	1
Turístico	57811, 4880	38
Total	72980, 4170	51

Quadro 10 Reservas de caça e respectivas áreas no concelho de Mértola até Julho de 1993.

Fonte : Casimiro, 1993

A exploração da caça começou a surgir como um ramo complementar ou até alternativo de rendibilização das unidades agrícolas . As zonas de caça Turísticas poderão ser um precioso contributo para o desenvolvimento do turismo rural.

O sector secundário é o que menor número de população concentra. Tem no ramo da construção civil e obras públicas o maior número de efectivos, facto que está relacionado com as acções da Câmara Municipal que constitui o maior empregador do concelho.

O sector terciário, sendo o que proporciona maior estabilidade de emprego, baseia-se nos serviços públicos, assim como nos vários estabelecimentos comerciais, encontrando-se a maioria localizados na sede de concelho, facto que exerce algum poder de atracção e concentra grande parte da população residente.

CONCLUSÃO

Está implícito no conceito de desenvolvimento sustentável que os recursos devem ser geridos sem se ultrapassar a capacidade de carga dos ecossistemas, ou seja, o limite de uso - exploração a partir do qual o retorno a uma situação de equilíbrio não seja possível à escala de tempo da vida humana, pelos processos de autoregeneração dos ecossistemas ou por introdução de medidas correctoras, viáveis do ponto de vista económico.

O concelho de Mértola apresenta um conjunto de características físicas limitantes ou condicionantes das actividades humanas. Através de uma sistematização por grandes unidades de recursos, podemos identificar como principais :

- . Recurso água : fortemente condicionado pelo contexto litológico e climático, este recurso é um dos principais factores limitantes da região. As precipitações oscilam entre os 400 e os 500 mm anuais, repartidos em média por 50 a 80 dias de pluviosidade / ano. Da concentração da precipitação e da extrema impermeabilidade do substrato litológico dominante (xistos e grauvaques) resulta o carácter torrencial do regime hídrico, que determina o balanço entre volume de escorrência e volume de água percolada no solo. Igualmente importante numa análise empírica do balanço hídrico desta região, são os valores da evopotranspiração real, bastante próximos do quantitativo da precipitação.
- . Recurso solo : a estrutura geológica e o percurso cultural (inclui conjunto de práticas agrícolas e pastoris) são responsáveis pelo perfil pedológico da região. Os solos não agrícolas aproximam-se dos 100 %
- . Recurso biodiversidade : além do factor riqueza, em termos de di-

versidade genética, diversidade de espécies selvagens e diversidade de habitats reconhecida pela Comunidade Europeia, que valoriza esta área numa óptica de racionalidade ecológica, este recurso potencia um conjunto de actividades económicas de pequena escala que, se exploradas de forma integrada e sinérgica, contribuem de forma determinante para o desenvolvimento regional.

Nos últimos anos tem-se verificado que a estrutura produtiva se especializou mais na produção de ovinos, sendo de salientar o contributo dado pelos subsídios Comunitários. A cerealicultura, por motivos ecológicos e económicos (concorrência do trigo Comunitário) tende a reduzir-se substancialmente. O sobrepastoreio do gado ovino em áreas de solos pobres e secos constitui uma ameaça para o equilíbrio dos ecossistemas. Que alternativas ?

Existem recursos naturais e culturais que podem ser potenciados e contribuir para um desenvolvimento onde tenha lugar a valorização do homem, sem a destruição dos recursos naturais de grande fragilidade.

O clima apresenta ao longo do ano períodos de “conforto biológico”, convidativos para o lazer, para o trabalho físico e intelectual, assim como para actividades ao ar livre. O Inverno é o período mais desfavorável em termos de condições bioclimáticas devido às baixas temperaturas. Aliados ao clima temos a riqueza paisagística e o vasto património histórico-cultural. Um conjunto que pode criar um espaço turístico dinamizador do tecido social e económico.

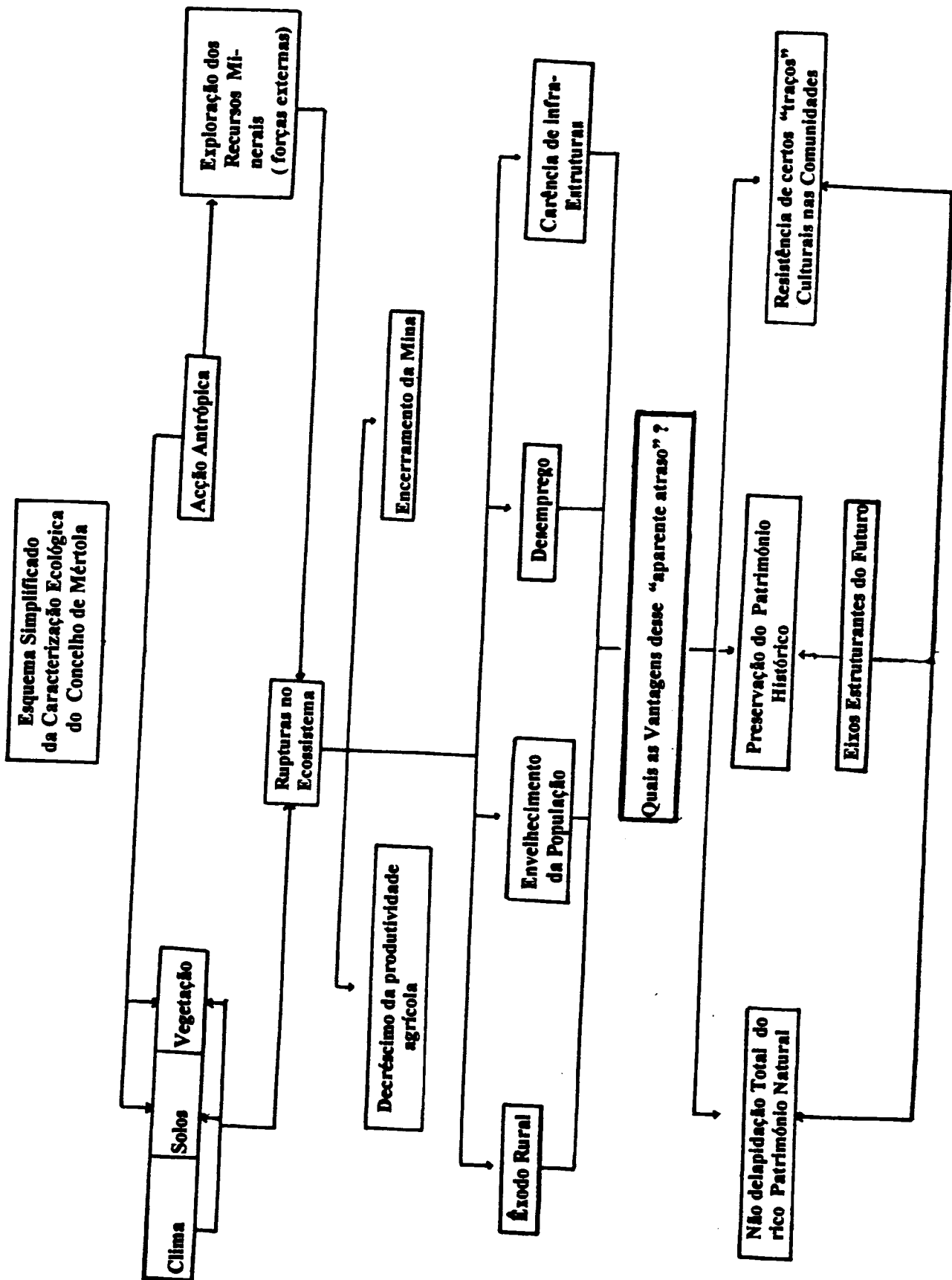
Interessa também conhecer as verdadeiras potencialidades dos recursos naturais de forma a potenciá-los. Que nos poderão dar para se forjar uma nova relação do homem com a terra ?

O Guadiana, canal que pôs em contacto povos e culturas distantes, gerou uma circulação de pessoas, ideias e produtos. Assim nasceu uma mentalidade que privilegia a tolerância, o respeito pelas diferenças e valoriza a cordialidade

das relações humanas. Há uma enorme ambição de irmandade, de solidariedade. Esta mentalidade constitui um aspecto importante no equacionar de projectos de desenvolvimento.

Os problemas humanos são preocupantes, no quadro de um desenvolvimento sustentável. A diminuição da população residente; o elevado índice de envelhecimento, com a consequente desvitalização da estrutura produtiva; a fraca densidade populacional (aumento da população na sede de concelho e despovoamento das aldeias), constituem os aspectos demográficos mais marcantes. Os seguintes indicadores também revelam múltiplas carências :o fraco grau de qualificação dos recursos humanos (elevada taxa de analfabetismo), a maior dificuldade das mulheres em ascenderem a um emprego; a elevada taxa de mortalidade infantil, que encerra em si, um vasto conjunto de problemas, da pobreza à inexistência de infraestruturas básicas, que garantam o acesso aos serviços e às condições de higiene. A não solução destes problemas põe em causa a sustentabilidade, pois as gerações futuras serão sériamente penalizadas.

Este rosário de problemas deve-se, em parte, a políticas desajustadas das condições ecológicas e à acção de forças externas cujos interesses foram essencialmente económicos, num espaço periférico do país. Estas ainda continuam a influenciar os destinos do concelho : S. Domingos e Pomarão são enclaves estrangeiros. Uma herança que dificulta a organização de soluções.



III O DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO NO CONCELHO DE MÉRTOLA

“Todas as dívidas adiadas hipotecam a sustentabilidade, quer sejam económicas, sociais ou ecológicas. Estas dívidas são empréstimos do futuro privando gerações vindouras das opções legítimas que poderiam fazer”

Relatório do Desenvolvimento humano, 1994

3.1 A Paisagem Protegida do Vale do Guadiana

Paisagem Protegida : Defesa dos recursos face às agressões dos investimentos externos...

Entende-se por paisagem protegida, "uma área com paisagens naturais, seminaturais e humanizadas, de interesse regional ou local, resultantes da interacção harmoniosa do homem e da natureza que evidencia valor estético ou natural " (23)

A classificação das áreas protegidas visa a prossecução dos seguintes objectivos:

- . A preservação das espécies animais e vegetais e dos habitats naturais que apresentem características peculiares, quer pela sua raridade e valor científico, quer por se encontrarem em vias extinção;
- . A reconstituição das populações animais e vegetais e a recuperação dos habitats naturais das respectivas espécie;
- . A investigação científica indispensável ao desenvolvimento dos conhecimentos humanos , estudo e interpretação de valores naturais, fornecendo elementos para melhor compreensão dos fenómenos da biosfera;
- . A preservação dos sítios que apresentem um interesse especial e relevante para o estudo da evolução da vida selvagem;
- . A promoção do desenvolvimento sustentado da região, valorizando a interacção entre as componentes ambientais e humanas promo-

vendo a qualidade de vida das populações;

- . A valorização de actividades culturais e económicas tradicionais, assente na protecção e gestão racional do património natural;
- . Conseguir uma maior facilidade na aprovação de projectos, pois a área de paisagem protegida é prioritária para a atribuição de subsídios relacionados com o uso dos recursos naturais, em especial o solo e a água.

Com esta legislação estabelecem-se os objectivos nacionais de conservação a nível central, regional e local no sistema nacional de Áreas Protegidas, contemplando assim a hipótese de criação de Áreas de Paisagem Protegida de âmbito Local, desde que seja solicitado pelas Autarquias locais. Ficou mais próxima a oportunidade de proteger o Vale do Guadiana através de uma Área de Paisagem Protegida de âmbito local, gerida pelas Câmaras Municipais de Mértola e Serpa, em colaboração com outras entidades e sectores de actividades locais.

A área do “troço médio do vale do Guadiana” tem sido, de alguns anos a esta parte, objecto de estudos que revelaram o seu interesse :

- . **Faunístico e florístico**

Segundo o levantamento mandado efectuar pela Câmara de Mértola :

Identificaram-se “ perto de 170 espécies de vertebrados entre os quais 25 mamíferos, 110 aves, 14 de répteis, 10 de anfíbios e 12 de peixes. A sua cobertura vegetal integra, por outro lado, cinco grandes grupos : matagal xerotérmico mediterrânico; mata de eucalipto, acácias e pinheiro manso; montado de azinho; esteval e áreas de transição. Algumas das espécies florísticas aí existentes são raras e localizadas

segundo o estudo, estando constantemente ameaçadas pela pressão de actividades humanas de vária ordem” (24)

- . Paisagístico e histórico - cultural

Com a Área Protegida Do Vale do Guadiana pretende -se :

- . Servir a população local, contribuindo para um desenvolvimento equilibrado.
- . Constituir um projecto inovador, onde deverão participar todos os sectores de actividade do concelho;
- . Compatibilizar a conservação e o desenvolvimento;
- . Preservar e promover valores culturais e patrimoniais que poderiam estar irremediavelmente comprometidos.

Para atingir estes fins é necessário que a população esteja informada para se pronunciar conscientemente, expressando os seus reais interesses.

A grande finalidade é “iniciar uma nova forma de desenvolvimento económico, assente nos recursos endógenos do Concelho : na agricultura, silvopastorícia, no montado, no comércio, na transformação de produtos, na caça, bem como na dinamização de novas actividades agrícolas, eventualmente ligadas a produtos biológicos, hotelaria, serviços, investigação, etc. “ (Oliveira, 1994)

Com o decreto lei nº 28/95 é criado o Parque Natural do Vale do Guadiana (figura 32). Constituem objectivos específicos da criação do Parque Natural :

- . A gestão racional dos recursos naturais e paisagísticos caracterizadores da região e o desenvolvimento de acções ten-

(23) Diário do Alentejo, 12-7-1987

dentos à salvaguarda dos mesmos, nomeadamente no que respeita aos aspectos paisagísticos, geológicos, geomorfológicos, florísticos e faunísticos;

- . A salvaguarda do património histórico e tradicional da região bem como a promoção de uma arquitectura integrada na paisagem ;
- . A promoção do desenvolvimento económico e do bem estar das populações, em harmonia com as leis fundamentais da Natureza.

O mesmo decreto, no artigo 7º foca os condicionamentos. Dentro dos limites do Parque Natural, fica sujeita a autorização prévia da comissão directiva a prática dos seguintes actos e actividades :

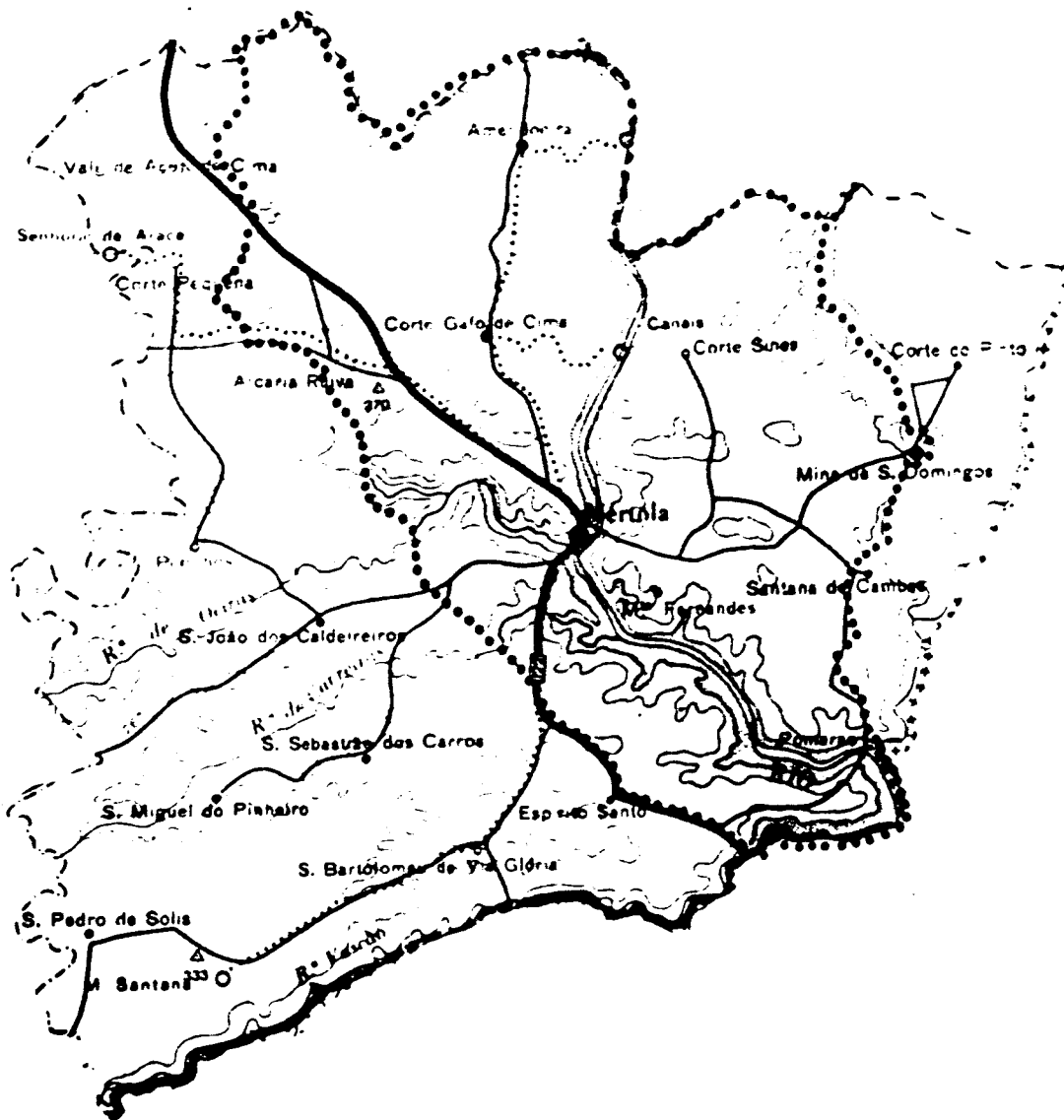
- . Construções e demolições de qualquer natureza, com excepção das normais obras de conservação; (não carecem de parecer da comissão directiva desde que efectuados dentro dos limites dos perímetros urbanos existentes)
- . Instalação de novas actividades industriais, nomeadamente extracção de minerais e de inertes;
- . Instalação de novas actividades agrícolas, florestais e pecuárias, com carácter intensivo;
- . Alterações à morfologia do solo ou do coberto vegetal, com excepção das decorrentes da normal exploração agrícola, silvícola ou pastoril e da prospecção e pesquisa de recursos geológicos;
- . Aterros ou depósitos de entulhos, detritos, lixo ou sucata;
- . Lançamento de águas residuais industriais, sem tratamento adequado;

- . Colheita de espécies botânicas sujeitas a medidas de protecção ou introdução de espécies botânicas ou zoológicas exóticas;
- . Campismo fora dos locais destinados a esse fim;
- . Realização de competições desportivas motorizadas fora dos perímetros urbanos;
- . Sobrevoos por aeronaves com motor abaixo dos 1000 pés.

Também fica sujeita a parecer prévio favorável da comissão directiva do Parque a concessão de zonas de caça submetidas ao regime cinegético especial e a sua renovação.

A criação da Área protegida do vale do Guadiana, irá desencadear uma série de acções, conforme estão indicadas no plano de actividades da ADPM :

- . Elaboração do Plano de Ordenamento da Área de Paisagem Protegida.
- . Elaboração de um Plano de Gestão para a Área de Paisagem Protegida, em colaboração com especialistas estrangeiros;
- . Vigilância e monitorização dos ecossistemas e habitats, em especial os mais fragilizados;
- . Instalação de alguns materiais que favoreçam a nidificação de algumas espécies ameaçadas;
- . Constituição de um banco de sementes;
- . Incentivos a projectos que pressuponham usos racionais dos recursos naturais;
- . Conclusão do projecto que está a decorrer no âmbito do programa LIFE;
- . Colaboração na apresentação de um Plano Zonal para aplicação das Medidas Agro-ambientais (Reg 2078/92).



••• Delimitação

Figura 32 O Parque Natural do Vale do Guadiana
(Área incluída no Concelho de Mértola)

Fonte "Contributos para o Vale do Guadiana", Oliveira, 1966, pp. 96

3.2 Os Programas Comunitários : vectores de promoção das potencialidades da região

Na valorização dos recursos endógenos esboça-se o perfil da sustentabilidade.

A ADPM (Associação de Defesa do Património de Mértola) tem guiado a sua acção no sentido do desenvolvimento sustentado, mesmo antes de terem surgido os programas comunitários :

Criou uma cooperativa feminina de tecelagem, onde trabalha um conjunto de mulheres que estavam desempregadas e que eram detentoras da técnica desta actividade e conhecedoras dos desenhos tradicionais Produzem mantas de viagem e cobertores de lã com a matéria prima da região. Algumas lojas de Paris e Londres já procuraram estes produtos de Mértola mas a Cooperativa tem resistido a um marketing de massa e tem preferido focalizar as actividades de distribuição em galerias de arte seleccionadas.

Restaurou um barco de pesca algarvio para fazer eco - viagens pelo rio.

Promoveu um curso de culinária tradicional que proporcionou a abertura de um restaurante e criou um centro de informação turística.

Recuperou um moinho de água e outro de vento.

Os programas Comunitários apenas vieram proporcionar maior financiamento e ajuda técnica que permitiu avançar na valorização do binómio conservação e desenvolvimento.

O programa LEADER (Ligação entre Acções de Desenvolvimento da Economia Rural) é uma iniciativa Comunitária lançada pela Comissão Europeia e coordenada pela Direcção Geral de Agricultura.

O objectivo do programa é demonstrar a importância de um apoio directo às iniciativas colectivas de desenvolvimento empreendidas pelas comunidades locais. O carácter inovador reside na programação e gestão feitas ao nível do território abrangido, por parceiros institucionais, económicos, sociais, reunidos no

seio de um “grupo de acção local”. Reside também na rede que agrupa os diferentes grupos locais em torno de uma célula de animação LEADER sediada em Bruxelas, e cuja função é o intercambio de métodos e de experiências entre grupos.

Quais as regiões abrangidas ?

Aquelas onde se verificam atrasos de desenvolvimento e zonas rurais em crise.

Qual o tipo de medidas empreendidas pelo LEADER ?

Assistência técnica, formação, turismo rural, apoio às PMEs., ao artesanato, valorização dos recursos agrícolas, etc.

A consulta dos Boletins da ADPM (Associação de Defesa do Património de Mértola), com vários depoimentos dos técnicos , foi fundamental para a obtenção de dados que permitissem conhecer as iniciativas integradas no âmbito dos programas Comunitários.

O programa LEADER “Serra do Caldeirão - ribeira do Vascão “ é um programa local de desenvolvimento rural integrado. A sua área de intervenção no concelho de Mértola abrangeu quatro freguesias : Espírito Santo, S. Sebastião dos Carros, S. Miguel do Pinheiro e S. Pedro de Sólis. Com base no conceito de “desenvolvimento duradouro” desenvolveram-se uma série de iniciativas com a finalidade de promover as potencialidades da região, tentando conciliar o desenvolvimento com a defesa do património e a conservação dos recursos naturais :

- . Animação local e apoio técnico para o desenvolvimento rural integrado.
- . Valorização de produtos endógenos e apoio ao artesanato
- . Desenvolvimento de pequenas empresas
- . Promoção e comercialização dos produtos locais
- . Organização e promoção do turismo rural

Várias ideias e projectos foram apresentados como resultado de aspirações das populações das freguesias abrangidas, sendo seleccionados os que garantiam maior viabilidade.

Foram aprovados os seguintes projectos :

- Animação local e apoio técnico para o desenvolvimento rural integrado :
 - . Ludoteca
 - . Electrificação fotovoltaica de quatro montes no concelho
- Valorização de produtos endógenos :
 - . Transformação de plantas e ervas aromáticas para produção de essências e óleos para perfumaria e farmacopeia
- Desenvolvimento de pequenas empresas e artesanato :
 - . Apoio à Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola (etiquetas e certificados de origem)
 - . Apoio ao grupo de ourivesaria (catálogo para divulgação de produtos)
 - . Apoio à Colmel (logotipo, folheto de promoção e rótulo para embalagem)
 - . Apoio ao restaurante "Migas" (louça tradicional de barro e folheto de divulgação)
 - . Apoio à produção de bolos e doçaria tradicional (panificadora da Via Glória)
- Promoção e comercialização de produtos locais :
 - . Tecelagem (lã e retalhos)
 - . Mel, cestos, queijo de ovelha, enchidos, cadeiras e bancos de bunho, joalharia
- Organização e promoção do turismo rural :
 - . Apoio ao Café - Restaurante em S. Miguel do Pinheiro
 - . Organização de percursos locais (circuitos guiados)

- . Recuperação de habitação para alojamento turístico (Mesquita - Espírito Santo)
- . Recuperação de habitação para alojamento turístico e apoio a actividades de animação (monte Gatão - S. Pedro de Sólis)
- . Restauro da azenha do Alferes (S. Sebastião dos Carros)
- . Restauro do moinho de S. Miguel do Pinheiro (núcleo museológico dedicado com a azenha do Alferes ao ciclo do pão)
- . Documentários sobre o Ecomuseu do Guadiana

Segundo as Animadoras LEADER várias ideias de projectos foram apresentadas como resultado das aspirações das pessoas residentes nas quatro freguesias, privilegiando-se aquelas que à partida tinham possibilidade de serem executadas. Muitas destas, ainda que estivessem adequadas ao meio a que se destinavam, nem sempre encontraram por parte dos proponentes, a vontade suficiente para avançar.

Como balanço final consideraram que “ tendo em conta os condicionalismos existentes ... se despoletou um processo que conduzirá ao desenvolvimento desta zona” (24).

A iniciativa do Antropólogo Carlos Pedro, na freguesia de S. Sebastião dos Carros é inovadora na região, pois pretende instalar uma destilaria para extracção de óleos a partir de plantas naturais da região e uma plantação de plantas naturais para chás. A destilaria proporcionará a extracção de óleo de alecrim (planta que se desenvolve facilmente nesta área mediterrânica) de muito boa qualidade, segundo experiências já efectuadas. Esta iniciativa poderá entusiasmar a população a desenvolver projectos similares, como alternativa à agricultura tradicional baseada na cerealicultura. Através da ajuda do programa LEADER pretende construir um laboratório para destilação, um alambique e um secador para plantas. Recebe apoio técnico da AGROBIO e prepara um segundo projecto para dar continuidade ao primeiro : um sistema de rega

(24) Boletim da ADPM, Julho de 1994.

gota a gota com captação de água por energia solar, uma máquina de pressão, tubagem no solo e um pequeno tractor, são os apoios que lhe faltam para obter maior rentabilidade da sua produção. Naturalmente que pensa criar postos de trabalho quando a exploração estiver a funcionar em pleno (figura 33). Segundo Carlos Pedro o grande problema a ultrapassar reside na procura de mercados, no entanto acredita que apostando na qualidade se pode conquistar o mercado” (25).

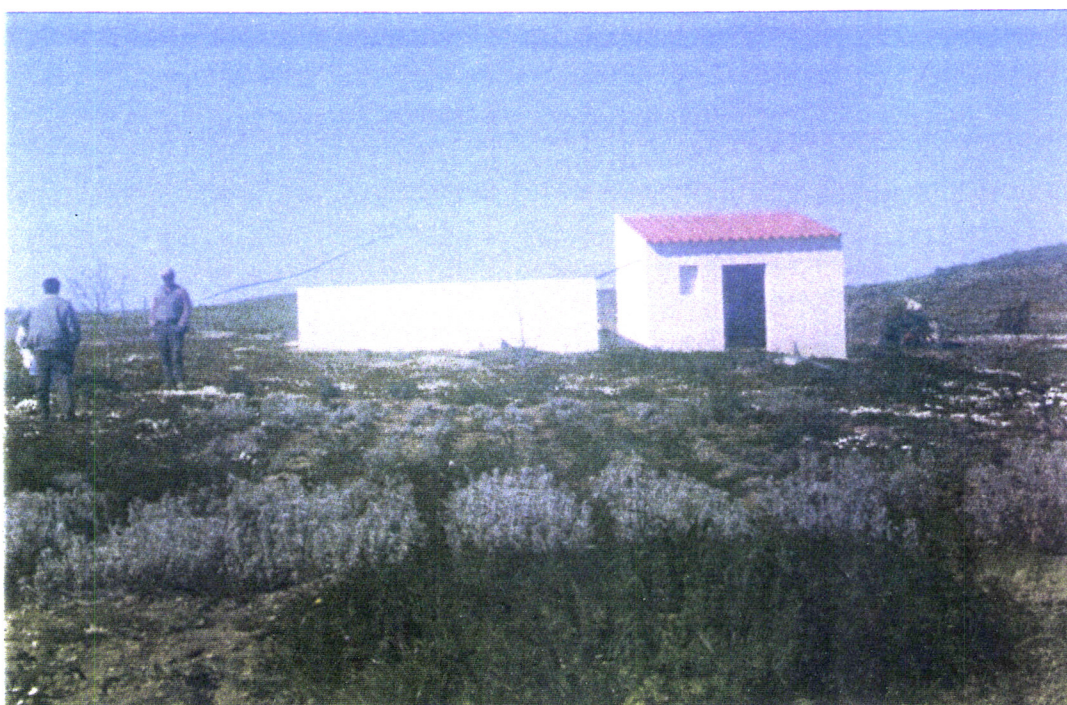


Figura 33 As experiências na pequena aldeia das Vargens : cultivo de plantas aromáticas para extracção de óleos. Um embrião para futuras mudanças nas práticas agrícolas ?

A recuperação do moinho em S. Miguel do Pinheiro (figura 34) com o apoio do LEADER, veio provocar uma certa dinamização na povoação e no restau -

rante local. Segundo a opinião do Presidente da Junta de Freguesia está a pensar-se construir um forno e dar emprego a uma pessoa, ocupando-se da moagem da farinha e do fabrico do pão (na aldeia há muitas mulheres que o sabem fazer) uma ou duas vezes por semana para se comercializar.

O Núcleo Museológico (outro projecto que beneficiou dos fundos Comunitários), consta de um espaço para exposição dos instrumentos agrícolas. Foi feito um levantamento dos instrumentos agrícolas e adquiriram-se alguns já desactivados que não eram utilizados (figura 35).



Figura 34 A recuperação do moinho em S.Miguel do Pinheiro : uma forma de trazer à aldeia mais visitantes.



Figura 35 O Núcleo Museológico de S. Miguel do Pinheiro : A salvaguarda dos instrumentos agrícolas.

A criação e a implementação de circuitos temáticos faz parte da estratégia de desenvolvimento do concelho de Mértola.

Em estreita colaboração com o programa LEADER “Serra do Caldeirão - Ribeira do Vascão “, a ADPM desenvolveu esta iniciativa com a finalidade de melhorar a qualidade do turismo.

Através da criação de diversos percursos pretende-se proporcionar o desenvolvimento de “actividade complementares, nomeadamente o alojamento (turismo em espaço rural), restauração, recuperação de actividades tradicionais, pequenas empresas de serviços e actividades desportivas, entre outras” (26). Estes percursos oferecem alternativas e complementam as visitas aos Núcleos Museológicos da Vila de Mértola. Assim o turismo cultural passará a difundir-se pelo concelho.

(26) Boletim da ADPM, Julho de 1994

A ADPM, no âmbito do programa LEADER, criou um gabinete com o objectivo de prestar serviços junto da população em geral, dos proprietários e agricultores, dos comerciantes, das pequenas empresas e outras entidades. Segundo Joaquim Carapeto, técnico da ADPM, o NAMUR pretende:

- . Diversificar a economia rural, através das potencialidades naturais e humanas.
- . Apoiar a exploração da terra de forma regrada
- . Promover o espírito de iniciativa e empreendimento
- . Fomentar as actividades de protecção ambiental

Refere ainda que este gabinete está essencialmente vocacionado para informar. Presta consultadoria aos empresários, comerciantes, proprietários e agricultores, nas Áreas da Formação Profissional, elaboração e execução de projectos, apoio técnico e consultas no âmbito dos diversos apoios financeiros. (26)

A C.M.Mértola, no âmbito do programa LEADER, pretende electrificar com base na energia solar, quatro aglomerados rurais :

- . Monte Barrancos (S. Pedro de Sólis)
- . Monte Vaqueiros (S. Miguel do Pinheiro)
- . Monte Carros (S. Sebastião dos Carros) (figura 36)
- . Monte Ramos (S. Sebastião dos Carros)

O objectivo é, segundo Guilherme Machado, técnico da Câmara , o de melhorar a qualidade de vida dos residentes (iluminação pública, domiciliária, bombas de extracção de água de furos, frigoríficos ou arcas congeladoras comunitárias, televisão). Contribuirá para que as populações isoladas tenham acesso às mínimas condições de habitabilidade. Condição básica para atenuar o êxodo rural.

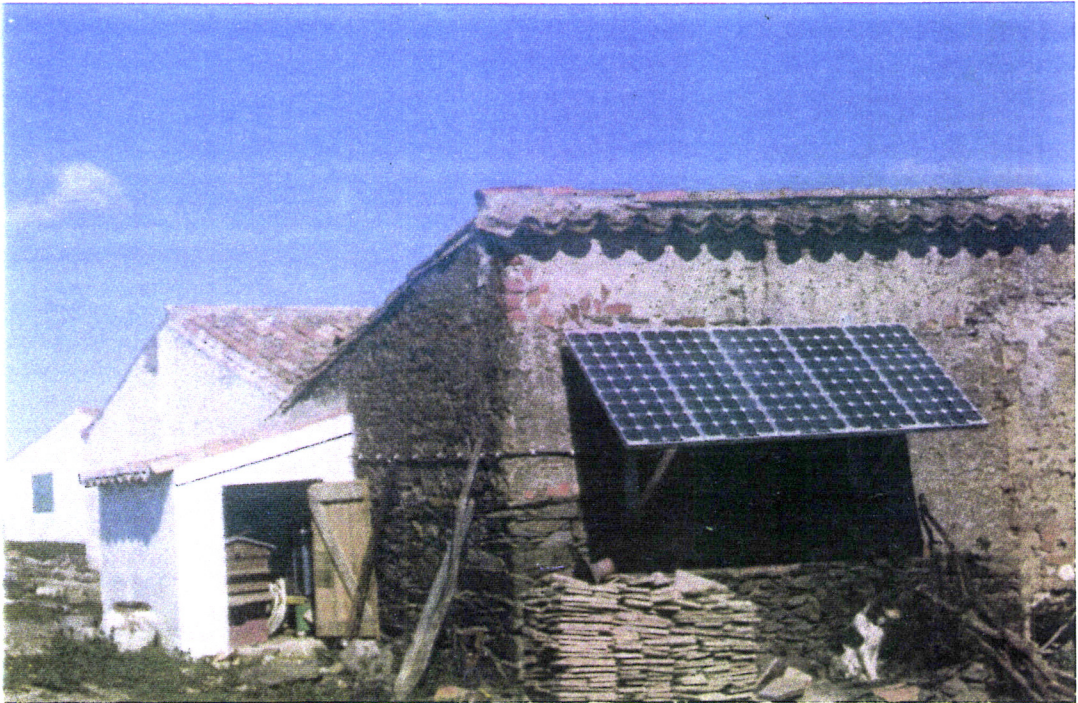


Figura 36 O aproveitamento da energia solar no Monte dos Carros :

Uma forma de potenciar um recurso em prol das populações locais

Ainda sobre o LEADER, convém referir a realização de “Feiras”, com o intuito de dar a conhecer aos visitantes a riqueza Serrana (produtos alimentares, artesanato...), pretendendo-se também a divulgação dos aspectos culturais .

Os financiamentos através do programa comunitário LIFE - Conservação da Natureza permitiram desenvolver um conjunto de acções e atingir diversos objectivos (figura 37), entre os quais se destacam (27):

- Criação do Parque Natural do Vale do Guadiana, com vista a possibilitar a adopção de medidas que permitam a manutenção das suas características mais relevantes do ponto de vista natural, paisagístico e cultural.

(27) “ Contributos para o Vale do Guadiana”, Oliveira, pp. 12-13

- O projecto permitiu à ADPM aprofundar os conhecimentos técnicos e científicos relacionados com o património ambiental da sua área de intervenção, daí resultando a obtenção de uma maior capacidade para contribuir eficazmente para a conservação da Natureza.
- Aquisição de propriedades (198 ha) e gestão fundiária (130 ha) com vista à concretização de acções de conservação da natureza e uso racional dos recursos naturais.
- O projecto permitiu criar as condições necessárias para a classificação de um Sítio de Interesse Biológico nas propriedades adquiridas (que aguarda despacho governamental)
- Criação de um Centro de Educação Ambiental numa das propriedades adquiridas, dimensionado e equipado para poder acolher alunos e investigadores que aqui venham participar nas acções decorrentes ou realizar estudos de conservação da Natureza.
- Sensibilização e mobilização dos agricultores para a adopção de medidas de gestão agrícola compatíveis com a conservação da Natureza.
- Sensibilização e envolvimento da população na execução do projecto.
- Estabelecimento de contactos e colaboração com Universidades através dos quais foi possível a realização de estudos para aprofundamento do conhecimento técnico e científico do meio.
- Constituição de um grupo de consultores e colaboradores que permitiram dar resposta técnica às mais variadas questões colocadas no decorrer do projecto.

- Constituição de um grupo de trabalho entre a ADPM e outras Associações de Defesa do Ambiente nacionais e internacionais, indispensável para a troca de experiências enriquecedoras para o projecto.
- O projecto, em colaboração com o Centro de Formação Profissional de Beja, permitiu criar condições para a ocupação temporária de 39 desempregados que participaram na execução de algumas actividades, que de outra forma teriam sido difíceis de concretizar.

A relação entre as diversas actividades e o desenvolvimento sustentável apresenta-se na figura 37.

A ADPM candidatou-se ao programa Comunitário NOW (Novas Oportunidades para as mulheres), que visa promover a igualdade de oportunidades para as mulheres no campo do emprego e da formação profissional.

Segundo a comissão executiva, a iniciativa apoia entidades nacionais empenhadas em desenvolver acções de formação e apoio à inserção de mulheres, nomeadamente em :

- . Formadores e agentes de intervenção quer a nível pedagógico, quer a nível técnico-profissional.
- . Enriquecimento em termos de "fazer-saber", a nível de metodologias de formação (inserção de mulheres)
- . Espaços destinados à informação, orientação e apoio à criação de empresas por mulheres.

Através deste projecto foi criado um gabinete específico de apoio à actividade económica e formação. Para além de acções específicas de integração das mulheres na realidade económica do concelho, este gabinete dará informações e apoiará ideias de criação de novas actividades económicas (28).

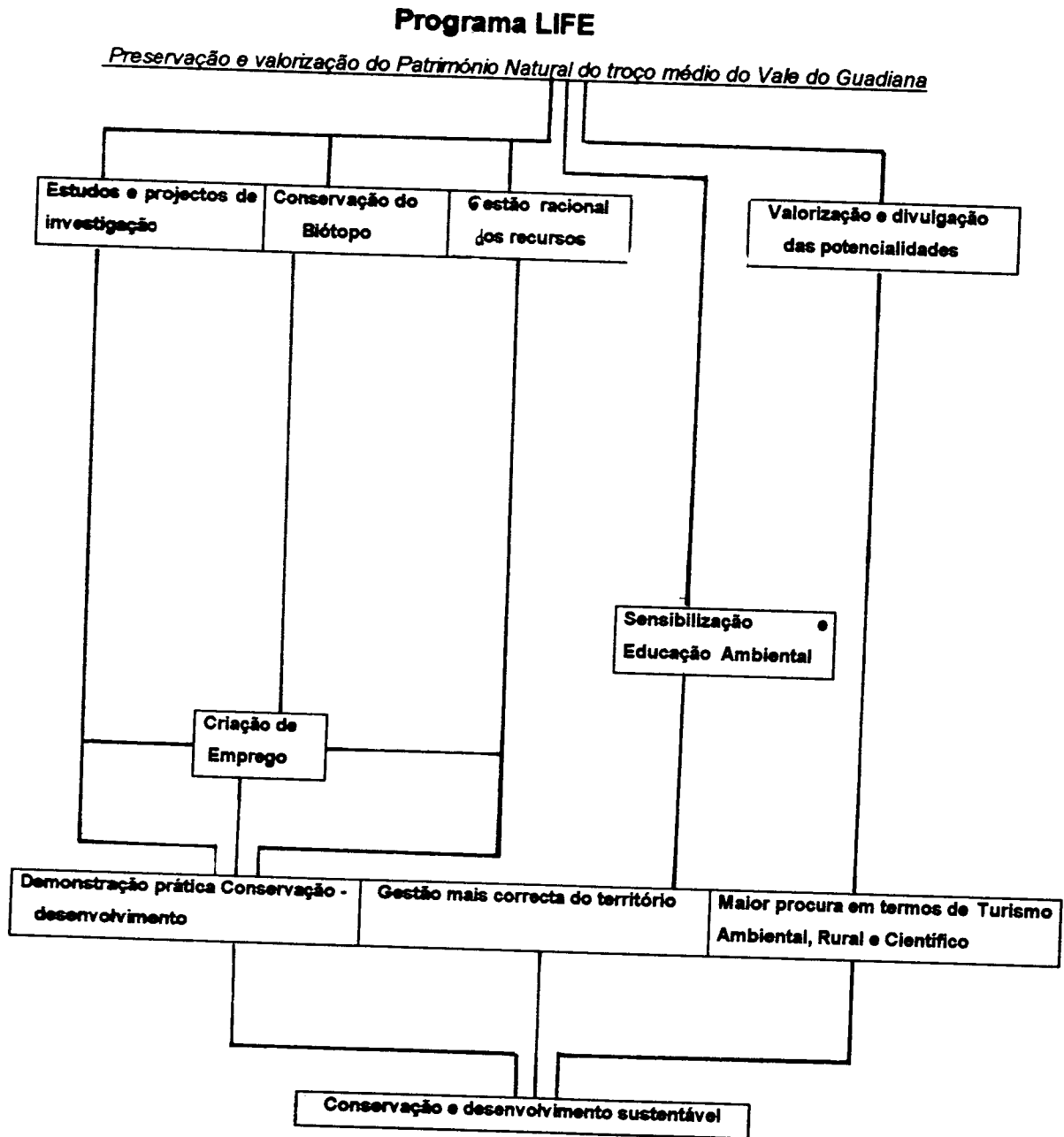


Figura 37 · Relação Conservação - Desenvolvimento

Fonte : Oliveira, "Contributos para o Vale do Guadiana", pp.12

No ano de 1995 pretendem-se candidatar projectos no âmbito do Programa de criação de emprego nas vertentes NOW, HORIZON e YOUTHSTART.

A Iniciativa Comunitária Emprego e Desenvolvimento de Recursos Humanos é um novo programa Comunitário, a implementar até 1999, que se destina a promover o crescimento do emprego, em grupos que enfrentam dificuldades específicas no mundo do trabalho, designadamente :

- . Mulheres
- . Pessoas deficientes e grupos considerados desfavorecidos
- . Jovens com menos de 20 anos e sem qualificações

Aproveitando a experiência das anteriores iniciativas NOW e HORIZON, que deram um novo impulso às políticas da igualdade de oportunidades e da reabilitação profissional, o novo programa pretenderá diminuir os desfasamentos ainda existentes entre as necessidades reais do país e a capacidade de resposta disponível, integrando um novo eixo de acção relativo à inserção profissional de jovens (menores de 20 anos), sem qualificações de base e com dificuldades de integração na vida activa. O Emprego estrutura-se em três eixos diferentes, cujos objectivos são interdependentes :

. Eixo Emprego - NOW, que visa promover a igualdade de oportunidades e de tratamento, através de intervenções de apoio à (re)inserção, à promoção profissional e à criação de actividades independentes.

. Eixo Emprego - HORIZON, que visa promover a integração sócio-económica de pessoas com deficiência e de grupos mais desfavorecidos.

. Eixo Emprego - YOUTHSTART, que visa promover a integração sócio-económica de jovens com menos de 20 anos, com dificuldades de inserção na vida activa.

A ADPM candidatou-se com sucesso ao programa Comunitário INTERREG com um projecto denominado : "Estudo da potencialidades turísticas do troço médio inferior da bacia hidrográfica do Guadiana".

Segundo Guilherme Machado o projecto inventariou os valores naturais, patrimoniais e culturais com a finalidade de aproveitar estes recursos no campo

turístico e pretendeu , também, ordenar e definir estratégias conducentes à correcta gestão turística recreativa do território, analisando a capacidade de carga e normas de gestão do espaço, antes de definir propostas de circuitos ou itinerários turísticos que foram apresentados num Seminário Luso-Espanhol sobre Desenvolvimento Integrado que decorreu em Mértola nos dias 18 e 19 de Março de 1994. Este estudo integrou total ou parcialmente os concelhos de Mértola, Alcoutim, Serpa, Moura , Barrancos e ainda os 12 Ayuntamientos Andaluces. Na fase de inventário dos recursos, colaboraram equipas da ADPM, CAM e técnicos espanhóis. As seguintes fases do trabalho tiveram a colaboração de uma equipa multidisciplinar do ISCTE.

Realizou-se em Mértola um Encontro, onde foram apresentadas as propostas de itinerários e onde se teceram algumas considerações sobre Turismo e Desenvolvimento Integrado para a região. A temática mobilizou um vasto leque de participantes (do campo económico, ao cultural, político), portugueses e espanhóis, sempre com a finalidade de estreitar a cooperação Luso - Espanhola.

A eliminação física dos postos fronteiriços reduziu a barreira psicológica que separava os povos vizinhos, embora sempre se tivessem verificado fluxos de economia clandestina. Hoje é necessário fazer uma aprendizagem, de forma paciente da cooperação franca e aberta. O diálogo começou a impor-se ao silêncio, pois só assim podem surgir soluções conjuntas para problemas comuns. “ Os dezassete concelhos espanhóis e portugueses, cujos traços comuns mais evidentes são a pobreza e a vizinhança com o Guadiana, acabam de constituir uma Comunidade original, cujo objectivo mais importante talvez é o de lutar contra o estigma tradicional que marca a sua região como a mais atrasada da Europa” (28) . É necessária a colaboração de ambos os governos para que os projectos da “Margem esquerda do Guadiana “ possam desenvolver-se.

Em 1988, o WWF (World Wide Fund) - Reino Unido, iniciou um projecto que pretendia no futuro proporcionar às comunidades rurais uma educação que lhes permitisse tomarem decisões sobre a utilização do ambiente , com base no

(28) D. Notícias 19-7-94

conhecimento e interpretação do que as rodeia.

O projecto adoptou o nome de CADISPA (Conservation and Development in Sparsely Populated Areas). Difundiou-se em 1990 pela Itália e Espanha, e em 1992 pela Grécia e Portugal, criando assim uma rede europeia.

Enquanto entidade sem fins lucrativos que serve de apoio a diversas organizações coordenadas pelo WWF, O CADISPA apoia os gestores locais de projectos no sentido destes desenvolverem actividades que tratem e solucionem os problemas do desenvolvimento e protecção da Natureza nas suas regiões.

O WWF enuncia os critérios de selecção das áreas de intervenção do CADISPA e refere os seus objectivos .

As áreas de intervenção do CADISPA são :

- Regiões com fraca densidade populacional, sujeitas a um fluxo de emigração constante, com redução e envelhecimento da população residente;
- Regiões ricas em biodiversidade, mas cujo equilíbrio ambiental já danificado se torna frágil e precário;
- As populações locais são pobres economicamente mas ricas culturalmente; rejeitam agentes de decisão externos devido a circunstâncias históricas; e fraca capacidade de auto-determinação;
- As organizações ambientais locais ou as agências do WWF estão activas, enraizadas e prontas a colaborar.

A longo prazo o objectivo do CADISPA é conseguir criar um modelo que dê poderes às comunidades locais para apoiar iniciativas de desenvolvimento economicamente viáveis que tenham em conta o seu ambiente natural e a sua herança cultural. A equipa CADISPA acredita que a educação é a chave da questão : o trabalho com professores e alunos, a formação e motivação da população residente e a criação de políticas e modos de actuação permitirão caminhar no sentido de um desenvolvimento sustentado. Portanto, o desenvolvimento e a conservação surgem como partes de uma mesma equação e não como elementos em conflito .

A ADPM organizou em Janeiro de 1994 um Encontro, no âmbito do programa CADISPA, sobre desenvolvimento sustentável, que teve a participação de elementos de diversos países: Espanha, Itália, Grécia, Escócia, Suécia, Turquia e Malásia. Também estiveram observadores da União Europeia e do WWF.

Deste Encontro, segundo Joaquim Carapeto pode-se concluir que “ face à grandiosidade e complexidade dos problemas que assolam os espaços rurais são necessários projectos de grande envergadura, aliados às infraestruturas locais, estas por princípio, da responsabilidade dos poderes institucionais. Por outro lado, o turismo cultural, vector privilegiado de desenvolvimento para regiões com estas características não deve ser entendido como actividade exclusiva, mas parte integrante de um projecto mais vasto e capaz de sustentar o desenvolvimento” (29).

As “ Medidas Agro-Ambientais e as Medidas Florestais” para a agricultura, instituem um regime de ajudas Comunitárias, orientadas pelos seguintes objectivos (30) :

- Redução dos excedentes de produção a nível Comunitário
- Melhoramento da transformação e comercialização dos produtos agrícolas e silvícolas
- Promoção da utilização não agrícola da terra
- Protecção do ambiente e desenvolvimento da florestação (sendo os agricultores directamente compensados pela perda de rendimento consequente)

No âmbito das Medidas Agro-Ambientais - Regulamento (CEE) nº 2078/92, as medidas a aplicar no Alentejo, em especial no concelho de Mértola dizem respeito a :

- Promoção da agricultura biológica
- Extensificação dos sistemas cerealíferos de sequeiro
- Extensificação dos sistemas forrageiros

(29) Boletim da ADPM, Julho, 1994

(30) Oliveira, “Contributos para o Vale do Guadiana”, 1966

- Manutenção e recuperação do montado de azinho
- Reconversão de terras aráveis em pastagens extensivas
- Manutenção das raças autóctones ameaçadas de extinção
- Manutenção dos sistemas agrícolas tradicionais no biótopo Corine de Castro Verde (que inclui também parte do concelho de Mértola)
- Formação profissional para técnicos e agricultores
- Projectos de Demonstração.

O Regulamento (CEE) 2080/92 define as medidas florestais na agricultura que, de acordo com a reorientação da PAC, incentivem a rearborização de terras agrícolas, permitindo reduzir o déficit da Comunidade em produtos silvícolas e promover a conservação do ambiente. As ajudas financeiras incluídas neste regulamento incluem :

- Subsídio ao investimento na arborização
- Prémio anual por hectare para manutenção das superfícies arborizadas
- Prémio anual por perda de rendimento por hectare arborizado
- Subsídio ao investimento para melhoria de superfícies florestais

A Colmel é um Centro Tecnológico de Mel (projecto co-financiado pela Comunidade Europeia). Começou a funcionar em Novembro de 1995. Está apetrechado com equipamento para tratamento e embalamento de mel (figura 38). Actualmente já apresenta cerca de cem associados e proporciona um posto de trabalho.

Ainda no ano de 1995 laboraram-se cerca de seis toneladas de mel. Por enquanto o mercado cinge-se ao nível local e regional. O mel é essencialmente de rosmaninho o que lhe confere um bom nível de qualidade, com condições para competir com o mel proveniente do estrangeiro, especialmente o Australiano, desde que haja uma boa informação dos consumidores.

A Colmel já proporcionou dois cursos de formação profissional a cerca de trinta participantes. O objectivo foi a sensibilização para uma apicultura racional. Os jovens parecem mais predispostos à adopção de novas técnicas.

A apicultura pode constituir uma das múltiplas fontes de rendimento que terão que surgir em alternativa à cerealicultura. É uma actividade que não cria rupturas no ecossistema.



Figura 38 A nova tecnologia do mel : um estímulo para a apicultura.

3.3 Os Estudos Científicos : Uma Forma de Potenciar os Recursos

“ É possível criar uma ciência que sirva, simultaneamente, para beneficiar a população mais pobre e preservar o ambiente”

Mohamed Larbi Bouguerra

A ADPM possui uma equipa multidisciplinar, no entanto ainda não consegue dar resposta a todas as necessidades de investigação, o que justifica a sua ligação a Universidades, Escolas Profissionais, Instituto de Conservação da Natureza, para assegurar esses estudos. Segundo o plano de actividades para 1995, a ADPM propõe-se iniciar ou dar continuidade aos seguintes trabalhos :

- Estudo para o melhoramento da azinheira por processos bio - tecnológicos, em colaboração com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Estudo Químico - Morfológico da flora aromática e medicinal do concelho de Mértola, em colaboração com a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Estudo sobre a regeneração de áreas abandonadas do ponto de vista agrícola, em colaboração com a Universidade Nova de Lisboa.
- Levantamento das técnicas e práticas da medicina tradicional (sujeito a aprovação).
- Instalação de um Sistema de Informação Geográfica para uma melhor gestão da Área de Paisagem Protegida.
- Continuação do estudo para a instalação de agricultura biológica no “ Monte do Vento” (fig.39). Os valores naturais presentes nesta propriedade fazem

com que ela esteja incluída num Biótopo Corine. Aqui desenvolvem-se acções de investigação, demonstração do uso racional dos recursos disponíveis, de formação e Educação Ambiental.

- Conclusão do estudo para a musealização do Núcleo museológico de S. Miguel do Pinheiro.
- Elaboração de um Guião para a constituição de um Núcleo de História Natural.
- Assinatura de um protocolo com o Instituto de Conservação da Natureza para a elaboração de estudos e desenvolvimento de acções relacionadas com a conservação da Natureza e do Património e Desenvolvimento Sustentável.

Os recursos naturais para serem potenciados exigem o contributo da ciência, das novas tecnologias. Os recursos do passado, trazidos à luz do dia, podem ajudar a melhor edificar o futuro. É nesta óptica que se insere a investigação arqueológica levada a efeito na alcáçova de Mértola. Tem permitido conhecer as formas de habitar e de alimentação no período medieval. As investigações em curso no antigo bairro islâmico da vila, numa zona onde terão vivido populações relativamente pobres, permitiram ao arqueólogo Santiago Macias uma reconstituição dos hábitos alimentares. Nesse período, “ o uso generalizado da carne de borrego e cabra aponta para uma base económica assente na pastorícia... confirmando uma antiga tradição das regiões meridionais, temos a confirmação do uso do figo como uma das bases alimentares da população. Por outro, e para além da já esperada presença da uva, da azeitona, do trigo ou do melão, o dado de maior relevo centra-se na extraordinária abundância de chicharo, leguminosa hoje em dia em nítido declínio e que parece ter sido particularmente usada nessa época” (31). É a arqueologia a permitir compreender

() Revista a Rede, nº 11, 1994

melhor as relações homem - meio e a lançar alguma luz no conhecimento da biodiversidade que se foi alterando através dos tempos.

As habitações do bairro apresentam uma construção em alvenaria ou taipa, ou por uma conjugação desses dois processos. Uma adaptação às elevadas temperaturas estivais através de materiais e de técnicas adequadas. Conhecimentos que importa salvaguardar pois têm grande repercussão no conforto biológico das populações face aos condicionalismos climáticos.

Daqui certamente poderemos tirar ensinamentos, quer dos materiais utilizados, quer das estruturas arquitectónicas utilizadas. Além disso esta investigação permite a salvaguarda do património histórico, fonte de interesse para o desenvolvimento do turismo cultural



Fig. 39 O Monte do Vento : Centro de Agricultura Biológica e de Educação Ambiental

3.4 **A valorização dos Recursos Humanos :** **Quais as Estratégias Adoptadas ?**

O edifício turístico e cultural que em Mértola paciente-mente se levanta pretende envolver as pessoas e a sua capacidade criativa. É uma filosofia integrada e integradora em que tudo é valorizado, sobretudo o homem ...

Através de uma atitude pedagógica o CADISPA pretende ensinar, aos mais novos, o passado para que melhor se compreenda o presente e se perspetive o futuro. Assim os futuras gerações tornar-se-ão, mais facilmente, elementos activos na resolução dos problemas da comunidade.

No âmbito do projecto CADISPA 93 - 94 realizaram-se uma série de actividades de carácter ambiental :

- Educação Ambiental nas Escolas Primárias :
- . Distribuição e aplicação do guia de Educação Ambiental
- . Passagem de um diaporama para ilustrar as causas e consequências da erosão dos solos;
- . Apresentação de um conjunto de desenhos interpretativos relacionados com a formação e perda do solo;
- . Apoio à constituição de hortas pedagógicas nas escolas
- . Visitas à Estação Experimental de Vale Formoso;
- . Participação em acções de Educação Ambiental solicitadas pelas escolas, na comemoração do dia Mundial da Árvore e dia Mundial do Ambiente;
- . Elaboração e distribuição de um inquérito por todas as escolas do concelho com o objectivo de avaliar a aplicação do Guia de

Educação Ambiental nas Escolas Primárias;

- . Colaboração na organização da iniciativa “Escolas em Festa”
Como estratégia, montou-se um cenário com uma paisagem típica alentejana sobre a qual foi projectado um diaporama com a fauna característica desta paisagem, com os sons dos animais.

- Educação Ambiental na Escola C+S e na Escola Profissional
 - . Concurso de trabalhos sobre o tema do projecto CADISPA.
 - . Visita à Estação Experimental de Vale Formoso;
 - . Organização de uma exposição, por um grupo de alunos, sobre a erosão dos solos, com as seguintes unidades temáticas :
 - . Caracterização do solo e clima do concelho;
 - . Evolução do meio;
 - . Os diferentes usos do solo;
 - . O manejo dos solos;
 - . Consequências ambientais e sociais da erosão
 - . Como contribuir para a resolução do problema da erosão dos solos ?

- . Apoio à constituição de um núcleo de Ambiente na Escola Profissional onde se leccionavam os cursos de Técnicos de Arqueologia e Turismo Ambiental e Rural
- . Apoio a visitas de Estudo relacionadas com temáticas Ambientais e Património Cultural;
- . Preparação de uma publicação para a escola C+S, que terá a forma de um puzzle que resultou de uma sugestão do CADISPA - Escócia .

- Acções com a população :
 - . Publicação de um cartaz de divulgação do tema do projecto

- . Realização de um Encontro Internacional sobre o desenvolvimento sustentável;
- . Criação de um Centro de Informação aberto à população e integrado no NAMUR (Núcleo de Apoio ao Mundo Rural);
- . Reuniões com Associações de agricultores para sensibilização e informação acerca do processo de classificação de uma Área de Paisagem Protegida no Vale do Guadiana.
- . Acções de sensibilização com a população, solicitadas pelas Juntas de Freguesia e por Escolas de Formação de Adultos;
- . Encontro com Agricultores.

A formação profissional e o desenvolvimento. Qual a dinâmica deste binómio?

A delegação de Mértola da Escola Bento de Jesus Caraça foi criada no ano lectivo de 1992-93, iniciando a sua actividade com o curso de Técnicos de Museografia. No ano lectivo seguinte alargou a sua oferta de formação com a criação do curso de Técnicos de Turismo Ambiental e Rural. Actualmente já possui o curso de Património Cultural Gestão e Divulgação.

Porquê estes cursos ?

A necessidade de formar quadros na área do Património nas suas vertentes arqueológica - museológica e turística. Consideram-se as áreas do Património e do Turismo como os alicerces do desenvolvimento das regiões do interior. Da Escola sairão os quadros para suprir as necessidades locais. A maior parte dos docentes são técnicos de investigação no Campo Arqueológico e da ADPM. A maioria dos alunos são originários do concelho de Mértola, no entanto também há alunos dos concelhos de Beja, Moura, Castro Verde e Aljustrel, o que demonstra a área de influência desta delegação.

A criação de outros cursos, nomeadamente no âmbito da "agricultura biológica" não é fácil, em virtude da inexistência no concelho de um quadro de docentes especializado neste domínio científico. Mais uma vez a acessibilidade aos recursos humanos constitui um entrave ao desenvolvimento de iniciativas - chave para o concelho.

No âmbito da Formação Profissional, o Plano de Actividades de 1995 da ADPM, propôs-se realizar o seguinte :

- . Colaborar na formação em tinturaria vegetal para as tecedeiras da Cooperativa Oficina de Tecelagem de Mértola
- . Formação para prestadores turísticos
- . Formação de Guias Intérpretes da Natureza (dependente da aprovação do projecto)
- . Formação em limpadores e enxertadores de árvores (em colaboração com o Centro de Formação Profissional de Beja)
- . Continuação do curso de formação de Construção Civil com especialização em Taipa (em colaboração com o Centro de Formação Profissional de Beja)
- . Formação de Animadores Locais
- . Formação específica para mulheres (sujeito a aprovação)

A Associação de Telecentros Rurais de Portugal instalou, em 1993, um telecentro em Mértola na sede da ADPM . Apresenta como objectivos :

- . Combater o grande obstáculo ao desenvolvimento (o isolamento e a escassez de informação);
- . Ajudar a população no uso da informática e da telemática, através de acções nesse domínio ;
- . Prestar serviços à comunidade;
- . Funcionar como um meio de divulgação e valorização do património existente.

A partir de 1978 dá-se corpo à ideia de encontrar soluções de dinamização local através dos recursos patrimoniais (arqueológicos, arquitectónicos, paisagísticos, ...), surgem assim a ADPM e o CAM, que, em conjunto com a Câmara Municipal, estabelecem as linhas mestras de uma cooperação, no quadro de um projecto global.

O grande projecto de recuperação da História local, iniciou-se com a vinda para Mértola do arqueólogo Claudio Torres, que articulou o interesse da sua pesquisa com a projecção que esta poderia ter na revitalização económica, social e cultural do concelho. Com um modelo de investigação assente na interdisciplinaridade se dinamizaram as artes e os ofícios tradicionais. As escavações arqueológicas (figura 40) trouxeram à luz múltiplos objectos e conhecimentos sobre a vida das populações que aqui habitaram.



Figura 40 As escavações arqueológicas : o desenterrar do passado para iluminar o futuro.

Toda a vila é um museu. Um museu polinucleado, com núcleos aqui e ali, a levar o visitante a percorrer as velhas, estreitas e íngremes artérias, de casas coloridas com vasos de flores e de janelas a roçar a calçada. Aqui, viaja-se no tempo.

Na cave da Câmara Municipal está implantado o núcleo museográfico romano.

O núcleo islâmico (figura 41) no qual se destaca uma das mais importantes colecções mundiais de cerâmicas de corda seca dos sec XI e XII . As estruturas arquitectónicas e os artefactos ajudaram a enriquecer o conhecimento sobre os usos e costumes da população no período medieval. Esse núcleo museológico apresenta fragmentos arquitectónicos, lápides funerárias, objectos decorativos e cerâmica (desde o humilde fogareiro à jarra de loiça dourada importada do Oriente).

A Mesquita, única conhecida e conservada em Portugal. Seria uma modesta mesquita de bairro edificada pelos Almoadas entre 1157-58 (quando conquistaram Mértola) e 1238 (conquista cristã). É um edifício islâmico com acrescentos cristãos.

Na oficina de tecelagem, constroem-se mantas de lã e outras peças de vestuário da região (figura 43). Uma das primeiras aprendizas referia que “ a tecelagem é um trabalho criativo. Os jovens não se devem envergonhar do artesanato. Se não for a juventude a agarrar o artesanato, tudo o que os mais velhos sabem desaparece” (32) Hoje é apenas a sobrevivência do que em tempos foi uma necessidade e um ganha pão.

Na oficina de cerâmica (figura 42), moldam-se pequenos objectos com mãos habilidosas e de grande sentido criativo. Inventam-se formas. Acrescenta-se valor ao barro e ganha-se a subsistência.

(32) Diário do Alentejo - 16-5-86, pp. 11



Figura 41 O Museu Islâmico : A salvaguarda de um rico património histórico- cultural



Figura 43 A Oficina de Tecelagem em Mérola

O ofício de tecedeira :

“Enquadrá-lo e modelá-lo às dimensões modernas sem o vilipendiar, mais do que uma necessidade, é um dever” (Torres, 1984)



Figura 42 A oficina de cerâmica : nos objectos transparece criatividade

Na oficina de ourivesaria (figura 44) são elaboradas réplicas de objectos encontrados nas escavações (pulseiras, anéis, alfinetes, brincos...), feitos em cobre, latão, acrílico, titânio e ouro.

No núcleo da “forja” está todo o vasto espólio de ferramentas reunidas por gerações sucessivas de mestres da arte da ferragem. Materiais que se relacionavam com os mais variados domínios da vida local : agricultura, pesca, fiação e tecelagem. Na inventariação de todo este material participaram os formandos do curso de turismo cultural. A realização deste trabalho foi possível graças à colaboração dos habitantes da “Vila Velha”.

O núcleo museológico Paleocristão e o de Arte Sacra também constituem focos de elevado interesse histórico-cultural.

O CAM está também a desenvolver a investigação conducente à futura instalação do núcleo da Mina de S.Domingos.



Figura 44 A oficina de ourivesaria : às réplicas de peças Islâmicas alia-se uma enorme criatividade. Nesta aliança desenha-se o binómio passado - futuro.

O CAM promoveu em 1993 um curso de especialização de técnicos superiores na área do Turismo Cultural, que se destinou a licenciados no domínio das Ciências Sociais e Humanas. O objectivo principal era articular os conhecimentos científicos veiculados pela Universidade com o saber técnico do sector e com o uso das novas tecnologias de tratamento e difusão da informação, com vista à valorização turística do património histórico e cultural . O turismo cultural, enquanto vector de desenvolvimento, poderá contribuir para dar resposta a alguns dos problemas da região. Pretendendo-se que o formando fique apto a :

- proceder ao levantamento do património e organizar a respectiva informação;
- planear a criação de circuitos de turismo cultural;

- dirigir a construção prática de circuitos de turismo cultural; promover a formação complementar, de incidência local/regional, dos agentes turísticos; fornecer consultadoria ao comércio e hotelaria locais;
- contribuir para a fixação, em condições economicamente dignas, da população local, nomeadamente das camadas mais envelhecidas, repositórios vivos de uma memória de gerações;
- preparar acções complementares de formação para Guias turísticos, nomeadamente no que diz respeito à Animação de Circuitos.

O reconhecimento público do trabalho desenvolvido expressou-se, nomeadamente, na obtenção do Prémio Nacional de Conservação da Natureza e do Património Histórico-Cultural, atribuído em 1989 pela Secretaria de Estado do Ambiente e Secretaria de Estado da Cultura, do Prémio Nacional para o Melhor Plano de Salvaguarda para um núcleo histórico, atribuído em 1990 pelo Ministério do Planeamento e Administração e, em 1991, na atribuição a Cláudio Torres, director do CAM, do Prémio Pessoa.

No CAM (Campo Arqueológico de Mértola) estagiaram três jovens estudantes marroquinos que reconheceram ser o “ único Centro no mediterrâneo que se dedica quase exclusivamente ao estudo e investigação do período islâmico”. Uma forma de revitalizar os intercambios culturais que, ao longo da história, pautaram as relações entre as duas “margens” do mediterrâneo.

Na visita a Mértola, em 1994, o ministro da Cultura de Marrocos ficou “impressionado com o trabalho realizado no campo arqueológico, museográfico e da preservação do património... propôs a geminação de Mértola com a cidade marroquina de Azamour” (33).

A ADPM produziu uma video - cassete : O Grande Rio do Sul”. Uma forma de divulgar o rico património natural e cultural. Este trabalho proporciona formação,

à distância, a uma população que começa a despertar para as potencialidades da região.

Segundo o Plano de Actividades de 1995, é intenção da ADPM a divulgação do trabalho realizado, propondo-se, por exemplo :

- . concluir o filme "Tecelagem Tradicional de Mértola"
- . editar uma brochura dedicada às temáticas do solo e sua gestão
- . carta de qualidade turística (em colaboração com outras entidades)
- . edição de uma pasta e colecção de postais sobre as espécies mais ameaçadas (sujeito a aprovação)
- . brochura de suporte à exposição do nucleo museológico de S. Miguel do Pinheiro.

O trabalho realizado tem proporcionado um crescente interesse pelos aspectos culturais e paisagísticos do concelho de Mértola como se pode observar no crescimento do número de visitas turísticas e de visitantes (quadros 11 e 12).

Visitas guiadas nos anos de 1990, 1991 e 1992

Ano	Nº visitas	Nº visitantes
1990	63	1 666
1991	63	2577
1992	96	1954

Quadro 11

Visitas guiadas no 1º semestre de 1993

Nº de visitas	Nº de visitantes
118	5 146

Quadro 12

Quadros 11 e 12 As visitas guiadas

Fonte : Posto de Turismo de Mértola, in Boletim da ADPM (5), 1993, pp. 11

(33) Diário do Alentejo, 20 de Maio de 1994, pp. 24

O êxodo de população com formação profissional diminui as “forças vitais” do concelho. Neste âmbito a ADPM organizou um Encontro com estudantes do ensino Médio, Técnico e Superior do concelho de Mértola, com o objectivo de contribuir para uma melhor compreensão da região e promover uma discussão sobre as possibilidades de fixação na região de recursos humanos qualificados. A ADPM tentou “proporcionar aos jovens estudantes um espaço de incentivo ao surgimento de ideias e de projectos que, no âmbito da formação académica, possam potenciar o desenvolvimento da sua terra” (34).

3.5. S. Domingos e Pomarão :

Espaços a revitalizar. Que rumos ?

Quando a “letargia” se converte numa vantagem para melhor desenhar o futuro ...

S. Domingos e Pomarão continuam a ser povoações privadas, verdadeiros enclaves estrangeiros que têm bloqueado as iniciativas autárquicas .

Os despachos de 24 e 25 de Outubro de 1984 referem que “La Sabina” perdeu a concessão da exploração da mina. Esta situação foi gerada pelo ultrapassar do período máximo permitido para a paragem da exploração. Contudo, esta revogação dos direitos do subsolo não se estende à superfície.

La Sabina tem vindo a desenvolver desde Janeiro de 1993, trabalhos com vista à definição de projectos para o aproveitamento das suas propriedades, evidenciando a necessidade de estender a sua acção, inclusivamente a outros

(34) Diário do Alentejo 5 de Abril de 1996, pp. 23

terrenos do concelho.

A Câmara Municipal de Mértola pretende fomentar o desenvolvimento, fazendo aplicar o Plano de Urbanização da Mina de S. Domingos e Pomarão.

Constituiu-se um grupo de trabalho para analisar e promover os projectos considerados adequados de utilização dos terrenos, propriedade de La Sabina e de outros que venham a integrar-se no seu programa de investimentos no Concelho de Mértola. Está a esboçar-se uma tentativa de conciliar os interesses entre as duas partes.

No Plano de Urbanização Camarário surgem propostas de intervenção que procuram , genéricamente :

- Aproveitar os recursos naturais e humanos sendo muitas das propostas complementares podendo fazer parte de uma grande operação integrada de desenvolvimento da região.
- Um ordenamento e planeamento racional que evite a degradação ambiental e a desertificação humana.
- Sensibilizar a população local para a participação activa num projecto a implementar, por forma a promover um desenvolvimento sócio-económico integrado, condição fundamental para a concretização dos projectos propostos.
- Incrementar actividades e postos de trabalho para a população jovem. Entrada de investimentos para a revitalização de núcleos em estudo e das suas áreas envolventes.
- Tentar demonstrar as possibilidades reais de desenvolvimento das áreas em estudo, mesmo sob condições muito desfavoráveis.

A letargia dessas localidades poderá converter-se numa vantagem. O seu atraso permite evitar que se repitam os erros praticados noutras regiões turísticas, como o crescimento urbano desordenado ou a destruição do património arquitectónico e cultural. O Plano geral de Urbanização da Mina de S. Domingos e do Pomarão tem como principal objectivo a revitalização dessas

localidades, vocacionando-as para o desenvolvimento turístico de carácter cultural, com a reconversão da mina desactivada numa área museológica, baseada na arqueologia industrial. A arquitectura mineira do século XIX constitui um foco de interesse para estudantes e investigadores nacionais e estrangeiros. Já existe um levantamento efectuado por estudantes de Arquitectura da Universidade Inglesa de Birmingham, que se deslocaram à mina. Esta é uma prova do vivo interesse cultural que este património desperta.

Entre as propostas de intervenção, destacam-se :

- **Dinamização cultural**
 - . Continuação da política de aproveitamento do vasto património histórico-cultural da região
 - . Apoio a Associações, Clubes Recreativos e Desportivos e a outras iniciativas que reforcem a identidade colectiva e induzam as populações a permanecerem nos locais onde nasceram.

- **Aproveitamento de Albufeiras, Tapadas e do Rio Guadiana**
 - . Aproveitamento de praias fluviais
 - . Incremento de desportos náuticos
 - . Pesca desportiva
 - . Abastecimento de água para a agricultura.

- **Promoção do Artesanato**
 - . Reabilitar produtos tradicionais (mantas de lã, produção de mel...)
 - . Implementar produções locais em pequena escala de produtos culinários de reconhecida qualidade, como sejam o queijo, a doçaria...)

- **Aquacultura**
 - . Aproveitamento de espécies cinegéticas (piscícolas)

- Aproveitamento da Esteva (constitui a última capa protectora dos solos esqueléticos, não podendo ser explorada em grande escala) :
 - . Medicina (acção fungistática, bactericida e anti-viral)
 - . Perfumaria (extracção de baldano)
 - . Produção Alimentar (no âmbito da cultura de túberas ou cogumelos)
- Vermicultura
 - . criação de minhocas em instalações tipo estufas, requerendo apenas um ligeiro investimento inicial.
- Reflorestação
 - . Reimplantação de espécies arbóreas climax (oliveira, azinheira, por exemplo)
- Agricultura e Floricultura de Estufa
 - . Utilização dos vastos períodos de insolação para espécies hortícolas e florícolas.
 - . É possível o incremento de certas espécies vegetais :
 - Abóbora dos búfalos, aproveitada como proteagínosa e oleagínosa, mas terá de existir uma confirmação com prévia experimentação regional (em zonas áridas do Alentejo e Algarve)
 - Guayule - espécie que está bem adaptada às condições ambientais do sul do concelho de Mértola e o seu latex pode ser aproveitado para o fabrico de borracha natural.
 - Tabacos orientais - tipo xanthy e sari - yaka podem ser cultivados nas serras do concelho de Mértola e Algarve em cultura intensiva de sequeiro.
- Turismo Cultural e Rural
 - . Aproveitamento das condições ambientais e do património cul-

tural

- Apicultura

. Produção de mel como fonte de receita para os habitantes locais

A criação de um Centro Cultural, campo de futebol e polidesportivo, piscina coberta de dimensões olímpicas, campos de ténis, campo de golfe, estalagem, espaços comerciais e de serviços, estão também previstos no Plano.

A concretização dessas e de algumas iniciativas exige um vasto leque de investigações científicas que devem ser levadas a efeito por técnicos de diferentes áreas disciplinares.

Pretende-se levar a efeito um desenvolvimento com um carácter sustentável, pois tenta-se explorar os recursos endógenos de forma a gerar emprego, fixando as populações.

A empresa "La SABINA", quer revitalizar esta área até final do século, transformando-a num pólo turístico, prevendo-se uma operação de cosmética, com a limpeza dos cursos de água, a plantação de árvores e a construção de um hotel, com os devidos equipamentos desportivos (por exemplo, campos de golfe), piscina olímpica, ginásio, campo de tiro e arco ⁽³⁵⁾. No porto do Pomarão deverá ser construída uma marina hotel. Ainda se faz referência ao aproveitamento das galerias da velha mina para a edificação de um museu vivo. Há um Plano de Urbanização aprovado oficialmente que constitui uma defesa face às reais intenções dos projectos da Empresa mineira.

O Plano considera que "o Estado tem um papel decisivo na resolução da questão e aponta como hipóteses a expropriação ou compra da área que é propriedade da Empresa (La Sabina)" ⁽³⁶⁾ de modo a garantir o ordenamento do território e a salvaguarda dos interesses das populações.

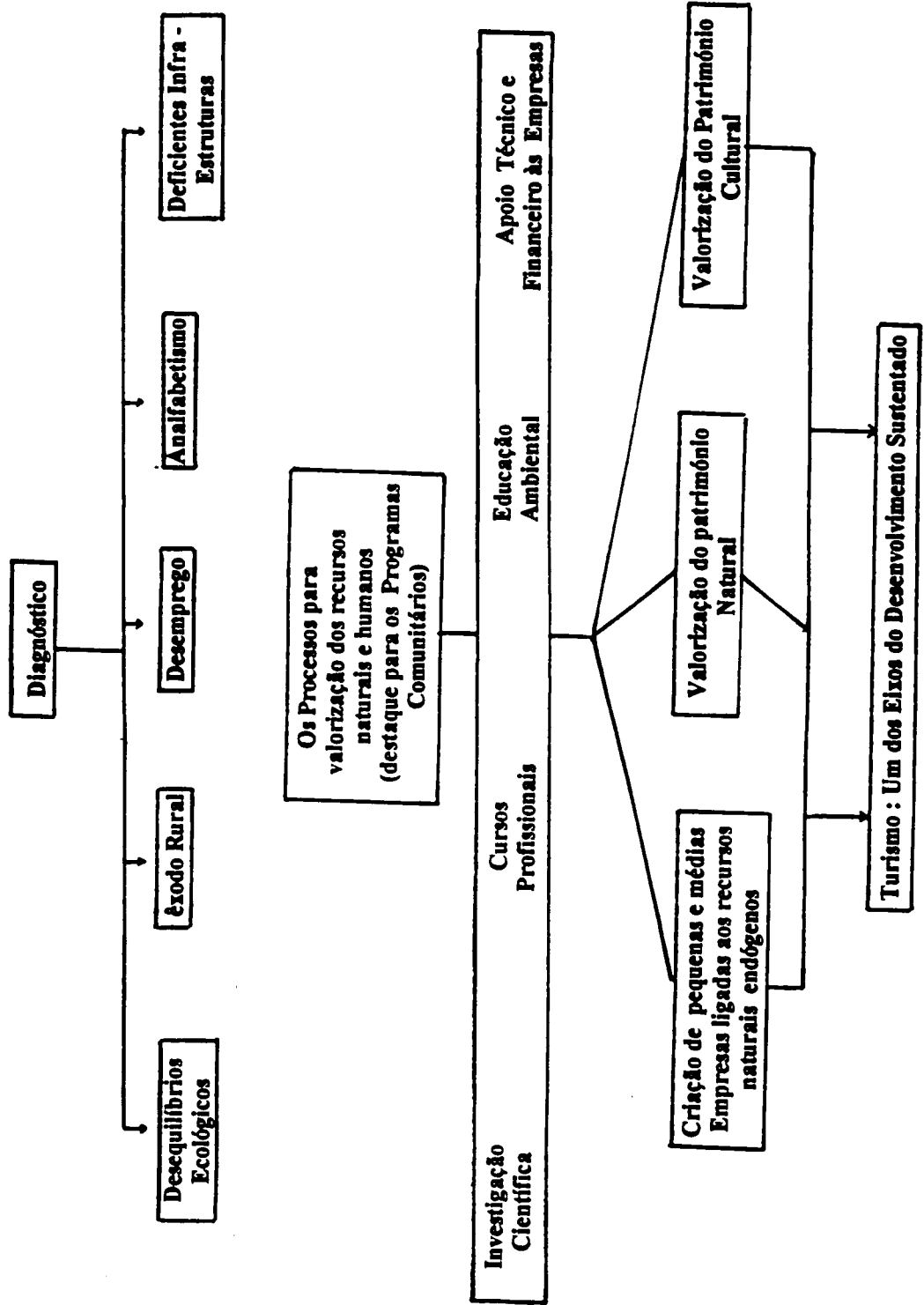
(35) A Capital, 24-12-1994

(36) Diário do Alentejo, 21-1-94

Últimamente, a Câmara de Mértola, a Comissão de Coordenação da Região Alentejo e a Empresa La Sabina têm efectuado reuniões no sentido de resolverem o problema do estatuto e propriedade do parque habitacional de S. Domingos e Pomarão. "A diferença de preços está na base do diferendo que opõe a Câmara à empresa La Sabina. As propostas iniciais para a venda das casas apontavam para 10 - 12 contos o metro quadrado segundo a empresa mineira, e 4 - 5 contos de acordo com as metas da Câmara. O desacordo e protestos da população para com os preços mais altos e a atitude de intransigência veiculada pela empresa motivaram uma outra proposta de consenso entre as duas anteriores. Depois de várias reuniões com a população, a Câmara e as Comissões de Acompanhamento elaboraram novo documento no qual propõem um aumento de três contos à tabela inicial da autarquia.⁽³⁷⁾ Neste difícil processo negocial estabeleceu-se um acordo sobre a fixação de um montante para compra das habitações. Foi o acordo possível que ainda está longe de apresentar preços acessíveis, pois a maior parte da população sobrevive apenas da reforma. Neste processo pede-se uma ajuda do Estado, especialmente para os que revelam mais dificuldades na compra da habitação. Contudo, foi um passo importante no desbloquear de uma situação que "aprisiona" as iniciativas autárquicas.

(37) Diário do Alentejo, 19 de Janeiro de 1996, pp. 5

O Diagnóstico, os Processos e os Alicerces do Desenvolvimento Sustentado



3.6. A Problematização do Desenvolvimento Sustentado no Concelho de Mertola

O ciclo do Turismo :

Um cenário para a sustentabilidade ?

O Guadiana foi, durante séculos, o grande eixo de ligação com o exterior. Através desta via se realizou “o ciclo de exportação do trigo... da Baixa Idade Média aos finais do século XVIII, a ele sucedendo-se o do minério, em meados de oitocentos” (Garcia, 1982). Hoje, começa a emergir outro ciclo, o do turismo, onde o Guadiana, mais uma vez assume papel de relevo. O eco-turismo é uma nova forma de turismo, uma estratégia vital para manutenção dos ecossistemas.

Nos últimos decénios, quais as condições que favoreceram o desenvolvimento do turismo ?

- Alterações nas estruturas familiares - principalmente uma antecipação da independência familiar dos jovens.
- Dilatação dos tempos livres (redução do horário de trabalho e a antecipação das reformas).
- A mudança nos padrões de consumo (consequência do aumento dos rendimentos familiares e dos meios de informação)
- Maiores facilidades de mobilidade (transportes e organização de viagens)
- A assimilação de novos valores sociais, o contacto com a Natureza, o Património, as práticas desportivas ao ar livre, fundamentais para o equilíbrio bio-psíquico)
- Internacionalização e mundialização das economias (difusão das inovações, incremento de competitividades, estímulos de cooperações...)

Assim, verificou-se uma diversificação das ofertas e das procuras, no domínio turístico.

O turista acentua o seu espírito criativo, exigindo maior qualidade e capacidade de resposta da oferta.

Como complementaridades, ou como alternativas ao turismo balnear, estão a surgir os turismos : cultural, rural, de saúde, de negócios e congressos. O turismo está em vias de se tornar a primeira “indústria” mundial na viragem do milénio.

Existe uma procura bem diferenciada, que assenta principalmente nas diferenças de idade e de estilos de vida... os estratos mais jovens tendem a privilegiar os turismos de itinerância, activo e de Natureza; os estratos intermédios preferem os turismos cultural, rural, de congressos e de compras; e os mais idosos optam habitualmente pelos turismos de repouso e de saúde.

Em Portugal existe uma procura cada vez mais acentuada pelos espaços naturais do interior.

Como vários autores têm apontado, os efeitos multiplicadores das actividades turísticas são consideráveis, quer no que respeita ao aumento de emprego e da produção, quer no que respeita ao fluxo de divisas estrangeiras e de capitais, tão importantes para o aumento dos rendimentos, para a renovação do sector e dos tecidos económicos e sociais, regionais e locais.

Mas, os efeitos multiplicadores das actividades turísticas nem sempre se sentem de imediato, podendo até atenuar-se se os locais ou regiões não revelarem capacidade de responder à procura e de evitar a degradação dos seus valores patrimoniais, da sua identidade e se não souberem aproveitar a oportunidade para a renovação e sustentação dos tecidos económicos, sociais e territoriais.

É indiscutível que o turismo tem potencialidades para constituir um dos eixos do desenvolvimento integrado, permitindo, e até favorecendo, a modernização, com acento particular nas inovações tecnológicas e na qualificação da mão de obra.

As pessoas fogem aos locais de massificação estival e escolhem o espaço rural a visitar. Procuram férias alternativas ao Sol e à praia, com isolamento, privacidade, repouso, pacatez e quietude, tratamento personalizado, relações humanas autênticas, algo de diferente e específico.

Nas áreas de grande fragilidade ambiental, não sendo recomendável a sazonalidade turística, pois cria enormes distorções no mercado de trabalho, dada a desigualdade com que este é requisitado ao longo do ano. Proporciona também graves problemas de degradação ambiental devido à grande concentração de turistas que podem, posteriormente fazer outras escolhas, não suportando os custos inerentes a essa degradação. As soluções para a sazonalidade estão na criação de motivações complementares que equilibrem a procura ao longo do ano. Seria favorável uma elevação da qualidade média dos visitantes, já que poderá possibilitar uma menor degradação sem quebra dos benefícios económicos desta actividade.

O turismo rural, de habitação, agro-turismo, etc. evitam a concentração urbana - permitem o agradável convívio, o regresso às origens (ainda há poucas gerações genuinamente urbanas).

As residências secundárias aparecem na sequência lógica do crescimento das grandes cidades. Apresentam sobretudo a procura de um lugar para o repouso e o lazer, na ocupação de pequenos períodos livres, mas também de prestígio social, investimento seguro e geralmente de fácil mobilização, bem como o agradável retorno às origens. Muito embora tenham uma ocupação média que, habitualmente é inferior à dos equipamentos turísticos colectivos, possuem de igual modo um efeito de animação local que pode também ser problema, desde que comece a interferir na comunidade acolhedora.

Em síntese pretende-se um turismo que fuja à massificação e à desertificação humana. Um turismo que apresente as vertentes : ambiental, histórica, cultural e social. A oferta em meio rural não deve limitar-se ao alojamento e a níveis medíocres de qualidade, sob pena de comprometer o seu próprio futuro.

O concelho de Mértola apresenta uma extraordinária riqueza cultural e ambiental para oferecer às regiões mais ricas, contudo com sérios problemas sociais e ambientais. O turismo não deve ser equacionado na perspectiva do neocolonialismo, de trabalho subalterno, feito sem satisfação. Há que investir na formação da população de forma a que esta mentalidade não sirva de bloqueio

ao turismo, que está alicerçado nas relações humanas, construindo um “turismo duradouro”.

O caminho do desenvolvimento segue as vias, cultural (criação de vários núcleos museológicos, a sua divulgação e promoção) e ecológica (criação da Área de Paisagem Protegida do Vale do Guadiana). Estes são os alicerces do turismo que se pretende desenvolver no concelho.

Este dinamismo tem proporcionado mais actividades económicas, geradoras de empregos, bem visíveis no crescimento do comércio local, especialmente no aumento de restaurantes.

Todas as infraestruturas são fundamentais para melhorar o bem-estar das populações, desde a melhoria das acessibilidades, pela construção de caminhos, à abertura de centenas de furos artesianos para fazer face aos períodos secos, até ao saneamento básico, que ainda está muito longe de ser concluído. Naturalmente que os recursos financeiros da Câmara são muito reduzidos para as múltiplas transformações sócio-económicas que foram adiadas ao longo de décadas, mercê das iniciativas externas e de políticas nacionais desajustadas do quadro natural e geradoras de profundos contrastes humanos.

Nalgumas áreas do concelho de Mértola dominam as plantações de eucaliptos. Muitos têm sido os factores que motivaram a sua expansão :

- a elevada produtividade e o rápido crescimento favorecem a monocultura intensiva e altamente lucrativa.
- a sua elevada capacidade de resistir a prolongados períodos de ausência de chuva e a uma redução momentânea acentuada de disponibilidade em água no solo.
- a sua fibra celulósica curta e a cor clara da sua lenha tornam-no muito favorável à indústria da celulose, com fracos custos de processamento
- a clara opção de produção da pasta de papel no quadro da C. E., aproveitando o déficit da Comunidade nesta matéria e os baixos custos de produção, com terrenos e mão de obra baratos. O eucalipto chegou a ser apresentado como o “petróleo verde”.

A inexistência de um planeamento florestal a longo prazo e de um verdadeiro ordenamento do território que ajudou muito a difusão acelerada do eucalipto, a existência de grandes propriedades que torna particularmente rentável o trabalho das máquinas na preparação da terra e na sua exploração.

A monocultura do eucalipto, concomitante do recuo do montado, apresenta elevados custos ambientais :

- consumo excessivo de água e a desorganização do balanço hídrico das bacias hidrográficas plantadas com eucaliptos.
- o empobrecimento dos solos e os riscos de erosão hídrica. O empobrecimento da fauna e da flora levando à extinção de algumas espécies.

As grandes empresas de celulose têm vindo a aumentar as áreas na sua posse, quer em regime de propriedade quer em regime de arrendamento. O abandono das terras mais pobres e o despovoamento ajudam a transferências de propriedade no Alentejo. Deve salientar-se o conflito que opôs a ADPM à Soporcel, que se traduziu numa acção judicial, em virtude da “empresa de celulose ter destruído valores naturais e paisagísticos do biótopo do vale do Guadiana, através da plantação de dezenas de hectares de eucaliptos... A ADPM e o Ministério Público pretendem cancelar definitivamente o projecto de eucaliptização, como ver retirados os eucaliptos e repostos o coberto vegetal autóctone dos cerca de 150 hectares, entretanto destruídos” (38).

A Área Protegida do Vale do Guadiana representa já um entrave a todo um conjunto de iniciativas individuais que possam provocar a destruição dos recursos naturais. Contudo, é necessário que essa difusão do eucalipto não se faça sentir noutras áreas do concelho que também têm solos muito pobres, pondo em causa os ecossistemas e as opções das gerações futuras. Quais as alternativas ?

(38) Oliveira, Boletim da ADPM, Set., 1992

O montado de azinho implantou-se sobretudo em solos medíocres, muitas vezes impróprios para a agricultura, em condições climatológicas muito irregulares. Foi nestas condições naturais difíceis que se estabeleceu um equilíbrio agro-silvo-pastoril frágil, em que cada um destes três elementos é interdependente dos outros. As florestas de azinho mantêm a frescura dos prados e dão sombra ao gado no Verão. As bolotas têm um elevado valor nutritivo e fornecem alimento num período em que o pasto escasseia. O montado de azinheiras é também uma espécie de “divisão blindada” contra o avanço do deserto. Apresenta óptimas condições para a produção de carne de ovinos e conseqüentemente o fabrico de queijos regionais. Trata-se de proteger uma espécie cujo valor não pode ser avaliado exclusivamente pelos seus produtos mas pelo que garante preservar, pois assume-se como um “fóssil ecológico” para estas áreas secas e de solos descarnados do concelho de Mértola.

A nova (PAC) promove o abandono das culturas excedentárias e fomenta o recurso a culturas alternativas entre as quais se destaca a florestal. Atendendo aos elevados custos de produção de cereais e à fraca produtividade, esta legislação torna particularmente aliciante a reconversão das searas e a beneficiação do montado.

O ressurgimento do interesse económico do montado de azinheira, em termos cinegéticos, está patente na proliferação actual de áreas sujeitas a regime cinegético especial que, a serem bem geridas do ponto de vista da conservação, irão contribuir de modo decisivo para a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, onde o homem também tenha lugar.

As zonas de regime cinegético não têm contribuído para o desenvolvimento económico e social do concelho, não pela filosofia em que assentam mas pela prática contrária aos objectivos propostos. A actividade cinegética, potenciada na óptica da sustentabilidade, poderia trazer muitos frutos ao bem estar das populações, contudo está a criar grandes clivagens no mundo rural.

A actividade cinegética poderia dar um melhor contributo à sustentabilidade,

no entanto são de salientar alguns aspectos que impedem a concretização desse objectivo. No quadro 13, pode ver-se a diferença entre o proposto nos projectos e o existente na realidade.

	Proposto	Existente	%
Postos de Trabalho			
Guardas	51	51	100,0
Permanentes (48 pertencem a 11 projectos)	48	11	23,0
Eventuais (70 pertencem a 12 projectos)	70	13	18,5
Equipamentos			
Quartos (51 incluindo as habitações dos donos)	121	51	42,1
Cozinha (13 pertencem a 13 projectos)	13	4	30,7
Pavilhão de caça	4	0	0,0
Recuperação de montes	4	1	25,0
Serviços			
Campos de treino	15	2	13,3
Turismo verde	3	0	0,0
Transporte ZC	9	0	0,0
Percursos natureza	13	0	0,0
Actividades equestres	5	1	0,0
Medidas			
Controle de predadores	14	24	171,0
Actividades agrícolas para a c aça	12	5	41,6
Repovoamentos	15	21	140,0
Censos	13	4	30,7
Formação profissional	7	1	14,2

Quadro 13 Reservas de caça : o proposto e o existente

Fonte : Revez, Oliveira, 1992

A seguir enumeram-se, de forma resumida, algumas conclusões e justificações dadas pelos autores do levantamento efectuado nas reservas de caça (Revés e Oliveira, 1992) :

- . Número de guardas - as funções de guarda são, em muitos casos, desempenhadas por indivíduos sem qualquer qualificação para este tipo de trabalho, provenientes de outros concelhos, o que impede a utilização da população local. O despedimento e substituição por novos guardas é frequente, além de, em muitos casos os guardas serem os próprios promotores das reservas.
- . Dos 121 quartos propostos apenas 51 estão disponíveis, e concentrados em sómente 6 reservas de caça (RC), 25 numa (que já existiam no antigo couto) e 26 distribuídos por cinco Reservas. Nestes estão incluídas as residências dos donos das reservas; na realidade existem só alguns quartos, não mais de uma dezena para os caçadores.
- . Independentemente dos números referidos, o que é relevante é o baixíssimo número de postos criados por uma actividade que absorve uma larga área do concelho (nessas áreas dificilmente serão criados mais empregos).
- . Alimentação e alojamento - os caçadores chegam de manhã cedo, caçam e no fim do dia vão-se embora, não havendo, portanto qualquer mais valia que reverta para o concelho. As refeições são procuradas pelos caçadores, e muitas vezes são os restaurantes de fora do concelho a oferecer esse serviço. As receitas são canalizadas unicamente para os proprietários que, ao escoarem os investimentos para fora do concelho, inviabilizam a sustentabilidade.
- . Controle de predadores - é feito na maior parte das vezes sem critério, abatendo-se tudo o que possa danificar as espécies cinegéticas. O objectivo de maximizar os lucros leva a excessos,

por isso o número de repovoamentos é muito superior ao inicialmente previsto.

- . Em várias RC Turísticas os diferentes proprietários de terras, que se juntaram para constituírem determinada reserva, gerem cada um por si o seu próprio terreno, tornando-se difícil a implementação conjunta de equipamentos e serviços vários. Nas RC Associativas a expectativa de criação de postos de trabalho são nulas, além da maioria das reservas serem constituídas por caçadores não residentes no concelho.
- . Fecham-se caminhos públicos, contrariando os hábitos e tradições da população e criando um sentimento de revolta. O grande contraste entre a área ocupada pelas Reservas Turísticas e as Reservas Sociais é fonte de conflitos entre os caçadores locais e os proprietários.

As superfícies delimitadas pelas reservas estendem-se, por vezes aos perímetros dos aglomerados populacionais (figura 45) numa perturbação dos quadros de vida da população residente e da possibilidade de lazer e recreio, de passeios a pé, à descoberta da Natureza, dos seus sons e das suas cores (cercados de arame). As vedações impedem a deslocação em caminhos que sempre se utilizaram, para ir à pesca, apanhar canas de bunho, cogumelos ou túburas... Os aspectos culturais das populações não são tomados em consideração, o que motiva conflitos.

A caça deve transformar-se num recurso regional que traga benefícios às populações locais e não recrie ambientes humanos, ainda bem marcados na memória das populações, pelos antagonismos sociais. As populações reconhecem que as reservas não funcionam, o que estimula a sua revolta, “contra as reservas e os que vêm de fora do concelho e mais não fazem do que explorar a região” (39)

(39) Casimiro, 1993, pp. 157

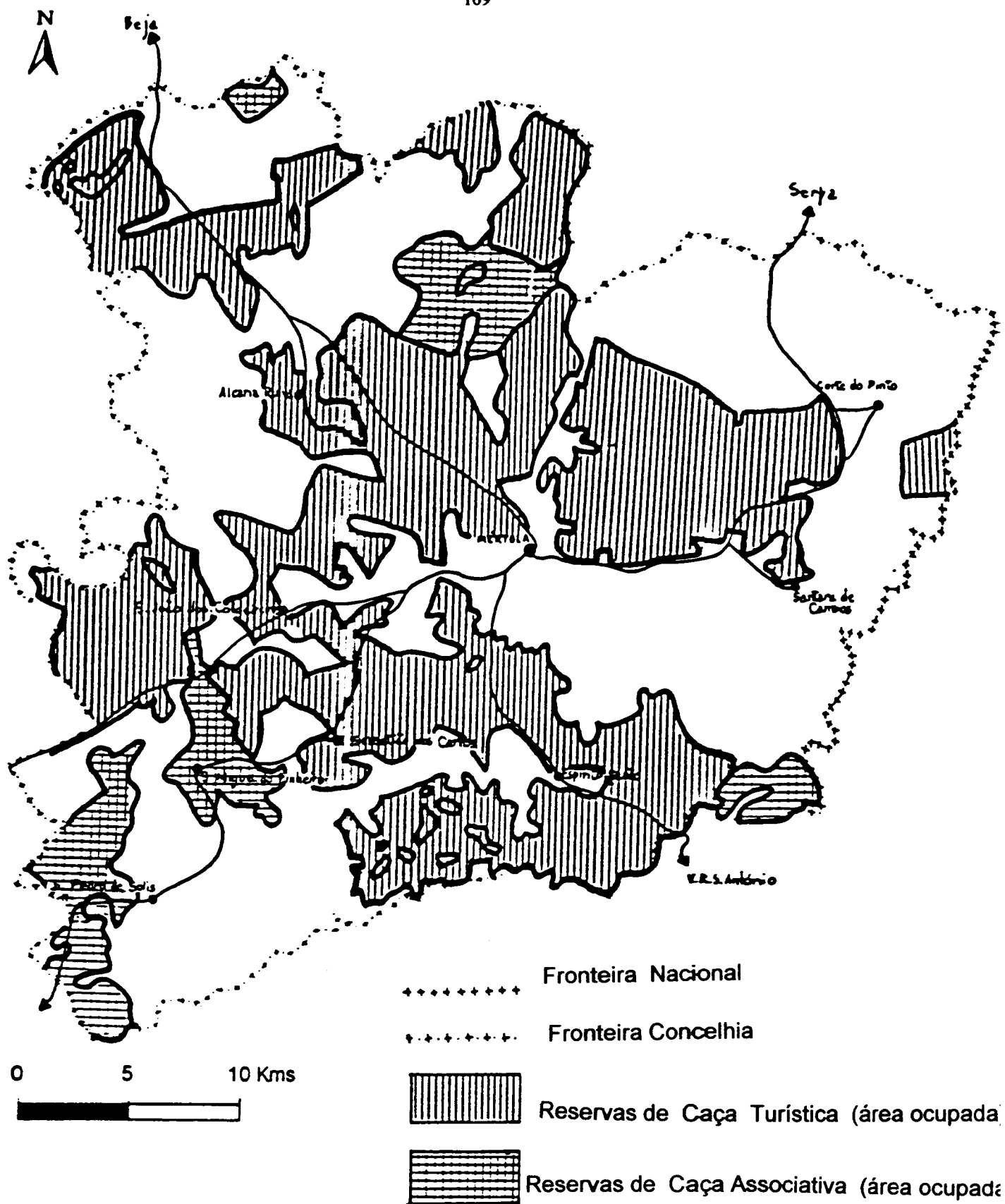


Fig 45 - A área ocupada pelas reservas de caça no concelho de Mértola, Abril, 1992

Fonte : Revez, Oliveira, 1992

As reservas de caça, pela elevada percentagem de espaço ocupado no concelho, deverão constituir, no quadro de um desenvolvimento sustentável, uma fonte de rendimento para a população, contribuindo como geradoras de emprego para as famílias mais carenciadas, fixando-as à região, evitando o maciço êxodo rural, a conseqüente desertificação humana e o avolumar dos múltiplos problemas sociais nos principais centros urbanos.

Nas reservas de caça são utilizados métodos que vão desencadear pela sua acção, a contaminação nos diferentes níveis tróficos, pois pratica-se um “controle de predadores não selectivo, que acaba por dizimar todas as espécies que caem nas armadilhas e a utilização de venenos, particularmente a estricnina, que são muito perigosos pelos efeitos cumulativos que têm nas cadeias alimentares, podendo a sua acção prolongar-se por muito tempo e em áreas muito afastadas do local onde foram largados os iscos” (Oliveira, 1996).

Os impactos ecológicos, pelo não cumprimento da legislação, estendem-se também aos cursos de água, pondo em causa os recursos piscícolas (figura 46), como sucede na pesca ilegal, com redes de malha estreita que levam à obstrução do rio, sendo pescado todo o tipo de peixe, em qualquer fase do seu ciclo evolutivo. Esta arte de pesca, destinada a capturar as enguias (erosinhas) com elevado valor comercial constitui um problema grave, pois representa um rendimento económico significativo para as famílias de pescadores desta área, que, cada vez mais, vêem os recursos piscícolas limitados e a sua actividade comprometida, o que faz com que, apesar de fiscalizações pontuais em que estas redes são destruídas, a actividade recomeça (Oliveira, 1996)

A poluição também constitui uma grave ameaça sobre as espécies da fauna ribeirinha (peixes, os anfíbios e todas as outras que utilizam este como alimento, caso da lontra e de aves). O impacto da poluição faz-se mais sentir quando os caudais diminuem ou nos períodos de seca prolongada.



Fig. 46 - Os pescadores sentem-se desiludidos face à escassez dos recursos piscícolas. A poluição e a pesca ilegal são sérias ameaças à actividade piscatória.

O contexto de retroacção positiva em que se encontra o sistema biofísico, obriga a repensar as actividades económicas que tenham como suporte os recursos naturais, de forma a garantir simultaneamente a sua não degradação e a sua valorização. Numa óptica de maximização integrada do sistema, podem adoptar-se um conjunto de actividades de pequena dimensão e com recurso a tecnologias intermédias.

Os matos, geralmente considerados marginais à actividade económica, podem potenciar um conjunto de actividades económicas interessantes, designadamente se forem exploradas segundo o modelo de uso múltiplo. O concelho de Mértola apresenta uma elevada área de matos (enorme potencial inexplorado ao nível da gestão dos recursos arbustivos), nomeadamente no domínio da apicultura, farmacologia e aromáticas. A produção de mel constituiu durante vários séculos uma das actividades mais importantes do concelho. Do ponto de vista farmacológico, os óleos essenciais são particularmente importantes pelas suas propriedades antimicrobianas. São usados desde a antiguidade, não só pelas suas propriedades medicinais mas também pela sua importância no fabrico de perfumes e em culinária. Estas propriedades justificam o interesse nos estudos das plantas produtoras deste tipo de óleos.

A Colmel já representa um contributo para o crescimento e profissionalização da apicultura, contudo esta deve ser estimulada através de apoios aos produtores, principalmente nos anos em que as condições atmosféricas não favorecem esta actividade, como sucede nos longos períodos de seca que afectam a região. A apicultura contribui para a pluriactividade, como alternativa à cerealicultura, contudo a sua expressão, no concelho, ainda é diminuta em relação ao potencial de coberto vegetal em plantas melíferas, como por exemplo, o rosmaninho. Dos cem associados na Colmel, a maior parte não pertencem ao concelho. É necessário divulgar esta actividade para se dilatar o número de aderentes.

A apicultura pode proporcionar, além do mel, outros produtos, que poderiam ser explorados, à posteriori, quando a actividade estiver melhor enraizada no concelho :

- . própolis (resina recolhida pelas abelhas em várias árvores e plantas) que apresenta “qualidades medicinais, sobretudo como desinfectante de feridas ou queimaduras” (40).

- . pólen que tem também o seu mercado e pode ser tirado às abelhas.

(40) Riches; 1985 , pp. 104

- . a geleia real (requer técnicas mais especializadas).
- . a cera de abelha é também um produto valioso. Desde os tempos recuados que a cera é utilizada na confecção de velas e, modernamente, utiliza-se na composição de produtos de limpeza, cosméticos, para impermeabilização, para isolamento na indústria eléctrica e em odontologia.
- . o hidromel é uma bebida alcoólica que se obtém através da fermentação de uma mistura de mel e de água, a que se adiciona levedura. Pode fazer-se hidromel doce ou seco. Podem também adicionar-se sumos de fruta ou especiarias, obtendo-se assim diferentes bebidas.

A caça pode ser um recurso interessante para as comunidades locais. Para o efeito é fundamental o cumprimento de todas as cláusulas dos projectos de caça aprovados, designadamente no que diz respeito à contratação de pessoal e à gestão rigorosa e científica dos recursos cinegéticos, bem como o maior envolvimento das autarquias na gestão dessas áreas.

Tendo em conta a existência de extensas áreas de pastagens e matos, as actividades de pastorícia encontram fortes possibilidades de desenvolvimento. Esta área encontra-se abrangida pela área demarcada do queijo de Serpa, podendo encontrar aí um bom produto para comercialização nacional, ou mesmo para exportação. É no entanto importante referir que, numa óptica de sustentabilidade, é fundamental monitorizar regularmente os ecossistemas de suporte à pastorícia, por forma a possibilitar o correcto dimensionamento dos rebanhos e intensidade do pastoreio. Como é sabido tanto o sobre-pastoreio como o sub-pastoreio podem ser negativos para a regeneração dos ecossistemas (Odum, 1971).

Este conjunto de eixos possíveis para o desenvolvimento de actividades económicas, é tanto mais interessante quanto for concebido de forma integrada e sinérgica, ou seja, se ao nível da protecção dos ecossistemas, ou da produção de produtos primários, for integrada a componente de transformação dos produtos. Neste contexto, de economia local integrada, assume particular relevo

o incremento à criação de sistemas cooperativos, que se enquadram bem nas características culturais da população, ou de pequenas e médias empresas, que organizem o sistema produtivo e criem mecanismos eficazes de distribuição da produção. É assim possível sustentar-se um desenvolvimento horizontal de um terciário de apoio à planificação, gestão da produção, etc.

Foram salientados alguns recursos e actividades humanas que poderão conduzir a um desenvolvimento que vá ao encontro das necessidades das populações, sem pôr em causa as gerações futuras, premissas basilares do desenvolvimento sustentável.

O NAMUR (Núcleo de Apoio ao Desenvolvimento do Mundo Rural) pelo trabalho desenvolvido mostrou-se imprescindível para o Desenvolvimento sustentável do concelho de Mértola, contudo com o terminus do financiamento do programa LEADER I, como continuar a manter este Nucleo ? Fica-se à espera de possíveis projectos no novo Quadro Comunitário de Apoio ? É sintomático que o Desenvolvimento tem, nesta fase, uma forte dependência dos programas Comunitários, o que entrava a dinâmica natural do processo de desenvolvimento que tem sido criada.

Segundo Riviére o Ecomuseu pretende ser “um espelho onde a população se contempla, para nela se reconhecer, onde ela procura a explicação do território a que está ligada, juntamente com a das populações que a precederam, da descontinuidade ou continuidade de gerações. Um espelho para que a população mostre aos seus hóspedes para que eles a compreendam melhor, no respeito pelo seu trabalho, pelo seu comportamento, pela sua intimidade” (41)

Os diferentes núcleos museológicos e os múltiplos locais de interesse paisagístico, poderiam ser complementados com o “Museu do Tempo”, que

(41) Pessoa, 1985, pp. 40

registaria a história da região: dos tempos geológicos, à implantação das comunidades animais e vegetais que aí se fixaram, aos grupos humanos que se foram instalando na região até aos nossos dias.

O Ecomuseu teria uma função pedagógica para as populações locais e para os visitantes. Estes não se limitariam a ver no “Museu do Tempo” toda a história da região, mas contactariam com a realidade, observando, in loco, o ferreiro, o albardeiro... existentes nos vários núcleos museológicos. Seria uma complementaridade muito rica científica e pedagogicamente.

O concelho de Mértola pela sua riqueza paisagística e cultural é um pólo de atracção :

Os clubes de Ecologia de algumas escolas já têm desenvolvido projectos no âmbito do “turismo selvagem” na Serra de Mértola. As visitas de estudo ao património histórico-cultural sucedem-se. Estes fluxos demonstram bem a força atractiva que este espaço natural e cultural exerce nas comunidades educativas. Procura-se a beleza da paisagem e aspectos culturais. Naturalmente que interessa apoiar e criar condições para estimular este tipo de iniciativas no campo da Educação Ambiental, proporcionando alojamento e espaços de docência. As escolas encerradas ou subaproveitadas, disseminadas pelo concelho, constituem espaços que poderiam receber grupos de alunos do meio urbano, ao longo do ano, para se estabelecer um contacto directo com o campo nas suas vertentes, ambiental, cultural e social. Não podemos esquecer que a calma, o silêncio e a grande riqueza patrimonial deste concelho são de extrema importância para o enriquecimento cultural dos jovens que, por vezes nos parecem desenraizados da realidade, como nos refere S. Royal :

“Des milliers de jeunes de banlieues grandissent sans contact avec la nature, avec la vie, avec les rythmes des saisons. Que des enfants n'aient jamais l'occasion d'aller en forêt, ramasser des champignons ou cueillir des pommes, des fleurs des champs, connaître les couleurs et les odeurs de la nature”.

A equipa e o âmbito do trabalho da ADPM, apesar de multidisciplinar, não pode dar resposta a todas as necessidades de investigação que o concelho

exige, daí o estabelecer de protocolos de colaboração com outras entidades. A criação de um **Centro de Investigação Científica** poderia ser um passo fundamental para a construção do “desenvolvimento sustentável”, que implica uma potenciação dos recursos naturais, tendo como finalidade uma melhoria do bem-estar humano. Ao conjunto de técnicos já existentes seria necessário acrescentar outros de variados domínios científicos. Assim, dar-se-ia continuidade ao trabalho multidisciplinar em curso, com outros contributos. A criação de um pólo desta natureza faria desta região uma “encruzilhada do saber”, onde a ciência e o saber tradicional se podiam entrelaçar de forma simbiótica. Naturalmente que muitas das produções realizadas poderiam ser contributos para dar continuidade à revitalização do interior sul do país, em situação pré-desértica.

Esta área possui qualidades ambientais para o desenvolvimento do turismo cultural e científico. Aqui encontra-se a serenidade, a calma, que devem continuar a ser preservadas, pois constituem recursos fundamentais para o desenvolvimento de actividades intelectuais que requerem elevado grau de concentração. Um Centro desta natureza poderia ser um aglutinador de mão de obra, gerador de riqueza para as populações, directa e indirectamente. A descentralização do “saber científico” é fundamental para se operarem modificações no uso do solo, na extracção de recursos de riquezas naturais até aqui desconhecidas e inexploradas e para uma valorização do homem, ajudando as comunidades a encontrar o caminho do desenvolvimento, fazendo regredir todos os indicadores de atraso sócio-económico.

A povoação de S. Domingos apresenta condições para a implantação dum Centro de Investigação Científica. Naturalmente que esta iniciativa seria incompatível com o desenvolvimento de amplos projectos turísticos, pois seria preciso preservar o principal recurso: a calma, o silêncio, que facilitam a concentração e as actividades intelectuais. Esta solução poderá estar mais adequada aos interesses dos habitantes da aldeia mineira que, segundo um inquérito levado a efeito, quando da execução do Plano de Urbanização, 66.7 % dos inquiridos consideravam o barulho e a confusão como a maior desvantagem

da implementação da actividade turística,. O aumento do custo de vida era apontado como desvantagem por 33,3% dos residentes. Este facto remete-nos para um planeamento da actividade turística de forma a preservar esse recurso que é a “calma, o silêncio”. Além disso que benefícios poderiam trazer os campos de golfe. Na perspectiva do desenvolvimento rural, o campo de golfe é ainda uma ilha para forasteiros. Os efeitos indutores permanecem modestos em empregos, pois é um desporto inserido nas classes alta e alta-média. Os impactos globais a nível social, económico e cultural no meio rural também são muito modestos . O litoral português apresenta uma maior amenidade invernal e, logicamente, está em melhores condições de atrair os golfistas do Norte da Europa. A manutenção de um campo de golfe implica elevadas despesas, condição que deve pesar num estudo de viabilidade económica deste tipo de empreendimentos.

S. Domingos tem uma memória que está a sofrer a erosão do tempo. Os mais velhos são o único veículo de transmissão das múltiplas histórias que envolveram a mina. Um património à espera dos investigadores ! Talvez o seu conhecimento incentivasse, por exemplo, a produção de peças teatrais. Seria uma forma de dar a conhecer aspectos culturais que marcaram várias gerações. As estruturas metálicas foram removidas mas este rico património é pertença da população.

O desemprego, o analfabetismo e o saneamento básico são algumas das componentes visíveis das carências humanas . A elevada taxa de mortalidade infantil em 1991, encerra em si todo o leque de problemas humanos que afectam o concelho de Mértola.

O desenvolvimento sustentável pressupõe uma alteração destas condições humanas, pois as gerações futuras poderão ser severamente penalizadas caso se continuem a manter estes indicadores. Uma geração com condições de vida degradantes, certamente que também compromete as aspirações das gerações futuras.

A grande desigualdade na dimensão da propriedade foi um facto que marcou as gerações passadas. Esta herança fundiária continua a afectar as famílias que têm na terra, pobre e exígua, o único recurso para a subsistência. As estratégias de redução da pobreza passam muitas vezes por “uma distribuição de terras e de recursos agrícolas mais justa ... e melhor acesso aos meios de produção (informação e crédito)” (42) É necessário estudar as empresas agrícolas, a sua dimensão física e económica, de forma a encontrar soluções para os múltiplos problemas que as afectam. Um pequeno agricultor do concelho confessava a sua preocupação pelo futuro dos filhos, que cedo começaram a trabalhar na exploração agrícola, abandonando a Escola. Agora, dizia ele, “têm de partir, as terras são poucas e pobres”. Na sua mente ficavam interrogações: Para onde ? Que perspectivas ?

A estrutura fundiária apresenta-se desequilibrada face às reais necessidades das populações. Nalgumas pequenas propriedades usa-se intensamente os recursos pedológicos, enquanto outras de grandes dimensões não proporcionam os benefícios desejados pelas populações. Será necessário outra estrutura fundiária, outra agricultura. Para quando ? Entretanto o êxodo continua...

As ondas inovatórias, escoadas pelos centros urbanos, têm produzido gradualmente, mesmo nas áreas mais recônditas, outros modelos de vida, outras mentalidades. A revitalização de estruturas que já possuíram lugar de relevo em contextos sócio-económicos passados, têm alguma dificuldade em se implantarem no tecido económico actual. A revitalização do moinho de S. Miguel do Pinheiro tem contribuído para algum dinamismo dos restaurantes locais, através dos turistas que ali convergem. Contudo, a criação de empregos através da sua actividade e da produção de pão, é tarefa mais difícil. Nas palavras do antigo moleiro transparece a dificuldade em concretizar essa ideia, ao referir que, “não há quem queira nem quem saiba...” . Temos de admitir o dinamismo, as metamorfoses dos aspectos culturais, pois a difusão espacial vai alterando os costumes, especialmente, os menos enraizados nos indivíduos. Apesar das

(42) Relatório do Desenvolvimento Humano, 1994

transformações há uma matriz que se mantém e que perdura, mesmo naqueles que há muito partiram para outras terras : a enorme solidariedade, o prazer do convívio. Parece haver uma carga “genética”, pois este traço mantém-se, mesmo naqueles que tiveram de se moldar a outros ambientes humanos. Esta enorme capacidade de coesão humana pode ser canalizada para o desenvolvimento de estruturas cooperativistas, onde sejam anuladas as distâncias sociais que, durante longo tempo criaram fossos entre as pessoas, em diferentes cenários, na “mina” e nas terras. Interessa estudar possíveis iniciativas para se utilizar este recurso humano (a solidariedade). Esta mentalidade nada tem a ver com o modelo de desenvolvimento baseado no “culto” da competitividade, na “guerra económica”, praticados à imagem dos países mais desenvolvidos da Europa Ocidental. É necessário criar um desenvolvimento que atenda a este padrão cultural.

As estruturas tradicionais, sociais , morais, familiares, que constituíam um suporte protector, tendem, gradualmente, a desagregar-se e os indivíduos começam a sentir uma crescente sensação de insegurança. A complexa teia de informações recebidas dos canais difusores criam “necessidades” que não se podem satisfazer, assim como o desejo imperioso do prazer imediato. Aumenta a tendência para o desperdício, para não dar o devido valor às coisas, a indiferença e a apatia que se manifestam no egocentrismo e na destruição do espírito comunitário. Essas “necessidades”, abrem caminho a todo um espaço evasivo, onde a toxicodependência tem o seu lugar. Este flagelo está a propagar-se no meio rural e é sentido com grande preocupação pelas famílias . Uma mulher expressava a sua angustia ao referir que “antigamente havia mais dificuldades mas éramos mais felizes” e salientava ainda que, “ hoje há muita coisa, mas nem sempre se escolhe o melhor”. Estas palavras simples e de grande lucidez, encerram, em si, o conceito de desenvolvimento que, segundo os especialistas, não pode ser medido apenas à luz de critérios quantitativos.

O emprego, a formação, a informação, poderão libertar o homem das influências que podem advir do exterior. “Necessidades” criadas a partir da

“civilização urbana” que vão erodindo o fio condutor entre as gerações. Estes poderão constituir os mecanismos de defesa perante as agressões externas, protegendo assim as gerações futuras de suportarem também as nefastas consequências. A preservação do património cultural popular é “compreender os mecanismos que ao longo dos séculos permitiram a resistência heróica de pequenas comunidades dos ataques mais frontais dos conquistadores... e que ainda hoje, moribundos, são dos pouco baluartes que se opõem à aculturação degradante das máquinas da propaganda...” (Torres, 1984). É urgente desenvolverem-se mecanismos para evitar a completa destruição de aspectos culturais que, hoje, constituem autênticos “oásis” num mundo, cada vez mais, de feição urbana. Essa perda de valores fragilizou o tecido social, tornando-o vulnerável a múltiplas enfermidades.

O Programa NOW pretende diminuir o impacto da exclusão social, proporcionando mais empregos à população feminina. É uma aposta que deve ser continuada pois as suas repercussões seriam múltiplas, por exemplo, no bem-estar dos filhos. São principalmente as mulheres que determinam a qualidade dos filhos. A saúde e o estado nutricional da mulher durante a gravidez e a amamentação afectam a saúde e o crescimento do feto e do bebé. A educação e a informação das mulheres e o seu grau de controlo sobre os recursos da família determinam a nutrição e o desenvolvimento físico e mental das crianças. E através destes afecta o seu sucesso escolar e a sua saúde e produtividade mais tarde. O acesso das mulheres ao mercado de trabalho traz múltiplos benefícios : contribui para uma fecundidade mais baixa ao adiar a idade do casamento; dá rendimentos independentes que melhoram o seu poder e a sua condição no meio da família; ajuda directamente os filhos, pois uma percentagem bem maior dos seus rendimentos (ao contrário dos homens), destina-se ao bem-estar dos filhos. Portanto, é bem evidente a relação entre a condição das mulheres e o grau de desenvolvimento. O Programa NOW pretende diminuir o impacto da exclusão social, proporcionando mais empregos à população feminina.

A Escola deve criar currículos e pedagogias adequadas a uma realidade humana muito própria de forma a não criar exclusões, desenvolvendo as potencialidades de **todos**, canalizando-os para os domínios que revelem maiores capacidades. As aldeias têm “ uma memória e uma pedagogia com a qual a escola se confronta” (Iturra, 1990).

Como criar uma Educação que não exclua, mas que integre, valorizando as potencialidades próprias de cada pessoa ? Qual a solução para os alunos que não se integram nos moldes curriculares actuais ? Como um camponês manifestava, “... o que é que querem de nós. Especialmente, o que é que querem dos nossos filhos, como é que podemos educá-los para que possam sair desta vida dura e miserável...” (43).

À luz de um desenvolvimento sustentável a Escola deve proporcionar alternativas : novos currículos, programas e actividades .

O concelho de Mértola apresenta um quadro natural, histórico e cultural que pode ser utilizado como alicerce para desenvolver os programas escolares e as motivações dos alunos. Um ensino direccionado para envolver as comunidades, as famílias, proporcionando uma interacção de “saberes”, um crescimento de “dentro para fora”, isto é, uma descoberta da ciência a partir do substracto cultural. O aluno partia à descoberta da “sua” Natureza, História e Cultura, criando-se um amplo laboratório Educativo. Um projecto desta natureza exige professores conhecedores da realidade em estudo e motivados para equacionarem um ensino desta natureza.

O currículo especial não limitaria as escolhas dos alunos no futuro, pois seria concebido de forma a possibilitar a articulação com o ensino convencional. Os alunos ao ganharem estes saberes construíam alicerces para uma fácil integração em disciplinas que, anteriormente, sentiam dificuldades de assimilação.

Naturalmente que esta ligação à realidade do concelho é útil para todos os alunos, independentemente da capacidade de assimilação, pois aqui, além dos

(43) Iturra, 1990, pp. 13

conteúdos está em causa a consolidação de valores que se têm perdido ao longo do tempo e constituem sérias ameaças para o bem-estar dos indivíduos.

O futuro exige que os jovens conheçam as suas raízes culturais, para melhor poderem optar e dimensionar o futuro. É esta aliança entre o passado e o futuro que a Escola deve construir para proporcionar aos alunos “capacidade” de escolha, num espaço cada vez mais globalizante e envolvido por uma sociedade de consumo, com múltiplos problemas sociais.

A tarefa da Educação, enquadrada no âmbito do desenvolvimento sustentável, assume um papel relevante, pois está a construir as “mentes” que serão o motor do futuro.

A partir da década de 60, com o grande fluxo migratório, a família tradicional sofreu uma desagregação, a população envelheceu e, neste momento, os problemas da terceira idade constituem motivo para uma séria reflexão em torno das condições em que vivem. Em muitos casos a solidão, a doença e os poucos recursos são uma constante.

A mudança pressupõe planos de acção, vontade e recursos financeiros. As primeiras condições estão bem patentes no vasto conjunto de iniciativas que as diversas entidades locais têm desenvolvido, quanto à última está principalmente cingida aos programas Comunitários, cuja acção é, contudo, diminuta para fazer face à grande amplitude dos problemas que grassam no concelho.

A paisagem começa já a mostrar as marcas do regresso da população que teve de abandonar o concelho à procura de melhores condições de vida noutras paragens. A ligação a outros espaços e a outros valores proporcionou mudanças que teimam em sobrepôr-se às suas raízes culturais (cada casa nova que se acrescentava estava em harmonia com a terra e com a comunidade - havia uma sabedoria de ligar, para um equilíbrio de conjunto).

As habitações surgem como “ilhas” no interior de um espaço envolvido por longos muros que, isolam, distanciam e cortam fatias à paisagem, por vezes em terrenos comunitários (figura 47). Contrastam com o rosto humano dos espaços arquitectónicos tradicionais. As populações locais, além de verem suprimida uma fracção dos baldios, vitais para a mobilidade das pessoas e do gado, sentem a agressão de outros espaços culturais.



Figura 47 A paisagem ganha outra expressão na sua forma de organização espacial. É sinal do regresso duma população que materializa os valores culturais assimilados em terras distantes.

Uma das componentes do desenvolvimento sustentável é a participação, o envolvimento das populações na resolução dos problemas. Esta atitude está a nascer nas populações, contudo este envolvimento carece de mais apoios económicos para que as iniciativas criem raízes e se desenvolvam.

Para além dos programas Comunitários surgem outras iniciativas, estas levadas a cabo pela população que quer solucionar problemas sociais, não obstante os entraves à sua concretização. Os laços de solidariedade entre as pessoas facilitam a ocorrência e o desenvolvimento de iniciativas, como pode ser exemplificado pela criação de um Centro Social nos Montes Altos, uma pequena aldeia, localizada muito próximo da ribeira de Chança, junto à fronteira com a Espanha, constituída essencialmente por população idosa, com 25 residentes em 1994, contudo aqui afluem mais reformados ao longo do ano. Este Centro apresenta como finalidades : proporcionar o convívio, aumentar o grau de solidariedade na população, assegurar o transporte e melhorar as condições de higiene.

O Centro Social, instalado na antiga Escola Primária (figuras 48 e 49), possui uma sala de convívio, onde a população se pode reunir e quebrar o isolamento. Uma máquina de lavar roupa proporciona serviços a quem necessite e o balneário melhora a higiene da população. Confecciona-se comida, por enquanto, apenas aos mais carenciados. Segundo o Presidente da Direcção “não foi difícil transportar a ideia de solidariedade do Centro Social para o centro da povoação”, o que é fundamental para tornar mais eficaz a assistência aos mais idosos.

A C. M. Mértola cedeu o transporte e assim quebrou-se, em parte, o isolamento em relação às povoações mais próximas, transportando os associados. É de salientar a sua importância em casos de emergência médica.

Os dirigentes do Centro já sonham com outras iniciativas . As instalações estão a ser ampliadas, mas as obras avançam lentamente. As quotas dos sócios revelam-se insuficientes para os serviços de apoio à população carenciada e

para a concretização de outros anseios, que visam melhorar a qualidade de vida da população, nomeadamente a assistência aos mais idosos.

À luz do desenvolvimento sustentável, a geração actual deve apoiar aqueles que se encontram na fase terminal da vida (figura 50), não apenas por razões humanitárias mas também porque nos legam valores culturais sábiamente preservados ao longo do tempo, de extrema importância para melhor dimensionarmos o futuro. É uma dívida para com as gerações passadas !

Na população mais idosa, a doença e a solidão levam, não raras vezes, ao suicídio. Os conceitos religiosos parecem funcionar como travão, impedindo mais actos desta natureza, pois como referia uma mulher idosa : “já me passou pela cabeça pôr fim à vida... mas só se morre quando Deus quiser “. Este grupo etário também pede segurança para as suas vidas e bens, pois sucedem-se os exemplos de violação do seu espaço privado e são, inclusivamente, maltratados por aqueles que procuram desesperadamente dinheiro, talvez para satisfazerem vícios que não conseguem controlar. É o choque de grupos que estão nas margens do tecido social. A organização de estratégias para a sua verdadeira inserção na sociedade é de vital importância para que se possa recuperar a segurança.

Nalgumas famílias as memórias ligadas ao contrabando ainda se mantêm bem vincadas. Muitos jovens construíram as suas estruturas mentais nesse ambiente. Será que ficaram mais predispostos a aceitarem os caminhos da marginalidade? As lutas passaram para outras “fronteiras” ? Segundo Fisher. “sabe-se que as zonas fronteiriças são lugares onde se exprimem comportamentos de transgressão” (44).

O êxodo dos anos 60 canalizou para o litoral ou para o estrangeiro muita população. Agora estamos a assistir ao regresso de muitos que partiram para outras terras. Os reformados constituem a grande fracção da população, alguns ainda revelam boa saúde e mostram interesse em estar ocupados. Diziam-nos que “é preciso arranjar sempre qualquer coisa para fazer, senão o tempo custa a passar”. O seu equilíbrio bio-psico-social passa por uma actividade que seja uma

(44) Fisher, 1994, pp. 177

opção e não uma obrigação. Como valorizar os conhecimentos, os interesses, adquiridos ao longo da vida ? Querirão trabalhar, num regime à sua escolha, para a comunidade, enriquecendo-a com a sua experiência ? No trabalho de campo efectuado, contactámos com uma pequena experiência desse género, no seio de uma família. Dois jovens que há muito abandonaram a Escola, recebiam com interesse os ensinamentos práticos, de um familiar reformado, e iam desenvolvendo a sua técnica no ramo da construção civil. Estavam a ganhar uma formação através da família. Os cursos de formação profissional deviam chegar aos jovens que têm de compatibilizar duas situações : ajudar os pais nos trabalhos agrícolas e aprender outras técnicas. Têm necessidade da pluriactividade para conseguirem sobreviver.

Esta experiência mostra bem que o conhecimento e o interesse dos mais velhos pode desencadear uma aprendizagem. Faz-se a ponte entre gerações, cria-se um dinamismo de mútuo interesse.



Figura 48 O Centro Social dos Montes Altos : Uma iniciativa fruto da solidariedade.

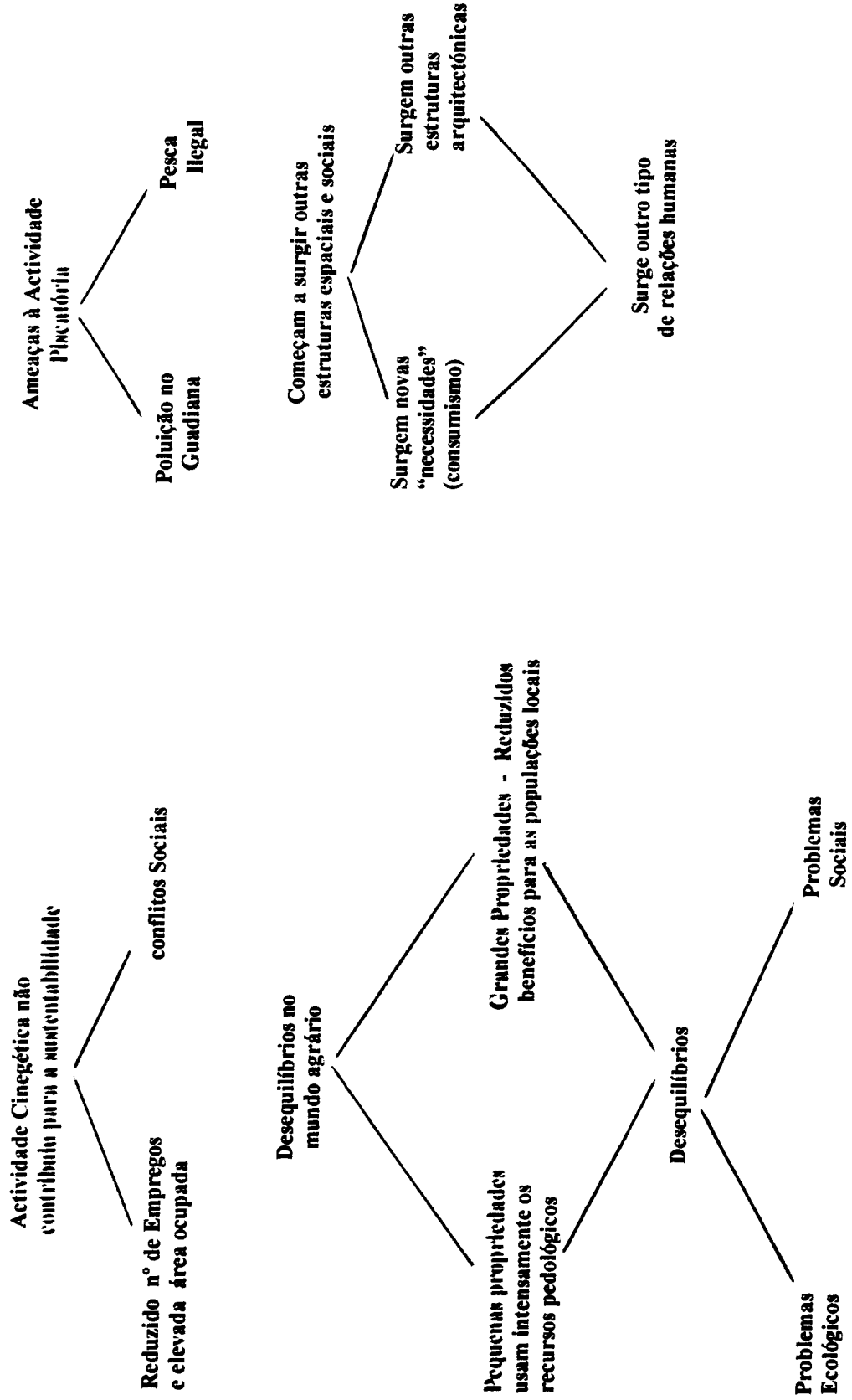


Figura 49 O Centro Social de Montes Altos : A ampliação das estruturas carece de apoios financeiros

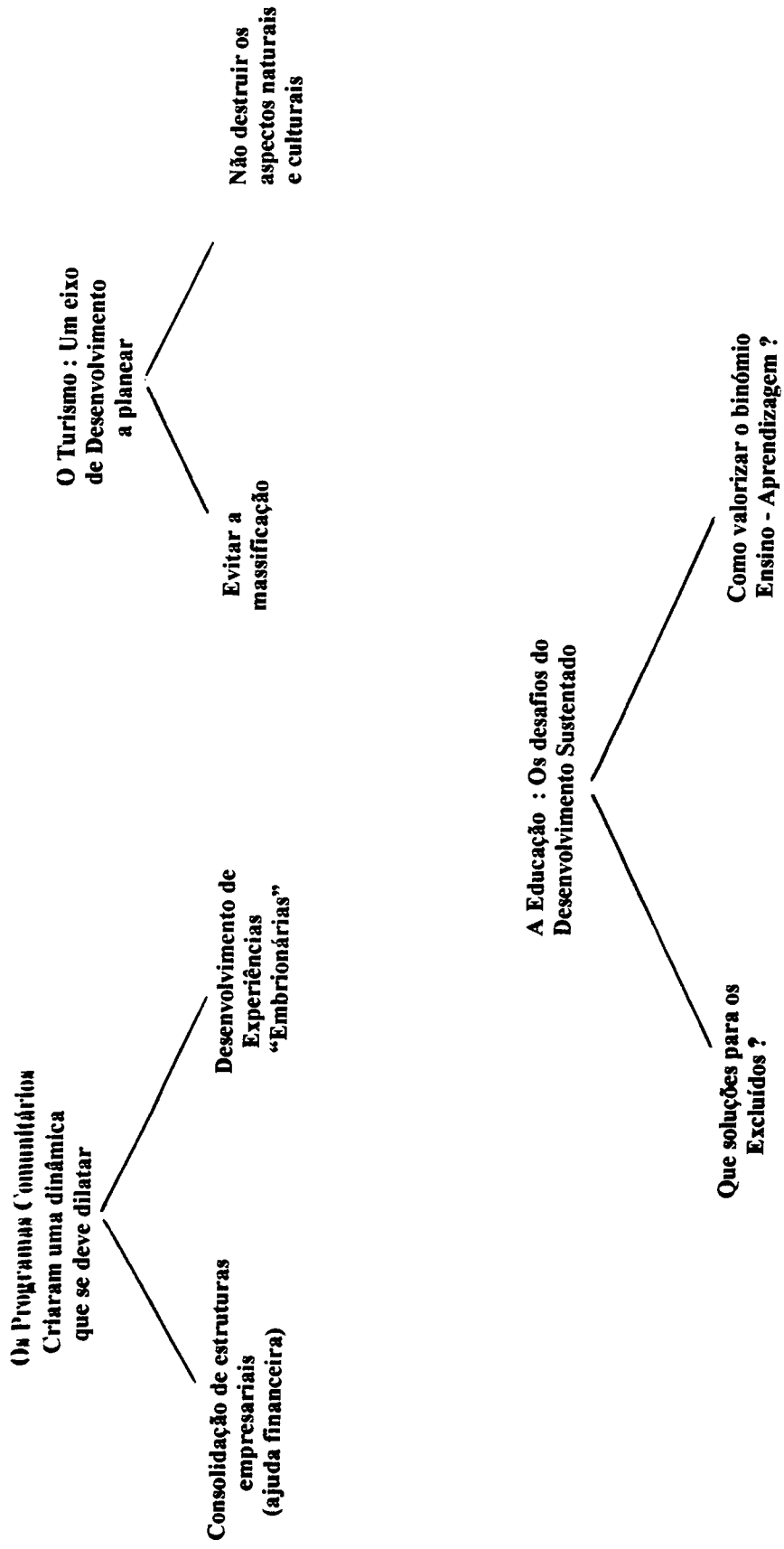


Figura 50 A população idosa : Rostos e mãos com marcas da luta pela sobrevivência - Desafiam a doença e a solidão...

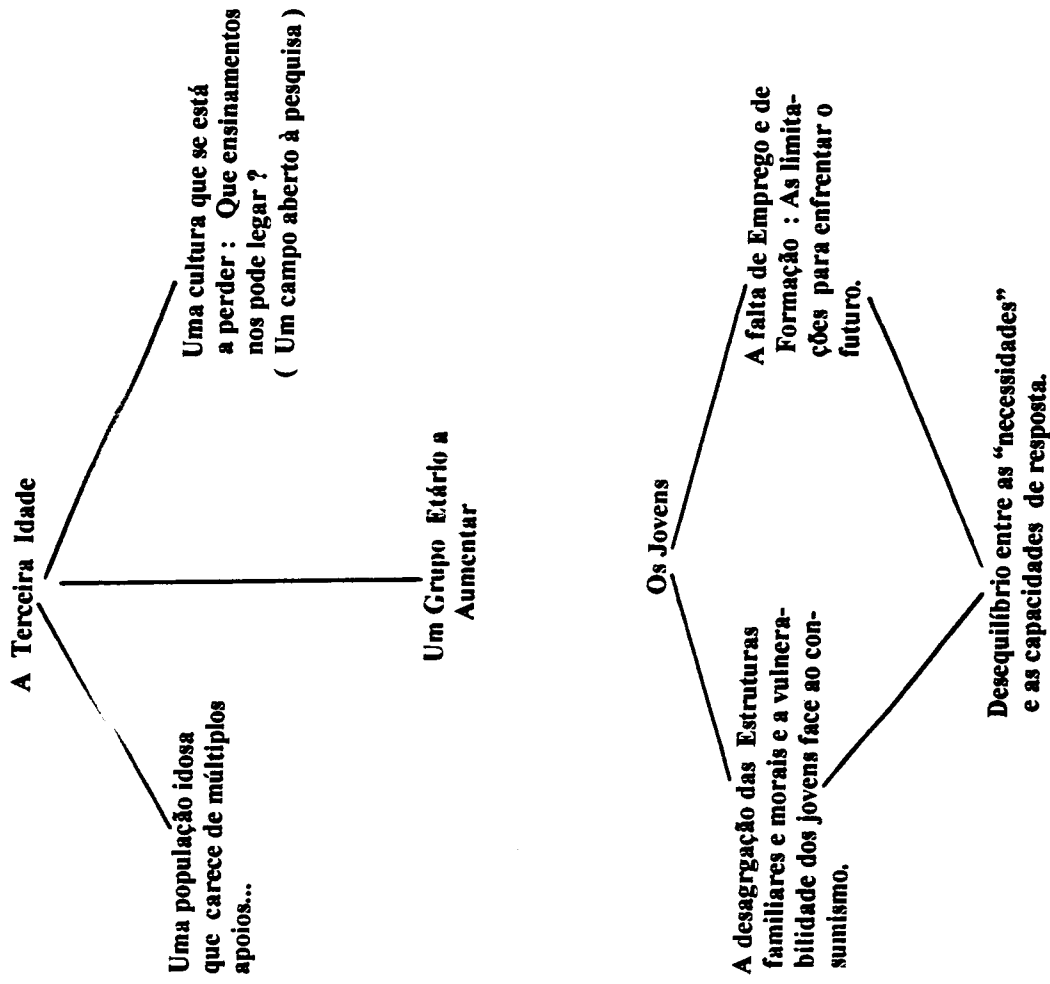
Problematização do Desenvolvimento Sustentado do Concelho de Mértola



Problematização do Desenvolvimento Sustentado do Concelho de Mértola



Problematização do Desenvolvimento Sustentado do Concelho de Mértola



CONCLUSÕES FINAIS

O desenvolvimento sustentado no concelho de Mértola está alicerçado na valorização dos recursos, utilizando, de forma interactiva o passado e a imagem do futuro .

Um trabalho desta natureza, com uma temática tão rica em conteúdos multidisciplinares está para além de um esforço individual, pois teria de ser desenvolvido por uma equipa , onde estivessem presentes diferentes formações, com um espectro científico amplo, das Ciências da Natureza às Ciências Humanas por estarem imbricadas de forma complexa.

Temos plena consciência que a análise sistémica deixou à margem múltiplos factores. Fica apenas a intenção de uma metodologia que pretendeu dar uma imagem dum forma de abordar a complexa realidade, que se apresenta multifacetada, como um poliedro. Muitos factores nos condicionaram na elaboração deste trabalho, entre os quais são de destacar : o domínio de conhecimentos muito limitados em relação a certas áreas científicas, os dados disponíveis serem relativamente escassos, pois alguns conteúdos exigem um aturado trabalho de campo, incompatível com o tempo disponível.

O êxodo rural, o abandono da terceira idade, a elevada mortalidade infantil e a destruição das estruturas familiares e morais são a materialização, no seio das populações, dos múltiplos problemas que corroem o tecido social. A **fuga**, o **abandono**, a **mortalidade** e a **destuição** foram as constantes numa equação de “desenvolvimento” que tem privilegiado os sucessos e as realizações individuais à custa das dimensões social e ambiental.

O desenvolvimento sustentável apresenta-se como o antídoto para elevar o bem estar humano e criar mecanismos de defesa perante a desertificação física

e a séria ameaça de “extinção” do homem, bem patente nas previsões demográficas e na imagem de abandono dos povoados.

Os seres humanos podem desejar riqueza, mas desejam igualmente vidas saudáveis, aprofundar os seus conhecimentos, participar livremente na vida da comunidade, viver num ambiente sem a degradação dos recursos biológicos, com condições para que as gerações futuras possam efectuar as suas opções sem estarem condicionadas pelas heranças físicas e humanas. Todas estas variáveis se enquadram no âmbito do desenvolvimento sustentável. A sua concretização numa área com sérios problemas ecológicos e humanos como o concelho de Mértola é um desafio de grande envergadura.

A escassez dos recursos financeiros, num concelho com grande dispersão de pequenos povoados, justifica a dificuldade da extensão da rede de saneamento básico e da melhoria das acessibilidades. No entanto trata-se de estruturas fundamentais para o bem estar humano, com repercussões na saúde das populações e na quebra do isolamento. Interessa criar mecanismos para que as comunidades, mais abertas ao exterior, não sejam absorvidas pela sociedade de consumo. Aqui joga um papel decisivo a transmissão cultural no seio do grupo família. Como nos dizia um jovem: “sei dar o valor às coisas porque sei o que elas custam a ganhar”. Absorvem os valores através de um contacto com a realidade e a assimilação é mais forte. Esta pedagogia prática permitiu a muitos daqueles que, na década de 60, partiram à procura de emprego para outras terras não se deixarem aniquilar por outras formas de estar na vida. Hoje, regressam com a mesma dignidade que levaram à partida, não obstante a sua inserção noutros contextos sociais. As células familiares têm um papel importante a desempenhar na construção de uma identidade cultural.

Uma Educação para todos é fundamental no âmbito da sustentabilidade. Devem-se construir currículos e aplicar pedagogias a uma realidade humana muito própria de forma a não criar exclusões, evitando que se fuja da Escola

“com a ideia de ser incapaz” (Iturra, 1990), pois muitos pais e jovens atribuem o insucesso à falta de capacidades para entender as matérias escolares, como se estivessem pré-determinados ao fracasso. Um bloqueio que, certamente, os desmotiva e lhes dificulta as futuras aprendizagens. A mudança passa por uma formação de professores que “não seja meramente didáctica, mas cultural e Antropológica” (Vieira, 1992). Condição basilar para a construção de um método que integre na Escola as experiências vividas no quotidiano. A tarefa da Educação, enquadrada no âmbito do desenvolvimento sustentável, representa um enorme desafio, mas também proporciona uma imensa satisfação, pois trata-se de solucionar graves problemas humanos. Deve ser feito um sério investimento na Educação das populações, para que não se criem dívidas sociais para com as gerações futuras.

Alguns reformados ainda estariam em condições de pôr em prática a sua experiência, certamente muito diversificada, no âmbito da comunidade, por exemplo na transmissão de conhecimentos aos mais novos. São experiências que observámos no micro-espaco de algumas famílias. O objectivo seria lançá-las para a escala da aldeia. Uma estratégia de grande fertilidade sociológica, no aproximar de gerações e no contacto com a memória dos mais velhos. Estruturar um plano capaz de accionar esse mecanismo pressupõe um profundo trabalho de campo para auscultar interesses e necessidades. Na opinião de alguns, serve para matar o tédio, promovendo a criatividade e a valorização humana. Estas iniciativas poderiam ser, se bem dimensionadas, uma forma de combater o afastamento entre as gerações, preservando valores culturais que são de primordial importância para os jovens possuírem capacidade de resistência às malhas da propaganda. Naturalmente que os cursos profissionais adequados aos interesses dos jovens, que cedo abandonaram a Escola, seriam o emergir de novas oportunidades... A comunidade e a Escola : duas esferas em interacção desafiando o futuro.

A mudança seria fruto da simbiose entre os valores culturais e as inovações. Desta interacção resultariam os novos horizontes para a libertação do homem.

Os tempos livres seriam ocupados com actividades mais saudáveis, evitando, por exemplo, o álcool, que é o refúgio de muitos jovens, que assim tentam encontrar uma evasão para os seus problemas e para “matar o tempo”. Seria o nascer de novos projectos pessoais que desempenhariam um papel importante no equilíbrio bio-psico-social. Uma necessidade por nós sentida. Numa das visitas a uma aldeia do concelho, um grupo de jovens, ao ver-nos chegar, abordou-nos desta maneira : “o que vêm cá fazer, dar-nos trabalho?” Ao nosso sinal, a sua ânsia de novidade e o seu olhar brilhante, depressa se sumiram e voltaram novamente para a taberna, para o refúgio. Aqui mostraram-nos a capacidade de solidariedade e facilmente ganhámos a sua amizade, envolvidos pelas histórias, que tão bem sabiam, do contrabando e da guerra civil espanhola. Outro grupo, este de mais idosos, começou-nos a falar da mina e de múltiplas histórias que ainda gravavam nas suas memórias.

Quem sabe, talvez este património, que as memórias salvaram possa interessar a antropólogos, escritores e, mais tarde servir de matéria prima para peças teatrais. Uma forma de dar a conhecer a cultura do concelho.

Os jogos tradicionais já assumiram um papel muito importante no encontrar desse equilíbrio psico-social, preenchendo os tempos livres. Apresentavam aspectos formativos fundamentais para o desenvolvimento humano nos domínios cognitivo, afectivo e psicomotor. A Escola poderá aproveitar o valor formativo dos jogos, danças e cantares e tornar-se um veículo de transmissão de um património que vai desaparecendo com a morte dos mais velhos.

Que soluções para aquelas famílias cuja subsistência assenta nos cereais e nos ovinos, quando se extinguirem os subsídios Comunitários ? A pobreza agrava a degradação ecológica. Os solos delgados ainda sujeitos a cultivo têm tendência a diminuir a sua capacidade de uso e o sobrepastoreio torna-se também um factor de carga para os ecossistemas, especialmente nos anos mais secos que são frequentes. As preocupações são evidentes nos comentários de um pequeno agricultor : “ ... aqui as searas são fracas... se não fosse os

subsídios das ovelhas esta miséria passava a fome... mata-se a gente a trabalhar para nada”.

São necessárias medidas urgentes nas estruturas fundiárias, para melhorar o dimensionamento físico e económico das explorações agrícolas, para que possam surgir novas alternativas, tendo, por enquanto, a cerealicultura, pela inércia cultural que lhe está subjacente, ainda lugar entre outras práticas agrícolas. A gestão do recurso “caça” de forma a proporcionar riqueza para as populações, em vez de ser um “quisto” no tecido sócio-económico gerador de conflitos. Impõe-se uma profunda reforma nas estruturas agrárias, a qual deve ser planeada através de estudos técnicos e de uma ampla participação das pessoas.

Enquanto o espaço agrário está enfermo de múltiplas doenças, o concelho apresenta outras potencialidades que estão a abrir os caminhos para um novo ciclo na sua história milenar : o do Turismo.

As raízes histórico-culturais e a riqueza paisagística são os grandes alicerces da atracção turística do concelho de Mértola. A criação da Área de Paisagem Protegida do Vale do Guadiana é fundamental para se continuar a preservar o rico património natural e a potenciar os recursos, gerando empregos, contrariando a tendência crescente para a desertificação humana e elevando a qualidade de vida das populações mais desfavorecidas. Os diferentes núcleos museológicos e os múltiplos locais de interesse paisagístico poderiam ser complementados com a criação de um “Museu do Tempo” que registaria a história da região : dos tempos geológicos, à implantação das comunidades animais e vegetais, aos grupos humanos que se foram instalando até aos nossos dias. Um projecto de grande interesse pedagógico para ser desenvolvido por uma equipa multidisciplinar. Seria dar continuidade ao trabalho de investigação arqueológica que consegue conciliar a atracção histórico-cultural com a criação de empregos, por exemplo através das oficinas de tecelagem e ourivesaria. Aqui projecta-se um desenvolvimento (de dentro para fora), que nasce no seio das populações. Os produtos projectam-se, nalguns casos, em longínquos

mercados. A publicidade é o grande meio para fazer crescer os aderentes a produtos genuínos de alta qualidade, feitos através de processos ancestrais.

O Guadiana, traço de união entre ecossistemas e culturas, foi o eixo estruturante do laboratório natural e cultural do concelho de Mértola. Hoje, que elos pode construir? Talvez a ponte entre o mundo urbano e os valores naturais e culturais de um interior em agonia. É necessário continuar a desenvolver trabalhos de investigação para melhor conhecer e potenciar o “grande rio do sul”, com sérios problemas ecológicos que se manifestam nos rendimentos das escassas famílias de pescadores que ainda lhe vão confiando a subsistência. A variedade e a qualidade do peixe seria uma fonte de riqueza para a população, pela dinamização que poderia proporcionar ao nível dos restaurantes locais e pelos seus reflexos na saúde pública. É urgente atacar com medidas concretas as fontes poluidoras do rio, o que traria vantagens aos dois países que partilham as suas águas. Há que criar soluções, realizar acordos e desenvolver projectos no quadro de uma União Europeia cada vez mais receptiva aos problemas ambientais.

O potenciar dos recursos exige um amplo trabalho científico, daí a proposta de um Centro de Investigação Científica que funcione como o motor do desenvolvimento de toda uma região interior. Aqui estariam em interacção as ciências da Natureza e do Homem, aliadas com um objectivo comum: ajudar a erguer um concelho desvitalizado por forças externas e políticas desajustadas durante longos períodos da sua história, “ pois a nossa vida não depende exclusivamente dos grandes acontecimentos históricos, mas de um conjunto de decisões práticas nas quais nós podemos e devemos participar” (Nazareth, 1988).

O desenvolvimento do turismo pode contribuir para a revitalização de uma agricultura moribunda. Pode-se produzir com qualidade sem quaisquer produtos químicos, sem hormonas, isto é, praticar uma agricultura biológica que

fácilmente terá um mercado assegurado, pois uma maior difusão da informação acerca das vantagens deste tipo de alimentos será, certamente, uma realidade a curto prazo.

É necessário o desenvolvimento duma agricultura biológica que funcione como simbiose entre a tradição e a ciência, pois ambas podem dar importantes contributos. Esta agricultura é fundamental para o turista que aprecia os produtos naturais sem químicos de síntese (fertilizantes e pesticidas) e que se apoia em descobertas científicas recentes principalmente em matéria de nutrição de plantas, de biologia dos solos, de luta anti-parasitária...

Hoje em dia estamos perante uma agricultura extremamente industrializada. Este modelo de produção é simplificador, produtivista e contaminante. Tende a maximizar a quantidade, por vezes para além das possibilidades biológicas, o objectivo é aumentar os quilogramas - hectare. As plantas são débeis e protegidas das adversidades com produtos químicos tóxicos. A selecção genética está feita para produzir plantas que tenham elevado rendimento e com aspecto exterior atractivo. Pouco ou nada se faz para individualizar plantas de maior qualidade que contenham mais proteínas, vitaminas, sais minerais..., úteis ao organismo e que sejam resistentes aos parasitas.

A Universidade tem entre mãos um grande desafio - o de responder às solicitações das comunidades. É necessário adaptar-se a uma nova realidade , o que significa a criação de novos centros de investigação, novos investigadores e novos projectos de investigação.

A agricultura biológica é fundamental na revitalização de áreas em situação pré-desértica, que pretendem criar condições para a fixação do homem, elevando a sua qualidade de vida e melhorar o seu património biológico.

Algumas áreas do concelho de Mértola apresentam boas condições para o desenvolvimento deste tipo de agricultura pela facilidade de acesso a reservas de água superficiais (como por exemplo as áreas em torno das "tapadas " de S. Domingos, como ainda é demonstrado por um grupo de cerca de trinta pessoas que cultivam as suas hortas, bem viçosas no Verão)



Figura 51 Gestos que perpétuam uma ligação à terra e que guardam um “saber” ancestral

A população que ainda está ligada a estas hortas possui um “saber” prático que pode ser aproveitado nos projectos de desenvolvimento, formando com a ciência uma aliança que promova uma mudança para forjar uma nova ligação à terra, com outros produtos. As experiências que estão a ser realizadas nas “Vargens” (atrás mencionadas), poderão constituir o embrião de uma nova agricultura, baseada no potenciar dos recursos vegetais endógenos, por exemplo através do cultivo de plantas aromáticas para extracção de óleos. Estas experiências exigem uma grande colaboração da ciência e com estudos de mercado que avaliem as possibilidades de escoamento dos produtos. O

desenvolvimento de uma agricultura biológica, na óptica da sustentabilidade, com a não degradação dos recursos naturais e com o aumento da produtividade e conquista de novos mercados seria o revitalizar de um tecido moribundo. Um curso profissional seria fundamental para lançar os jovens na mudança, que exige o domínio de outras técnicas. Mais uma vez surge a necessidade de uma extensão científica para proporcionar formação agrícola. A mãe de dois jovens salientava-nos a vontade dos seus filhos, que cedo abandonaram a escola para trabalhar a terra, em “tirarem um curso de agricultura”. Afinal queriam dar continuidade aos conhecimentos práticos que foram adquirindo com a experiência dos mais velhos.

A arte de sobrevivência ao longo de gerações sucessivas funcionou, em muitos casos, na base da pluriactividade. Produziam cereais, cultivavam legumes, criavam galinhas, engordavam o porco, apascentavam ovelhas e cabras, cuidavam das árvores. Este ciclo de produção era complementado pelo da transformação : a farinha converte-se em pão, o leite em queijo e almece, o porco em enchidos, a azeitona em azeite, a amêndoa, o figo e os ovos em doces, a lã em mantas... A pluriactividade constituiu no passado, uma estratégia de sobrevivência para as comunidades humanas mais pobres da Serra. Esta base cultural pode ser potenciada através do Turismo. Assim, podem surgir indústrias alimentares caseiras e semi-industriais, conservas de produtos agrícolas, oficinas (transformação das matérias primas locais), de serviços de hotelaria e similares de pequena dimensão. Estas mudanças na estrutura produtiva tornam possível o emergir de um terciário de apoio à planificação, gestão da produção, etc. A formação profissional seria fundamental, da agricultura biológica, às culinárias e aos serviços de hotelaria. Nos vários domínios deve-se recorrer às tecnologias leves ou intermédias para ultrapassar os obsoletos processos de fabrico de modo a possibilitar um trabalho mais rentável e racional.

As experiências efectuadas mostram que o culto da competitividade, da “guerra económica” praticados à imagem dos países mais desenvolvidos da Europa Ocidental, não se encaixam no modo de estar do homem mediterrânico, de feição rural. Para ele existem outros valores mais importantes, como sejam a solidadiedade, a ligação à terra. O desenvolvimento deve atender a este padrão cultural, a esta forma de viver que privilegia a vertente humana.

A mudança agrícola pressupõe um novo sistema de cultura (novos produtos e formas de cultivo) que se ajuste aos aspectos humanos, ainda enraizados nalgumas comunidades. Seria o emergir de estruturas cooperativistas, no seio de comunidades alicerçadas na solidariedade, de capital importância para a elevação do rendimento da população que vive da, pela e para a agricultura. Um meio de os fortalecer economicamente e dignificar socialmente.

Neste processo de transformação do espaço agrário deve salientar-se a importância da reflorestação com espécies autóctones para restabelecer o equilíbrio dos ecossistemas e conduzir ao desenvolvimento de pluriactividades (desde a criação de gado ovino até à apicultura).

Uma parte do concelho de Mértola ainda é propriedade privada (S. Domingos e o Pomarão). A Câmara Municipal de Mértola e as populações têm revelado muito empenho na resolução do problema, pois interesses externos estão a bloquear a materialização do Plano de Urbanização já aprovado oficialmente. As intenções da Empresa “La Sabina” têm sido guiadas por avanços e recuos que nos levam a interrogar sobre os seus reais interesses. A sombra do passado continua a moldar o futuro. Trata-se de um enclave estrangeiro no concelho de Mértola. Últimamente têm-se verificado alguns progressos nas negociações entre a empresa mineira e a Câmara de Mértola. Os acordos obtidos visam a possibilidade da compra das habitações por parte das populações. Contudo ainda há um longo caminho negocial a percorrer para desbloquear completamente esta situação.

Na aldeia de S. Domingos, a calma, o silêncio e a paisagem envolvente transmitem a serenidade. A sua “linguagem silenciosa” (Hall, 1994) transmite a força intelectual. Os símbolos de uma época e de uma cultura de elevado nível técnico - científico ficaram gravados neste espaço. A povoação continua a ser muito visitada por intelectuais de diferentes domínios. O que os atrai ? A investigação ! Porque não potenciar este recurso ? Este pólo de atracção poderia ver implantado um Centro de Investigação Científica dinamizador de um interior em agonia. As novas tecnologias da informação poderiam contribuir para vencer a barreira do isolamento, possibilitando um acesso a bancos de dados distantes e facilitando os contactos. Seria a descentralização do “saber”. Contudo esta mudança implicaria também o emergir duma nova forma de estar na ciência. A realização profissional e pessoal passaria, não pela obtenção de um lugar na esfera das elites e das influências, mas no colocar da ciência ao serviço da solução dos problemas das regiões e dos grupos sociais mais carenciados. Um Centro desta natureza seria incompatível com um grande projecto turístico que, certamente, iria alterar o rosto da povoação.

Impõem-se grandes mudanças estruturais e apoios técnicos e financeiros para construir um desenvolvimento de rosto humano, de “dentro para fora”, tendo em conta as necessidades e os anseios das populações. Os problemas humanos estão todos imbricados numa complexa teia de relações. Os projectos Comunitários criaram uma dinâmica que é necessário ampliar através de novas candidaturas, de novos projectos. A grande amplitude dos problemas humanos exige o desenvolvimento de projectos que induzam um dinamismo em cadeia com ampla repercussão nas vertentes, económica, social, cultural, ecológica. Dar a conhecer, aos órgãos competentes da União Europeia e à população do espaço Europeu, as potencialidades naturais e culturais do Alentejo é uma forma de promover a região. Contudo também interessa evidenciar as suas necessidades, os anseios, os projectos em curso e as insuficiências financeiras para os concretizar.



O mundo tem caminhado a passos largos para a homogeneização, reduzindo a diversidade cultural. Algumas iniciativas que se erguem no concelho de Mértola contrariam esta tendência, pois tentam potenciar as suas riquezas intrínsecas, criando um desenvolvimento para as pessoas e com elas. Estas acções surgem num espaço periférico e durante longas décadas marginalizado, no seio de um mundo que pretende caminhar no sentido da sustentabilidade e de uma Europa Comunitária que pretende ver esbatidas as grandes assimetrias entre regiões. Estas forças constituem razões fortes para lhe serem atribuídos mais apoios técnicos e financeiros. É necessário fazer sentir a outras regiões a especificidade do binómio natureza - cultura do Alentejo e do concelho de Mértola. Nesta linha estão a ter lugar iniciativas junto do Parlamento Europeu. Nesse (Alentejo na Europa), “Cláudio Torres profere uma conferência sobre a arqueologia no Alentejo” (45). É a expansão de uma cultura que deve mostrar o seu rosário de ensinamentos e a sua capacidade de tolerância a uma Europa com múltiplos conflitos internos. Quem sabe, talvez seja um contributo para o forjar de novos valores... O Alentejo tornar-se-ia no irradiador cultural, rasgando novos horizontes ao mundo.

O desenvolvimento do concelho de Mértola, na óptica da sustentabilidade, está intrinsecamente ligado ao dos concelhos envolventes, pois numa perspectiva de turismo cultural interessa criar um conjunto assinalável de focos na óptica da complementaridade. Aqui estão outros campos de estudo que merecem ser objecto de atenção por parte dos investigadores.

Para que as futuras gerações não fiquem condicionadas nas suas opções, o desenvolvimento deve assentar na lógica da potenciação dos recursos naturais, sem destruir os ecossistemas, e da valorização do homem.

O homem e os recursos naturais - um binómio a construir pelo entrelaçar de raízes culturais, de inovações geradas pelas diferentes ciências e pela participação activa das populações.

O desenvolvimento deve resultar da aliança entre a tradição e a inovação, pois

(45) “Diário do Alentejo” 10 de Maio de 1996, pp. 28.

ambas possuem algumas qualidades que, utilizadas de forma interactiva, podem dar a possibilidade aos seres humanos de viver plenamente. Na construção dessa ponte, as escolhas a efectuar são de primordial importância no quadro do desenvolvimento sustentado.

Esta forma de abordagem da realidade, mobiliza grande diversidade de conteúdos e suscita tal complexidade de relações que, ao concluirmos este trabalho, ficamos com a sensação de estar a iniciá-lo, tal é a vastidão das problemáticas que gravitam no seio da temática da sustentabilidade num espaço dos mais carenciados da União Europeia, mas com grandes potencialidades naturais e culturais.

No nosso modesto trabalho enunciaram-se alguns campos de pesquisa. Na óptica da sustentabilidade o caminho está aberto para outros investigadores continuarem a desenvolver a visão global e interactiva, própria da Ecologia Humana..

As transformações a realizar são de tal amplitude que podem abrir as portas à incerteza...Contudo, a intrínseca necessidade de gerar respostas às adversidades leva-nos a dialogar com o futuro !

“... que teria sido do Homem, desde o início da sua caminhada multimilenar, sem a Utopia” ?

(Pessoa, 1985)

Bibliografia

- Abreu, Maurício; Fernandes, José Manuel, “Rios de Portugal”, Gradiva, Lisboa, 1990.
- Acot, Pascal, “ História da Ecologia”, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1990
- “Agricultura Biológica y otras alternativas en el medio rural”; Ponencias del II congreso International; Universidade Politecnica de Madrid, 1990.
- Amaro, Rogério R. , “As Novas Oportunidade do Desenvolvimento Local”, in Revista Rede, Nº11, 1994, pp. 15-22.
- Barros, Henrique de, “ A Cooperação Agrícola”, Livros Horizonte, Lisboa, 1970
- Bastos, Cristiana; “Os Montes do Nordeste Algarvio”, Edição Cosmos, Lisboa, 1993.
- Barrere, Martine; “A Terra - Património Comum”, Instituto Piaget, 1992.
- Boletins da Associação de Defesa do Património de Mértola; Set. de 1992, Agosto de 1993; Julho de 1994.
- Boletim “Curso de Técnicos de Turismo Cultural”, C. A. Mértola, Julho de 1993.
- Boletim “ A rota do Guadiana”; Associação de Desenvolvimento Integrado; nº 2, Set. de 1994.

- Borden, Richard, J. ; "Human Ecology - A Gathering of Perspectives"; University of Maryland, 1985.
- Caldas, Eugénio, C. ; "A Agricultura no Limiar da Reforma Agrária", Instituto Gulbenkian da Ciência; Oeiras, 1978.
- Campbel, Bernard; "Ecologia Humana", Edições 70, Lisboa, 1988
- Carapeto, Joaquim, " Portugal Coutado - Que Desenvolvimento ?", in Revista Rede, Dez. de 1993.
- Casimiro, Pedro, J. C.; "Geo - Biografia das Mudanças de Uso do Solo - Concelho de Mértola", Lisboa, 1993.
- Cavaco, Carminda, "Da Integração na PAC ao Turismo Cinegético", in Revista "Inforgeo", Associação Portuguesa de Geografos, Edições Colibri, Lisboa, 1993.
- Cavaco, Maria H.; "A Educação Ambiental para o Desenvolvimento", Escolar Editora; Lisboa, 1992.
- Cerisola, C. I. ; "Lecciones de Agricultura Biológica; Edición Mundi Prensa; Madrid, 1989.
- Comissão de Coordenação da Região Alentejo, "Manual de Apoio ao Investigador na Região Alentejo, 1991
- Comissão Mundial do Ambiente e do Desenvolvimento, "O Nosso Futuro Comum", Meribérica / Liber, Lisboa, 1991.

- Costa, Ribeiro; Jesus, Henrique B.; “O Papel do Coberto Vegetal no Planeamento Ambiental Mediterrânico - Resumo do Projecto MEDASPA - COVEPLAN, U. Nova de Lisboa, 1994.
- Cotrim, João P.; “De Planeta nas Mãos - No Pós Eco-92”; Edições Colibri, Lisboa, 1993.
- Cravidão, Fernanda D., Cunha, Lúcio, “Ambiente e Práticas Turísticas em Portugal”, in Revista “Inforgeo”, Associação Portuguesa de Geógrafos, Edições Colibri, Lisboa, 1993, pp. 85-91
- Cuéllar, Javier P., “Cultura e Desenvolvimento : Uma Nova Aliança”, in Revista Fontes UNESCO, nº 58, 1994,
- Cuisin, Michel; “O que é a Ecologia ? “; Horizonte Universitário; 1981
- Cutileiro, José; “Ricos e Pobres no Alentejo”; Sá da Costa; Lisboa; 1977
- Deléage, Paul, “História da Ecologia”, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1993.
- Dias, Jorge, “Rio de Onor : Comunitarismo Agro- Pastoril, Instituto de Alta Cultura, Porto, 1953.
- “Do Desenvolvimento Rural ao Desenvolvimento Local”; Programa das Artes e Ofícios Tradicionais; Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa, 1994.
- Domingos, Heitor; “ Recordações - Da Mina ao Pomarão”, 1ª Edição, Lisboa, 1995.

- Feio, Mariano, " Os Terraços do Guadiana a Jusante do Ardila", Instituto de Alta Cultura - Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1947.
- Feio, Mariano, " A Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve - Estudo de Geomorfologia", Lisboa, 1952
- Ferreira, António, B, e outros "A Erosão do Solo e a Intervenção do Homem no Portugal Mediterrâneo"; CEG, Lisboa, 1993.
- Fisher, Gustave N., " Psicologia Social do Ambiente", Perspectivas Ecologicas, Lisboa, 1994.
- Fonseca, Manuel da,"Seara de Vento", Caminho, Lisboa,1984.
- Garcia, João Carlos; Navegabilidade e Navegação no Baixo Guadiana"; CEG; Lisboa, 1982.
- Hall, Edward T., "A Dimensão Oculta", Relógio D`água Editores, Lisboa, 1986
- Hall, Edward t., "A linguagem Silenciosa", Relógio D`água Editores, Lisboa, 1994.
- Iturra, Raul; "A Construção Social do Insucesso Escolar", Lisboa, 1990.
- Iturra, Raul, "Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra - Ensaios de Antropologia Social sobre o Insucesso Escolar", Edição Escher, Lisboa, 1990.

- Lima, Araujo, " Ecologia Humana - Realidade e Pesquisa", Editora Vozes, Petrópolis, 1984.
- Macias, Santiago, "Alimentação Popular na Idade Média - O Caso de Mértola", in Revista Rede, Nº 11, 1994, pp. 26-27.
- Luzia, Ângela; Magalhães, Isabel; Torres, Claudio; "Mantas Tradicionais do Baixo Alentejo", CAM, 1984.
- McGranaham, Donald," Mesure du développement : recherches effectuées par l'Institut de recherche des Nations Unies pour le développement social, in Revue Internationale des Sciences Sociales, Unesco, Erès, 1995, pp. 51 - 73
- Malveiro, Maria I. L.; "Desertificação e Dinâmica Populacional no Concelho de Mértola - Uma Perspectiva Ecológica"; Évora, 1990.
- Marques, Felicidade P.; "Alguns Aspectos Sociais da Região Mineira de S. Domingos"; Beja, 1947.
- Melo, João J. ; Pimenta, Carlos; "O que é a Ecologia ? ", Difusão cultural, 1993.
- Nazareth, Joaquim M.; "Demografia e Ecologia Humana" in Análise Social, volume XXVIII, 1993.
- Nazareth, Joaquim M., "Unidade e Diversidade da Demografia Portuguesa no Final do Século xx", Gulbenkian, Lisboa, 1988.

- Nogueira, João C.; Ferro, Pedro, "Portugal Passo a Passo - Alto-Alentejo e Baixo Alentejo", Edita S.A.E.P.A., Madrid, 1995.
- Odum, Eugene P. ; "Fundamentos de Ecologia"; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979.
- Oliveira, Rosário; "Ecomuseu do Guadiana em Mértola : Sua Implementação numa Perspectiva de Desenvolvimento Integrado, Évora, 1994.
- Oliveira, Rosário; "Contributos para Preservação e Valorização do Património Natural do Troço Médio do Vale do Guadiana"; ADPM; 1966.
- Pena, António; Gomes, Luís; Cabral, José; "Fauna e Flora de Mértola - Uma Perspectiva Ecológica"; CAM, Câmara Municipal de Mértola, 1985
- Pessoa, Fernando; "Ecologia e Território, Regionalização, Desenvolvimento e Ordenamento do Território numa perspectiva ecológica", Edições Afrontamento, Porto, 1985
- Plano Geral de Urbanização da Mina de S. Domingos - Pomarão, Câmara Municipal de Mértola, 1994.
- Plano de Actividades - Ano -95
Associação de Defesa do Património de Mértola
- "Por Terras de Portugal", Selecções do Reader `s Digest, Lisboa, 1985.
- Plano Director Municipal de Mértola - "Estudos Prévios de Demografia e Povoamento", C. M. Mértola, 1992.

- Rego, Francisco, “Análise de Sistemas e Simulação em Ciências do Ambiente” - Apontamentos no âmbito da cadeira de Análise de Sistemas e Modelação Ecológica, Universidade de Évora, 1995.
- Relatório do Desenvolvimento Humano - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Tricontinental Editora, Lisboa; 1994.
- Relatório do Desenvolvimento Humano - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Tricontinental Editora, Lisboa, 1995
- Revez, Jorge; Oliveira, Rosário; “ As Reservas de Caça no Concelho de Mértola - o proposto e o existente”, Mértola, 1992
- Revista “Arqueologia Medieval”, Nº 3, Campo Arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento , 1993.
- Ribeiro, Manuel, “A Planície Heróica”, Guimarães & Editores, Lisboa, 1979.
- Ribeiro, Orlando; “Introdução ao Estudo da Geografia Regional; Edições João Sá da Costa; Lisboa, 1987.
- Ribeiro, Orlando; Lautensach, Herman; “Geografia de Portugal”, Volumes I, II, III e IV; Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1988.
- Ribeiro, Orlando, “Mediterrâneo - Ambiente e Tradição”, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1985.

- Rocho, Maria José; “A Acção Antrópica no Processo de Degradação dos Solos - A Serra de Serpa e Mértola; Lisboa, 1994
- Sachs, Ignacy, “ Le quantitatif et le qualitatif - Quelques questions sur les enjeux et les limites de la mesure du développement”, in Revue Internationale des Sciences Sociales, Unesco, Èrès, 1995, pp. 9 -19
- Serafy, El Salah, “Mesurer le développement : le rôle de la comptabilité écologique”, in Revue Internationale des Sciences Sociales, Unesco, Erès, 1995, pp. 75-89.
- Simões, José, M. “Um Olhar sobre o Turismo e o Desenvolvimento Regional”, in Revista “Inforgeo”, Associação Portuguesa de Geografos, Edições Colibri, Lisboa, 1993, pp.71-82
- Sotero, António D.; “Monografia de Montes Altos”; Centro Social de Montes Altos, 1995.
- “Stella II - An Introduction to Systems Thinking”, Hanover, 1994
- Streeten, Paul, “ Le développement humain : le débat autour de l`indicateur” in Revue Internationale des Sciences Sociales, Unesco, Èrès, 1995, pp. 35-49.
- Teixeira, José Afonso; “Emprego nos Serviços e Polarização Interregional em Portugal”, Lisboa, 1987
- Torres, Cláudio; Alves da Silva , Luís; “Mértola - Vila Museu, 2ª Edição, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola; 1989

- Veiga, João Conde; Cabrita, Augusto, "Os mais belos rios de Portugal", Editorial Verbo, Lisboa, 1994.
- Vieira, Ricardo, " Entre a Escola e o Lar", Edição Escher, Lisboa, 1992

FONTES

- Estatísticas Demográficas - I. N. E.
- Recenseamentos Gerais da População - I. N. E.
- Breves Apontamentos sobre o Concelho de Mértola - Serviços Sócio-Culturais da Câmara Municipal de Mértola.
- Estatísticas Agrícolas - I. N. E.
- Programa Informático - "Stella II"
- Anuário Climatológico
- Diário da República

ANEXOS

As equações do Modelo utilizado no programa Informático : "Stella II "

$$\text{pop_0_14}(t) = \text{pop_0_14}(t - dt) + (\text{nat} - \text{pes_14_15} - \text{mort_0_14} - \text{saldo_mig_0_14}) * dt$$

$$\text{INIT pop_0_14} = 1497$$

INFLOWS:

$$\text{nat} = \text{tn} * \text{pop_total}$$

OUTFLOWS:

$$\text{pes_14_15} = (1/14) * \text{pop_0_14}$$

$$\text{mort_0_14} = 0.001 * \text{pop_0_14}$$

$$\text{saldo_mig_0_14} = 0.5 * \text{saldo_mig_15_24} + 1 * \text{saldo_mig_25_64}$$

$$\text{pop_15_24}(t) = \text{pop_15_24}(t - dt) + (\text{pes_14_15} - \text{pes_24_25} - \text{mort_15_24} - \text{saldo_mig_15_24}) * dt$$

$$\text{INIT pop_15_24} = 1254$$

INFLOWS:

$$\text{pes_14_15} = (1/14) * \text{pop_0_14}$$

OUTFLOWS:

$$\text{pes_24_25} = (1/9) * \text{pop_15_24}$$

$$\text{mort_15_24} = 0.001 * \text{pop_15_24}$$

$$\text{saldo_mig_15_24} = 0.012 * \text{pop_15_24}$$

$$\text{pop_25_64}(t) = \text{pop_25_64}(t - dt) + (\text{pes_24_25} - \text{pes_64_65} - \text{saldo_mig_25_64} - \text{mort_25_64}) * dt$$

$$\text{INIT pop_25_64} = 4423$$

INFLOWS:

$$\text{pes_24_25} = (1/9) * \text{pop_15_24}$$

OUTFLOWS:

$$\text{pes_64_65} = (1/39) * \text{pop_25_64}$$

$$\text{saldo_mig_25_64} = 0.012 * \text{pop_25_64}$$

$$\text{mort_25_64} = 0.010 * \text{pop_25_64}$$

$$\text{pop_64}(t) = \text{Pop_64}(t - dt) + (\text{pes_64_65} - \text{mort_64}) * dt$$

$$\text{NIT Pop_64} = 2631$$

INFLOWS:

$$\text{pes_64_65} = (1/39) * \text{pop_25_64}$$

OUTFLOWS:

$$\text{mort_64} = 0.045 * \text{Pop_64}$$

$$\text{env_pop} = \text{Pop_64} / \text{pop_0_14}$$

$$\text{pop_total} = \text{pop_0_14} + \text{pop_15_24} + \text{pop_25_64} + \text{Pop_64}$$

$$n = \text{GRAPH}(\text{time})$$

$$(1991, 0.00655), (1992, 0.00602), (1993, 0.00602), (1994, 0.00592), (1995, 0.00592), (1996, 0.00582), (1997, 0.0057), (1998, 0.0057), (1999, 0.00562), (2000, 0.00542), (2001, 0.00515), (2002, 0.005), (2003, 0.005), (2004, 0.005), (2005, 0.00467), (2006, 0.00467), (2007, 0.00465), (2008, 0.00437), (2009, 0.00422), (2010, 0.004)$$

A tabela demonstra a variação da população no período compreendido entre os anos (1991 e 2010), assim como o grau de envelhecimento .

Years	env pop	Pop 64	pop 0 14	pop total
1991	1,76	2.631,00	1.497,00	9.805,00
1992	1,89	2.626,02	1.392,20	9.575,12
1993	2,03	2.619,42	1.289,60	9.342,39
1994	2,19	2.611,25	1.194,22	9.112,11
1995	2,36	2.601,51	1.104,65	8.883,53
1996	2,54	2.590,21	1.021,46	8.657,75
1997	2,73	2.577,38	943,36	8.434,04
1998	2,95	2.563,04	869,85	8.212,37
1999	3,18	2.547,21	801,69	7.993,96
2000	3,43	2.529,91	737,95	7.778,31
2001	3,71	2.511,17	677,38	7.564,59
2002	4,02	2.491,03	619,29	7.352,40
2003	4,37	2.469,51	564,55	7.142,85
2004	4,76	2.446,68	514,06	6.937,16
2005	5,18	2.422,56	467,54	6.735,38
2006	5,67	2.397,20	422,51	6.535,38
2007	6,22	2.370,66	381,14	6.339,46
2008	6,83	2.342,99	343,00	6.147,49
2009	7,55	2.314,24	306,34	5.957,98
Final	8,40	2.284,47	271,89	5.771,79

